

enceja

ENCCEJA
ENSINO FUNDAMENTAL
LIVRO DO ESTUDANTE

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

EXAME NACIONAL PARA CERTIFICAÇÃO
DE COMPETÊNCIA DE JOVENS E ADULTOS



enceja

HISTÓRIA E GEOGRAFIA



- República Federativa do Brasil
- Ministério da Educação
- Secretaria Executiva
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- Diretoria de Avaliação para Certificação de Competências

História e Geografia

Livro do Estudante
Ensino Fundamental



História e Geografia

Livro do Estudante
Ensino Fundamental

Brasília
MEC/INEP
2006

© O MEC/INEP cede os direitos de reprodução deste material às Secretarias de Educação, que poderão reproduzi-lo respeitando a integridade da obra.

Coordenação Geral do Projeto
Maria Inês Fini

Coordenação de Articulação de Textos do Ensino Fundamental
Maria Cecília Guedes Condeixa

Coordenação de Texto de Área
Ensino Fundamental
História e Geografia
Antonia Terra de Calazans Fernandes

Leitores Críticos

Área de Psicologia do Desenvolvimento
Márcia Zampieri Torres
Maria da Graça Bompastor Borges Dias
Leny Rodrigues Martins Teixeira
Lino de Macedo

Área de História e Geografia
Área de Ciências Humanas e suas Tecnologias
Paulo Celso Miceli
Raul Borges Guimarães
Nídia Nacib Pontuschka
Modesto Florenzano

Diretoria de Avaliação para Certificação de Competências (DACC)
Equipe Técnica
Ataide Alves – Diretor
Alessandra Regina Ferreira Abadio
Célia Maria Rey de Carvalho

Ciro Haydn de Barros
Clediston Rodrigo Freire
Daniel Verçosa Amorim
David de Lima Simões
Dorivan Ferreira Gomes
Érika Márcia Baptista Caramori
Fátima Deyse Sacramento Porcidonio
Gilberto Edinaldo Moura
Gislene Silva Lima
Helvécio Dourado Pacheco
Hugo Leonardo de Siqueira Cardoso
Jane Hudson Abranches
Kelly Cristina Naves Paixão
Lúcia Helena P. Medeiros
Maria Cândida Muniz Trigo
Maria Vilma Valente de Aguiar
Pedro Henrique de Moura Araújo
Sheyla Carvalho Lira
Suely Alves Wanderley
Taíse Pereira Liocádio
Teresa Maria Abath Pereira
Weldson dos Santos Batista

Capa
Marcos Hartwich

Ilustrações
Raphael Caron Freitas

Coordenação Editorial
Zuleika de Felice Murrie

H673 História e Geografia : livro do estudante : ensino fundamental / Coordenação : Zuleika de Felice Murrie. – 2. ed. – Brasília : MEC : INEP, 2006.
178p. ; 28cm.

1. História (Ensino fundamental). 2. Geografia (Ensino fundamental). I. Murrie, Zuleika de Felice.

CDD 372.89

Sumário

Introdução	8
Capítulo I	
Confrontos sociais e território nacional	11
<i>Dora Shellard Corrêa</i>	
Capítulo II	
Mudanças no espaço geográfico do Brasil.....	27
<i>Gilberto Pamplona da Costa</i>	
Capítulo III	
O valor da memória	43
<i>Denise Gonçalves de Freitas</i>	
Capítulo IV	
Cidadania e democracia	63
<i>Antônio Aparecido Primo - Nico</i>	
Capítulo V	
Movimentos políticos pelos direitos dos índios	83
<i>Adriane Costa da Silva</i>	
Capítulo VI	
A cidade e o campo no Brasil contemporâneo	105
<i>Roberto Giansanti</i>	
Capítulo VII	
As sociedades e os ambientes	125
<i>Hugo Luiz de Menezes Montenegro</i>	
Capítulo VIII	
A organização econômica das sociedades na atualidade	143
<i>Sônia Maria Vanzella Castellar</i>	
Capítulo IX	
Estado e democracia no Brasil	161
<i>Jaime Tadeu Oliva</i>	





Introdução

Este material foi desenvolvido pelo Ministério da Educação com a finalidade de ajudá-lo a preparar-se para a avaliação necessária à obtenção do certificado de conclusão do **Ensino Fundamental** denominada ENCCEJA – Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos.

A avaliação proposta pelo Ministério da Educação para certificação do **Ensino Fundamental** é composta de 4 provas:

1. Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física
2. Matemática
3. História e Geografia
4. Ciências

Este exemplar contém as orientações necessárias para apoiar sua preparação para a prova de **História e Geografia**.

A prova é composta de 45 questões objetivas de múltipla escolha, valendo 100 pontos.

Este exame é diferente dos exames tradicionais, pois buscará verificar se você é capaz de usar os conhecimentos em situações reais da sua vida em sociedade.

As competências e habilidades fundamentais desta área de conhecimento estão contidas em:

- I. Compreender processos sociais utilizando conhecimentos históricos e geográficos.
- II. Compreender o papel das sociedades no processo de produção do espaço, do território, da paisagem e do lugar.
- III. Compreender a importância do patrimônio cultural e respeitar a diversidade étnica.
- IV. Compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, de forma a favorecer uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.
- V. Compreender o processo histórico de ocupação do território e a formação da sociedade brasileira.
- VI. Interpretar a formação e organização do espaço geográfico brasileiro, considerando diferentes escalas.
- VII. Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente.
- VIII. Compreender a organização política e econômica das sociedades contemporâneas.
- IX. Compreender os processos de formação das instituições sociais e políticas a partir de diferentes formas de regulamentação das sociedades e do espaço geográfico.

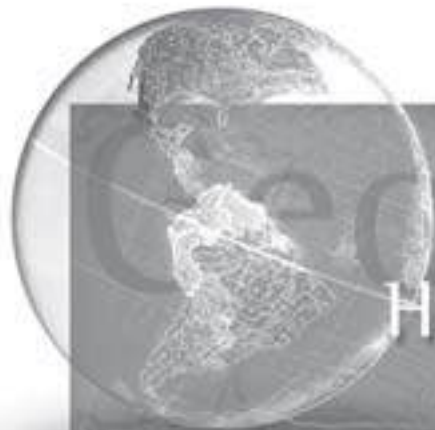
Os textos que se seguem pretendem ajudá-lo a compreender melhor cada uma dessas nove competências. Cada capítulo é composto por um texto básico que discute os conhecimentos referentes à competência tema do capítulo. Esse texto básico está organizado em duas colunas. Durante a leitura do texto básico, você encontrará dois tipos de boxes: um box denominado de *desenvolvendo competências* e outro, de *texto explicativo*.

O box *desenvolvendo competências* apresenta atividades para que você possa ampliar seu conhecimento. As respostas podem ser encontradas no fim do capítulo. O box de *texto explicativo* indica possibilidades de leitura e reflexão sobre o tema do capítulo.

O texto básico está construído de forma que você possa refletir sobre várias situações-problema de seu cotidiano, aplicando o conhecimento técnico-científico construído historicamente, organizado e transmitido pelos livros e pela escola.

Você poderá, ainda, complementar seus estudos com outros materiais didáticos, freqüentando cursos ou estudando sozinho. Para obter êxito na prova de **História e Geografia** do ENCCEJA, esse material será fundamental em seus estudos.





Geografia

História e Geografia

Ensino Fundamental

Capítulo I

CONFRONTOS SOCIAIS E TERRITÓRIO NACIONAL

COMPREENDER PROCESSOS SOCIAIS UTILIZANDO
CONHECIMENTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS.

Dora Shellard Corrêa

Capítulo I

Confrontos sociais e território nacional

ÍNDIOS DIVULGAM DOCUMENTO

ELES DECLARAM QUE O BRASIL TEM “UMA HISTÓRIA INFAME” E EXIGEM A DEMARCAÇÃO DAS TERRAS

Chefes indígenas reunidos em Santa Cruz de Cabrália, na Bahia, declararam que os 500 anos festejados no sábado são, na verdade, “uma história infame” e anunciaram a união de seu movimento ao dos negros e dos sem-terra, em uma “luta de resistência”. Mais de três mil chefes indígenas, representando 140 tribos, se reuniram numa chamada “anticelebração” da descoberta do Brasil. Eles redigiram uma declaração de 20 pontos, na qual sintetizam suas exigências “ao Estado brasileiro”. (...) A declaração é extensa e reúne muitas exigências antigas já apresentadas pelos indígenas. A primeira delas diz respeito às terras, que eles querem que sejam demarcadas até o final deste ano. Essas terras foram asseguradas aos índios na Constituição de 1988 e representam, no total, um oitavo da extensão territorial do Brasil.

Associated Press. *Índios divulgam documento*. 22 de abril de 2000.
Disponível em: <<http://www.clajadep.hpg.ig.com.br/ba73.htm>>. Acesso em: 22 de jul. 2002.

APRESENTAÇÃO

Durante o ano de 2000, inúmeras foram as comemorações dos 500 anos do “descobrimento” do Brasil e muitas as críticas ao que essa data significou. Os índios sempre questionaram esses cinco séculos. A sociedade brasileira, constituída sobre a destruição dos povos indígenas, não tinha o que comemorar.

A notícia da *Associated Press* foi uma das muitas publicadas. Ela diz que a data 1500 se resume à descoberta de terras que Cabral encontrou ocupadas milenarmente por vários povos de culturas diversas. Assim, 1500 marca o início de uma invasão. Essa é a história. O Brasil foi construído sobre sociedades e terras indígenas.

Tal realidade, bem como a existência há milhares de anos das populações indígenas da América, deveriam ser discutidas nas escolas. Outra

reivindicação central da declaração dos 3.000 chefes foi a demarcação de todas as terras dos índios e a retirada dos invasores das áreas já demarcadas.

Apesar de hoje serem reconhecidos os direitos dos índios à terra, bem como a importância da preservação de suas diversas culturas para o próprio desenvolvimento do Brasil, ainda são noticiados casos de extermínios de populações e de contínuas invasões das terras. Isso é porque, como a notícia demonstra, os povos indígenas continuam resistindo e mostrando que discutir o território brasileiro é falar em terra de índio. Este é o tema deste capítulo: **Confrontos sociais e território nacional**.

AS POPULAÇÕES INDÍGENAS HOJE

Em 1999, havia no Brasil 378.000 índios concentrados, em grande parte, na região amazônica, falando cerca de 180 línguas diferentes. Acredita-se que, em 1500, existiam por volta de 6.000.000 a 10.000.000 índios em área hoje brasileira, divididos em mais de 200 tribos.

DIREITOS DOS ÍNDIOS

Desde que você nasceu, o Brasil mantém as mesmas fronteiras políticas. Aliás, uma das últimas grandes alterações de nosso mapa foi em 1903. Naquele ano, o Acre, que estava incorporado à Bolívia, foi anexado ao Brasil.

Na América Latina, ao longo do século XX (vinte), podemos observar poucas transformações de fronteiras, se compararmos com outros continentes. As tensões sociais que a América enfrenta hoje têm suas raízes no processo de colonização empreendido por espanhóis e portugueses. Os povos ocupantes originais da América, a partir de 1492, denominados de índios pelos primeiros europeus, submetidos, escravizados, mortos, impedidos de professarem suas religiões, de manterem seus costumes e obrigados a se portarem e se vestirem como os europeus, começaram a perder suas terras. Mesmo assim, apesar de mais de 500 anos de domínio, da diminuição drástica da população e da dizimação de muitos deles, esses povos continuam lutando pela preservação de suas culturas, de seus direitos e suas terras.

No caso do Brasil, somente a partir da Constituição promulgada em 1988, foi reconhecido, oficialmente, o direito dos índios a

preservar sua organização social, costumes, línguas, tradições e crenças, cabendo ao governo apoiar, incentivar e respeitar suas manifestações culturais e impedir a sua destruição. Até a década de 1970, o Estado brasileiro desenvolvia uma política que objetivava assimilar o índio, ou seja, integrá-lo, fazê-lo adotar os costumes e a cultura da sociedade nacional, o seu modo de vida. Essa postura desprezava as culturas indígenas e a sua importância para o próprio desenvolvimento do país.

A Constituição de 1988 confirma também o direito dos índios às terras tradicionalmente por eles ocupadas, por serem essenciais para sua sobrevivência física, por meio da produção agrícola e animal, da caça, da pesca e da coleta, bem como necessárias para a sua subsistência cultural. Para os índios, tudo na vida está interligado, da obtenção de alimentos ao conhecimento da flora e fauna, do aprimoramento de técnicas às teorias sobre a origem do mundo. Tudo se relaciona às terras em que vivem. Tal concepção é completamente diferente daquela das sociedades capitalistas, que encaram a terra como uma mercadoria, podendo ser vendida ou arrendada a qualquer momento.



Desenvolvendo competências

1

Leia o mito dos Kaingang sobre a sua origem, coletado e relatado, em 1912, por Kurt Niemandajú, um estudioso das culturas indígenas.

A origem dos Kaingang

A tradição dos Kaingang afirma que os primeiros da sua nação saíram do solo; por isso têm cor de terra. Numa serra, não sei bem onde, no sudeste do estado do Paraná, dizem eles que ainda hoje podem ser vistos os buracos pelos quais subiram. Uma parte deles permaneceu subterrânea; essa parte se conserva até hoje lá e a ela se vão reunir as almas dos que morrem, aqui em cima. Eles saíram em dois grupos chefiados por dois irmãos, Kanyerú e Kamé, sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe consigo um grupo de gente. Dizem que Kanyerú e toda a sua gente eram de corpo delgado, pés pequenos, ligeiros, tanto nos seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. Kamé e seus companheiros, pelo contrário, eram de corpo grosso, pés grandes e vagarosos nos seus movimentos e resoluções.

Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 21, p. 86, 1986.

Como os Kaingang concebem a sua origem e a importância que suas terras tradicionais têm em termos culturais?

Observe que a saída dos homens por buracos do solo aconteceu num tempo indeterminado ainda não encerrado. Parte dos Kaingang ainda se conserva subterrânea, e a ela se unem as almas dos que morrem aqui, sobre a terra. Ou seja, essas terras são fundamentais para eles, de onde vieram, de onde ainda podem vir outros grupos de Kaingang, e para onde retornam as suas almas. Note que, embora a localização dos buracos pelos quais os grupos chefiados por Kanyerú e por Kamé subiram à superfície não seja precisa, está claro que o local existe concretamente, no sudeste do estado do Paraná. Portanto, essas terras têm que ser preservadas.

A Constituição de 1988 estipulou cinco anos para que todas as terras indígenas fossem demarcadas. Entretanto, até 2000, de um total de 592 áreas, a maior parte na região Norte - nos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins e no Centro-Oeste - no estado do Mato Grosso - apenas 310 áreas (52%) estavam regularizadas, ou seja, reconhecidas por ato oficial do presidente da República e registradas em cartório público.

Essa demora na demarcação e regularização fundiária tem favorecido a contínua invasão das terras indígenas, o que resulta em conflitos com muitas vítimas entre os índios. Por isso, são recorrentes os protestos dos grupos indígenas, reivindicando a demarcação imediata de suas terras.



Desenvolvendo competências

2

Protesto

Em Aquidauana (190km de Campo Grande), na aldeia Ipegue, cerca de 5 mil índios, entre guaranis, caiuás, kadiweus, terenas, guatós e ofaié-xavantes, fizeram um protesto reivindicando a demarcação de terras. Em Dourados (220km de Campo Grande), aproximadamente 300 índios das etnias guarani, caiuí e terena bloquearam das 7h às 13h a MS-156, rodovia que dá acesso ao município de Itaporã.

AGÊNCIA ESTADO. Protesto. Disponível em <<http://www.clajadep.hpg.ig.com.br/ba73.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2002.

Responda em seu caderno:

Qual a reivindicação que os índios estão fazendo na notícia de jornal acima?

A notícia acima nos informa sobre um protesto feito por cinco mil índios de diferentes tribos (Guarani, Caiuí, Kadiweu, Terena, Guató e Ofaié-Xavante), reivindicando a demarcação de terras. Lembre-se de que a notícia na abertura deste capítulo transcreve parte de uma declaração redigida por três mil chefes, representantes de 140 tribos indígenas. Esses atos mostram a organização e luta dos povos indígenas pelo reconhecimento da importância de suas culturas e pelo direito de preservar suas terras. Um fato essencial dessa luta é que, ao contrário do que se projetava nas décadas de 1960 e 1970, quando se supunha que a destruição total das populações indígenas era apenas uma questão de tempo, o número de índios cresceu vigorosamente nos últimos dez anos, conforme levantamento do Conselho Indigenista Missionário – CIMI. Enfim, falar sobre o processo de formação do território brasileiro implica refletir sobre a questão indígena e reconhecer que esse processo ainda está sendo definido.

OS ÍNDIOS NA POPULAÇÃO BRASILEIRA

O Brasil tem 8.511.996 quilômetros quadrados e concentra uma população de variadas descendências: americana, africana, européia e asiática. Tem como língua oficial o português. Porém, para alguns brasileiros, o português não é a primeira língua, ou seja, eles falam diariamente outros idiomas em suas casas, porque são imigrantes que se naturalizaram ou descendentes de imigrantes. Alguns conversam em espanhol, italiano, japonês ou armênio com seus filhos, pais, avós, marido ou esposa. Preservam costumes, comidas tradicionais e roupas de sua terra natal. Outros falam línguas indígenas, como tukano, yanomámi, tikuna, guarani. Mantêm seus costumes tradicionais, suas danças, seu modo de vida e de educação das crianças.

Quando os portugueses chegaram à América, em 1500, aprenderam com os índios a localizar os

caminhos para o interior, a se orientar e se alimentar nas matas, a encontrar colméias e colher o mel, a distinguir as plantas comestíveis. Ocuparam as clareiras já abertas pelos índios para construir suas vilas, aprenderam a utilizar venenos para pesca, assim como arcos e flechas na falta de pólvora. Os Munduruku, Tupari, Bororo, Zo'e, Waninawa e mais uma centena de povos, de culturas variadas eram os únicos senhores dessas terras até 1500.

O contraditório em nossa história é que, hoje, os índios, primeiros habitantes dessas terras, parecem estrangeiros em seu próprio país. Poucos brasileiros sabem falar as línguas indígenas e muitos exigem que os índios entendam português. Ademais, embora se afirme que o brasileiro é, basicamente, o resultado da miscigenação cultural e racial de ameríndios,

Conselho Indigenista Missionário – CIMI

é uma das várias entidades brasileiras, não ligadas ao governo federal, que apóiam os povos indígenas.

africanos e europeus, nossas escolas pouco ou nada discutem com seus alunos sobre os costumes, as crenças e o modo de vida das várias etnias que habitam e habitavam o território nacional.

Mas como eram essas terras quando o portugueses chegaram?

A CHEGADA DOS PORTUGUESES

Sabemos muito pouco sobre como eram as terras indígenas antes de 1500. Analisemos um dos primeiros documentos escritos descrevendo essas terras. Voltemos a 1500. Nesse ano, Pedro Álvares Cabral, com sua esquadra, chegou à costa das terras que viriam a constituir o Brasil. Entre outros, acompanhava-o o escrivão Pero Vaz de Caminha. Ele descreveu numa carta, encaminhada ao rei de Portugal, D. Manoel, o primeiro encontro dos portugueses com as terras americanas:

Neste dia, ao final do dia, tivemos a visão de terra, seja, primeiramente de um grande monte, mui alto e redondo, e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra plana, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome – o Monte Pascoal, e à terra – a Terra da Vera Cruz.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El Rey Dom Manoel*. Transcrita e comentada por Maria Angela Villela. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2000. p.15.

TERRA DA VERA CRUZ

A princípio essas terras foram chamadas pelos portugueses Terra da Vera Cruz, depois Terra de Santa Cruz. Por volta de 1503, começaram a denominá-las Brasil.

Qual foi a primeira coisa que se distinguia na paisagem e que chamou a atenção de Pero Vaz de Caminha? Repare que foi um monte, ao qual viria a ser dado o nome de Monte Pascoal, e seus arredores. E que mais ele avistou? Vejamos.

Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra sul vimos até outra ponta que contra o norte, de que nós deste porto tivemos visão, será tamanha que haverá nela bem vinte

ou vinte cinco léguas por costa. Traz, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, algumas vermelhas, outras brancas; e a terra por cima toda plana e muito cheia de grandes arvoredos. (idem, p. 93)

Ele observou uma parte do litoral sul do estado da Bahia de hoje. Divisou também o que sua visão alcançava no interior, ou seja, o sertão, como eles chamavam.

Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender os olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia mui longa terra. (idem, p. 93)

A princípio, Pero Vaz de Caminha parecia estar muito impressionado com a extensão das matas. Elas iam até onde sua vista podia alcançar. Não é de estranhar esse fato, pois ele vinha de Portugal, que, no século XV, já havia abatido, em grande parte, suas áreas de matas. A madeira era um recurso natural fundamental para a sobrevivência, como ainda é. As caravelas eram construídas de madeira, a comida era preparada em fogão a lenha, o fogo aquecia as moradias.

Embora essa imagem que Caminha constrói sobre as matas nos leve a imaginar uma terra desabitada, ele logo desfaz essa sensação ao afirmar ter avistado homens na praia:

E quando fizemos vela, estariam já na praia assentados, junto ao rio, cerca de sessenta ou setenta homens que se juntaram ali aos poucos.

(idem, p. 21)

Ele descreve os homens que os portugueses encontraram:

A feição deles é serem pardos, quase avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andavam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam nenhuma coisa cobrir nem mostrar suas vergonhas; e estão em relação a isto com tanta inocência como têm em mostrar o rosto.

(idem, p. 25)

Pero Vaz de Caminha observa justamente aqueles aspectos que os índios tinham de diferente dos portugueses: a cor, a nudez e sua aparência saudável. Cabe apontar que os marinheiros da esquadra de Cabral, como era comum naquelas longas viagens marítimas, quando chegaram à costa, estavam fisicamente debilitados, por

ficarem muito tempo em alto mar alimentando-se inadequadamente e tomando água insalubre. Muitos contraíram escorbuto, uma doença que decorre da falta de vitaminas e que pode levar à morte.

Em sua carta, Pero Vaz de Caminha anota que os degredados enviados à terra pelo Capitão para observarem o que havia mais ao interior, ao se juntarem novamente aos membros da esquadra, descreveram a povoação indígena que haviam visitado:

(...) foram bem uma légua e meia a uma povoação, em que haveria nove ou dez casas, as quais diziam que eram tão compridas (...) Eram de madeira (...) e cobertas de palha, de razoável altura. (idem, 65)

Como será que as populações que viviam aqui denominavam essas terras antes de os portugueses chegarem? Isso não ficamos sabendo pela carta de Pero Vaz de Caminha, porque ele não nos diz. Ele não conhecia a língua falada pela população que encontrou, mas também não estava interessado em obter essa informação. Afinal, Pedro Álvares Cabral e sua frota estavam a serviço do rei de Portugal. Descobriram as terras para que D. Manoel tomasse posse delas. Tanto que uma das primeiras iniciativas deles ao desembarcarem foi dar o nome Terra da Vera Cruz às terras que começavam a conquistar. Em realidade, a princípio, acreditavam que haviam descoberto uma ilha. Note como Pero Vaz de Caminha encerra a sua carta:

Deste Porto Seguro, da vossa Ilha da Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

(idem, p. 95)

Repare que Pero Vaz escreve “vossa ilha da Vera Cruz”, afirmando que as terras pertenciam ao rei de Portugal, D. Manoel.

Os relatos de Caminha e de poucos outros viajantes, que aqui estiveram junto com Cabral ou logo nos primeiros anos seguintes, são os poucos documentos escritos que existem descrevendo as terras indígenas, antes de efetivamente ter sido iniciada a conquista territorial e de sua conseqüente transformação paisagística, populacional, cultural e social.

Note-se que, nos relatos feitos ao rei de Portugal, foi dada especial atenção aos detalhes mais

insalubre
não saudável.

importantes para a conquista, os habitantes e os recursos naturais, em detrimento de outros aspectos. Afora isso, como as culturas indígenas são muito diferentes das européias, os primeiros narradores não entendiam o significado de muitos costumes indígenas, não compreendiam as suas formas de organização social, econômica e política; conseqüentemente, interpretavam-nos de modo totalmente errado. Por exemplo, tradicionalmente, os índios não estabeleciam limites precisos para suas terras, pelo menos como fazemos hoje em dia, conforme se depreende da descrição seguinte, retratando a relação de muitos grupos indígenas com a terra:

Abriam suas roças, seus caminhos de caça e as trilhas para visitar outras aldeias. Quando o solo ou a caça se esgotavam, abriam caminho em outras direções mas conservavam de alguma forma os lugares das antigas moradas e os cemitérios em que enterravam seus mortos, percursos historicamente rememorados e que assinalavam a área de ocupação de cada grupo. (...) fronteiras naturais, como serras, rios etc., demarcavam os territórios, que também iam sendo conquistados com povos vizinhos.

VALADÃO, Virgínia. Terra e território. In: _____. *Índios do Brasil*. Brasília: MEC: Secretaria de Educação a Distância, 1999. p. 83. (Cadernos da TV Escola, 2).

Os primeiros europeus não reconheciam os caminhos indígenas, que podiam ser demarcados de forma muito sutil, ou seja, por um galho quebrado. Eram veredas a serem trilhadas em fila. Muito diferente de um caminho aberto para trânsito de cavalos, carroças e mercadorias, como acontecia na Europa. Esses lugares de antigas moradas conservadas por índios, a que o texto acima se refere, eram interpretados pelos europeus como aldeias abandonadas porque, quando as encontravam, elas estavam vazias.

o degredado

era uma pessoa exilada de seu país, afastada, como punição por um ato considerado crime. O governo português desembarcava os degradados à força, na costa, para aprenderem a língua e servirem depois como intérpretes e, principalmente, observarem as terras ao redor, seus habitantes e sua localização, para fornecerem informações àqueles que os seguiam.

Quanto aos cemitérios, os índios tinham crenças variadas e diferentes formas de encararem a morte, de tratarem e reverenciarem seus mortos, até porque não eram cristãos como os portugueses, que dificilmente distinguiam um cemitério indígena na paisagem.

Por tudo isso, pelo fato de não entenderem e aceitarem a diversidade cultural entre os povos, os europeus acreditavam que os índios eram selvagens e ainda estavam num estágio inicial de desenvolvimento social e cultural. Essa concepção interferia no modo de olhar e descrever as sociedades indígenas.

Os documentos escritos sobre as terras que formariam o Brasil e seus habitantes de antes da colonização ainda existentes são poucos, parciais e apresentam um quadro incompleto que pode levar a conclusões incorretas.

Com a dizimação de dezenas de tribos entre os séculos XVI e XX, perdeu-se a memória de muitos desses povos, importante para a pesquisa sobre como eram estas terras e os povos que aqui viviam antes da chegada dos portugueses.

A FIXAÇÃO DAS FRONTEIRAS BRASILEIRAS

Por volta de 1503, as terras recém-conquistadas pelos portugueses na América passaram a ser denominadas Brasil. Essas terras foram incorporadas aos domínios de Portugal como sua Colônia, ficando, portanto, sob sua posse e sua administração. A natureza foi explorada e transformada, e as terras repovoadas, conforme os interesses portugueses.



Desenvolvendo competências

3

Observe, ao lado, o mapa da Colônia portuguesa desenhado no início da colonização.

O mapa da primeira metade do século XVI retrata a Colônia portuguesa (o Brasil).

Descreva, em seu caderno, as informações que o mapa transmite sobre o Brasil.

Como a carta de Pero Vaz de Caminha, este mapa é um documento histórico. Isso significa que, por meio dele, é possível obtermos algumas informações sobre aquela época. Vamos fazer este exercício juntos. Repare que, no litoral, estão assinalados rios e outros acidentes geográficos. No interior do território, contudo, o mapa nos oferece representações de outra natureza: podemos observar desenhos retratando índios, macacos, felinos, répteis, aves, árvores. Diversamente da carta de Caminha, não vemos sinal de povoações. Os índios parecem habitar essas terras como os animais, sem transformar a natureza, sem



HOMEM, Lopo. Terra Brasilis: 1515-1519. In: *Mapa do Atlas Miller*. Localizado na Biblioteca Nacional de Paris.

construírem moradias ou caminhos. Alguns índios estão totalmente pelados, próximos à costa, carregam pedaços de madeira, possivelmente pau-brasil, ou trabalham com um machado. A cena nos lembra que, num primeiro momento, os europeus comercializaram madeiras com as tribos indígenas do litoral. Outros índios vestem cocares, capas e tangas de penas, e seguram arcos e flechas, suas armas.

Parecem estar preparando-se para a luta. Era assim que os portugueses viam o Brasil no início da colonização. Conheciam a costa e dominavam parte dela, e imaginavam à sua maneira o que havia no interior. Os índios eram divididos em duas categorias: os mansos, que colaboravam e trabalhavam para os portugueses, e os bravos, que enfrentavam os invasores.

Desde o primeiro século da colonização, o mapa oficial do Brasil colônia (de 1500 a 1822) variou a partir de tratados estabelecidos entre Portugal e Espanha, como se aquelas terras não fossem ocupadas por povos indígenas. Boa parte da América do Sul ficou como domínio espanhol por conta do Tratado de Tordesilhas, que estabeleceu a primeira fronteira do Brasil.

As terras pertencentes a Portugal, situadas na região do Brasil, foram divididas em quinze porções, demarcadas por linhas paralelas ao Equador, que se estendiam da costa até uma linha imaginária que passava pela foz do Amazonas e terminava no litoral do atual estado de Santa Catarina. Cada porção foi denominada *capitania*, e entregue a um capitão donatário. Este ficou incumbido de povoá-la com colonos vindos de Portugal. Tudo que estava além daquela faixa, a oeste, pertencia à Espanha. Observe o mapa apresentado ao lado:



por esse tratado, firmado em 1494, o mundo foi dividido em dois hemisférios, cabendo uma parte a Portugal e outra à Espanha. No Brasil, essa linha imaginária passava pela foz do Amazonas até o litoral de Santa Catarina, em Laguna. A leste da linha, as terras eram de posse de Portugal e a oeste, da Espanha.

Apesar do Tratado de Tordesilhas, esse mapa não expressava a realidade. Embora houvesse uma linha no mapa, separando as possessões portuguesas das espanholas, ela não assinalava o que efetivamente cada uma das potências européias dominava e o que já povoava. Significava somente o que os Estados Ibéricos – Portugal e Espanha – consideravam como colônias suas, independentemente de quem as ocupava. Observe novamente o mapa e você verá que, ao longo da costa brasileira, há uma mancha mais escura, que mostra a área de efetivo povoamento. Para além dessa mancha, o território era dominado por grupos indígenas, ou nações, como diziam os portugueses.

AS FRONTEIRAS, O POVOAMENTO E OS CONFRONTOS COM OS ÍNDIOS

Nos trezentos anos iniciais da colonização, embora Espanha e Portugal houvessem estabelecido fronteiras políticas e as demarcado nos mapas, não conseguiram conquistar efetivamente todas as terras dos índios, nem povoar boa parte do continente sul-americano. A expansão da área ocupada por fazendas de criação, lavouras e cidades caminhou vagarosamente e ficou bem aquém das fronteiras políticas dos domínios espanhóis e portugueses. Os grupos indígenas resistiram à invasão de suas terras, impedindo a efetivação do domínio português e espanhol.



Desenvolvendo competências

4

Compare o mapa ao lado com um mapa do Brasil atual e anote em seu caderno os estados que estavam ocupados por colonos portugueses e os que estavam povoados por índios no século XVIII.

POVOAMENTO DO BRASIL NO SÉCULO XVIII



Adaptado de AZEVEDO, Aroldo de. *Terra brasileira*. 38. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1964.

Em 1822, na época da Independência, o Brasil já tinha quase a mesma conformação do território brasileiro atual, conseguida através de acordos diplomáticos entre Portugal e Espanha.

Entretanto, tais acordos desconsideravam os grupos indígenas que habitavam e dominavam as terras brasileiras. Portugal e Espanha consideravam como suas possessões terras que, em realidade, seus colonos não haviam povoado integralmente. O processo de avanço da área colonizada foi árduo.

A resistência indígena à invasão e à escravização se estendeu penosamente do início da colonização portuguesa ao século XX. Podemos enumerar

centenas de confrontos. Como exemplo, apontamos a luta dos Kaingang, de Guarapuava, no Paraná, nos séculos XVIII e XIX; dos Tupinikim, em Ilhéus, no litoral sul da Bahia e no Espírito Santo, e dos Potiguara, na Paraíba, no século XVI; dos Tamoio, no Rio de Janeiro, e dos Guaiacuru, no Pantanal, no século XVIII; dos Xavante, em Goiás, e dos Kadiwéu, no Mato Grosso do Sul, no século XIX; e dos Maxakali, em Minas Gerais, no século XX. Muitas tribos levaram os colonos a sérios reveses, dificultando o seu avanço por mais de uma década. Foram várias guerras. O resultado foi desastroso: ao redor de 1.477 povos indígenas vítimas de extinção.



Desenvolvendo competências

5

Vamos analisar um outro documento histórico. Veja, a seguir, o relato de soldados que buscavam tomar terras dos Kaingang, na bacia do Tibagi, no Paraná, no final do século XVIII. É parte de um diário, escrito entre 1768 e 1774, sobre uma expedição enviada por representantes das autoridades portuguesas, para conhecimento daquelas terras e dos índios que as habitavam.

As contínuas saídas do gentio, que ocupa os grandes Sertões do Tibagi há 9 anos a esta parte, tendo morto bastantes pessoas, e achando-se já muito próximo da estrada, que vem da cidade de S. Paulo para estes Campos Gerais, e Rio Grande; as muitas fazendas, que se tem despovoado (...) no meio destes sertões povoados de várias nações do gentio, movem ao ilustríssimo e excelentíssimo senhor general a mandar invadir o dito sertão.

Notícia da conquista e descobrimento dos sertões do Tibagi, na capitania de S. Paulo, no Governo do General D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, conforme ordens de sua Majestade. 1768 – 1774. ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, Rio de Janeiro, v. 76, p. 77, 1956.

No mesmo documento, o próprio comandante afirma que os índios que habitavam a bacia do rio Tibagi, chamado de sertão do Tibagi, os Kaingang, ocupavam aquelas terras. Apesar disso, e diferentemente da concepção dos indígenas, os portugueses consideravam aquelas terras como parte do domínio do rei de Portugal. Uma vez que esses índios que as habitavam atacavam as fazendas em que tentavam se estabelecer, ali o general ordenou a invasão, o que significava destruição dos índios e de suas aldeias.

Leia, na próxima página, a passagem seguinte do diário, em que fica claro o reconhecimento de que os índios dominavam aquelas terras (eram os “senhores da casa”), assim como as conheciam muito bem, tanto que sabiam suas “entradas e saídas”, ou seja, conseguiam se localizar e se orientar em seus caminhos.

Tanto que o dito capitão nos informou do caso que determinou Sua Senhoria ir sobre eles (índios) com uma partida de cavalo (...) porém foi uma esquadra marchado com a presteza possível ao alcance deles, não chegaram a ver senão rasto (...) pois eles como senhores da casa sabem das entradas e saídas.

Notícia da conquista e descobrimento dos sertões do Tibagi, na capitania de S. Paulo, no Governo do General D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, conforme ordens de sua Majestade. 1768 - 1774. ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, Rio de Janeiro, v. 76, p. 232, 1956.

AS TERRAS INDÍGENAS

Ainda que, desde a Independência (1822), o mapa político do Brasil tenha sofrido poucas alterações, os índios não abandonaram as terras e eram os únicos habitantes de extensa porção do território nacional. As lutas pelas terras indígenas não acabaram no século XIX e nem no XX. Lembre-se de que, durante as comemorações dos 500 anos do descobrimento, os povos indígenas reivindicavam a demarcação de suas terras.

Examine o depoimento feito em 1994 por Jorge Lemes Ferreira Ibã Kaxinawá, sobre os ataques a índios no Acre, visando à apropriação de suas terras.

(...) quando meu pai começou a trabalhar, ele me contava a história de que ele vivia muito preocupado devido às correrias. Tanto caucheiro peruano como patrão cariú maltratavam muito os índios: matavam, invadiam, tratavam índio que nem bicho da mata. Peruano atacava, matava gente e tocava fogo no kupixawa. Jogavam meninos pequenos para o alto e aparavam em ponta de faca. Finada minha avó contava isso para mim. Matavam os homens todos e amarravam as mulheres para levar. Arrasavam os kupixawas dos moradores, tocavam fogo. Meu avô me contava. Os índios entravam dentro de buraco

do tatu canastra para poder escapar, salvar a vida. Quando paravam de vir aqueles caucheiros, via quantidade de índios tudo morto, de bala, furado de faca.

IBÃ KAXINAWÁ, Jorge Lemes Ferreira. *Professores índios do Acre e do sul do Amazonas: história indígena*. Rio Branco: Comissão Pró-Índio, 1996. p. 35 e 37. Entrevista em março de 1994.

Você deve ter observado que a história do Acre e das invasões das terras indígenas nessa região estavam relacionadas à extração da borracha. Note como os índios Kaxinawá, habitantes das florestas acreanas, foram tratados pelos seringalistas, seringueiros e caucheiros.

As fronteiras brasileiras atuais envolvem terras de povos indígenas, sendo que boa parte ainda não está demarcada, como já afirmamos no início deste capítulo. Existem, porém, grupos que estão fora dessas áreas e evitam o contato com a sociedade brasileira. O CIMI – Conselho Indigenista Missionário – informa que existem, neste início do novo milênio, mais de 40 povos indígenas livres ou isolados (sem contato com a sociedade brasileira) vivendo nos estados do Amazonas, Pará, Acre, Rondônia, Mato Grosso, Maranhão e Goiás.

correrias

época em que os índios da Amazônia andavam de um lado para o outro fugindo dos seringalistas e dos caucheiros.

caucheiro

que extrai o caucho (um látex do qual se faz borracha).

cariú

povo brasileiro.

kupixawa

grande maloca Kaxinawá.



Desenvolvendo competências

6

Leia parte do relato sobre o contato, na década de 1970, com um povo livre, os Panará, conhecidos então como Krenakarore, ou índios gigantes.

Ao serem descobertos pelos brancos, há pouco menos de 30 anos, os Panará recusaram o contato e embrenharam-se na floresta. Durante muito tempo, permaneceram arredios, resistindo às tentativas de aproximação. Em 1973, ao recolherem presentes com que os indigenistas queriam provar suas intenções pacíficas, foram contagiados e dizimados por epidemias. Os sobreviventes aceitaram, então, o contato. O que aconteceu depois parece ter confirmado a afirmação dos anciãos de que os brancos, sim, é que são “selvagens”. Quase reduzidos à mendicância, foram transferidos para o parque do Xingu, onde nunca se adaptaram. Mesmo assim, a população jovem aumentou e a lembrança da terra tradicional manteve-se viva. Por isso, há pouco mais de cinco anos, tomaram uma decisão histórica: começaram a identificar os lugares de suas antigas aldeias e a voltar.

SCHWARTZMAN, Stephan. Panará: a saga dos índios gigantes. *Ciência Hoje*, São Paulo, v. 20, n. 119, p.27, abr. 1996.

Responda em seu caderno:

O que os Panará sabiam sobre os “brancos”, antes de entrarem em contato com os indigenistas? Quem havia transmitido a eles essas informações?

Esses índios Panará, segundo pesquisas, são descendentes dos Kayapó do Sul, que, do século XVII ao XIX, se distribuíam em terras do oeste paulista, Triângulo Mineiro, Mato Grosso do Sul e sul do Mato Grosso. Com a expansão das fazendas em direção ao seu território, entre o final do século XIX e início do XX, eles evitaram o contato, migrando para a região das bacias dos rios Peixoto e Iriri, entre Mato Grosso e Pará. Consideravam os brancos maus e perigosos. A sua história revela que esses grupos, que ainda hoje fogem ao contato com a sociedade brasileira, resistem à invasão de suas terras e, quando não conseguem, se refugiam em áreas de difícil acesso.

TERRAS DOS ÍNDIOS E TERRITÓRIO NACIONAL

Apesar da destruição trazida pelo colonizador português e da diminuição drástica de sua população, os índios têm subsistido ao longo desses 500 anos, têm imposto, constitucionalmente, o respeito às suas culturas e têm reivindicado suas terras. Esse é um processo que é parte da história da formação do território

brasileiro, e que ainda está em andamento.

Ao longo do tempo, os confrontos entre povos e culturas constituíram-se em processos sociais e políticos que modelaram as fronteiras nacionais, como nós as conhecemos hoje. A história do Brasil exemplifica como as fronteiras foram delimitadas por processos de ocupação e confisco de terras, guerras e acordos diplomáticos. E, apesar de estarem definidas com a consolidação do Estado Nacional brasileiro, os conflitos envolvendo o território continuam até hoje, diante do direito das populações indígenas de resguardarem para si suas terras tradicionais, e, assim, garantirem sua própria continuidade física e cultural.

Quando os índios brasileiros clamam hoje pela demarcação de suas terras, indicam o caráter conflituoso do processo de formação do território nacional e a permanência de tensões, revelando a instabilidade das situações presentes.



Desenvolvendo competências

7

Leia os textos abaixo e, em seguida, assinale a alternativa correta.

1- Depoimento de um índio da Aldeia de Limão Verde:

Nós vivemos entre o morro e aquela cerca. Não sabemos por que a cerca muda constantemente de lugar, ela se aproxima cada vez mais do morro. Um dia a gente planta um mandiocal e ele está do nosso lado. O mandiocal cresce, e, quando a gente sai e vai colher a mandioca, verifica que a cerca mudou e o nosso mandiocal passou para o outro lado. Nós perdemos a mandioca ou somos considerados ladrões se passarmos a cerca para apanhá-la. A cerca anda e um dia ela vai encontrar o morro. Neste dia nós teremos desaparecido.

ZENUN, Katsue Hamada; ADISSI, Valeria Maria Alves. *Ser índio hoje*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 28. (História Temática Retrospectiva).

Qual dos artigos da Constituição de 1988, abaixo relacionados, possibilita que os índios da Aldeia de Limão Verde entrem na justiça contra seus vizinhos para impedir o movimento da cerca?

- a) Art. 176: “As jazidas, em lavras ou não, e demais recursos minerais e os potenciais de energia hidráulica constituem propriedade distinta do solo, para efeito de exploração ou aproveitamento, e pertencem à União, garantida ao concessionário a propriedade do produto da lavra”.
- b) Art. 210, parágrafo 2º: “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”.
- c) Art. 215: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”.
Parágrafo 1º: “O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”.
- d) Art. 231, parágrafo 2º: “As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes”.
Parágrafo 4º: “As terras de que trata este artigo são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis”.

2- Artigo 231: “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”.

parágrafo 1º: “São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.”

A partir do artigo 231 e de seu parágrafo 1º, podemos afirmar que a Constituição de 1988:

- a) despreza a importância que a terra tem para a preservação das populações indígenas.
- b) reconhece a importância da preservação dos índios e de suas terras.
- c) nega os direitos originários dos índios sobre suas terras.
- d) cria mecanismos para a integração dos índios ao mundo do trabalho.



Conferindo seu conhecimento

7

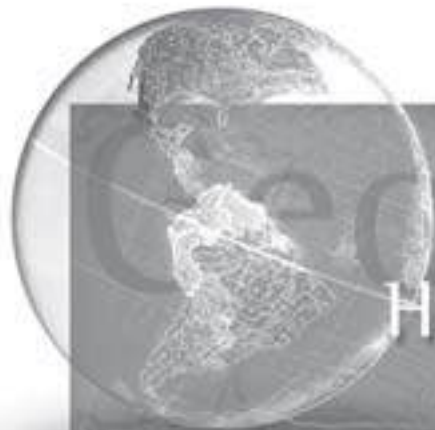
1 (d)

2(b)

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar diferentes formas de representação de fatos e fenômenos histórico-geográficos expressos em diferentes linguagens.
 - Reconhecer transformações temporais e espaciais na realidade.
 - Interpretar realidades históricas e geográficas estabelecendo relações entre diferentes fatos e processos sociais.
 - Comparar diferentes explicações para fatos e processos históricos e/ou geográficos.
 - Considerar o respeito aos valores humanos e à diversidade sociocultural, nas análises de fatos e processos históricos e geográficos.
-



História e Geografia

Ensino Fundamental

Capítulo II

MUDANÇAS NO ESPAÇO GEOGRÁFICO DO BRASIL
COMPREENDER O PAPEL DAS SOCIEDADES NO PROCESSO
DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO, DO TERRITÓRIO,
DA PAISAGEM E DO LUGAR.

Gilberto Pamplona da Costa

Capítulo II

Mudanças no espaço geográfico do Brasil

Observe a tabela abaixo:

TRANSPORTE DE CARGAS NOS ANOS 1990			
	rodoviário	ferroviário	hidroviário
Brasil	70%	18%	12%
EUA	25%	50%	25%
Alemanha	18%	53%	29%
Japão	20%	38%	42%
França	28%	55%	17%
ex-URSS	4%	83%	13%
Paraguai	47%	4%	49%

CESP 1995 apud OLIVA, Jaime; Roberto Giansanti. *Espaço e modernidade: temas da geografia mundial*. São Paulo: Atual, 1999.

Sobre o que a tabela nos informa? O que diz o título da tabela? Os dados referem-se a quais países? E a qual época?

Você já deve ter percebido que a tabela trata dos tipos de transporte utilizados para levar e trazer mercadorias no Brasil e em outros locais do mundo, na década de 1990. E deve ter reparado que setenta por cento (70%), ou seja, a maior parte do transporte de carga no nosso país é realizado por rodovias, com caminhões que cruzam as estradas de norte a sul e de leste a oeste. Isso significa que o Espaço Geográfico brasileiro tem sido marcado e integrado por rodovias.

Agora leia a reportagem.

CAMINHONEIROS ANUNCIAM NOVA GREVE

Os caminhoneiros marcaram greve para segunda-feira em todo país. A partir de hoje, os motoristas que deveriam receber carga para viagens mais longas têm orientação para recusar o trabalho. E de acordo com estimativas do Movimento União Brasil Caminhoneiro (MUBC), cerca de um milhão deles cruzarão os braços. A determinação da entidade é de que os caminhões fiquem parados no acostamento das estradas ou em postos de gasolina, evitando o bloqueio de rodovias.

Jornal da Tarde, São Paulo, 26 abr. 2000.

De que trata a reportagem?

O que pode acontecer com o transporte de carga no Brasil com a greve dos caminhoneiros? Como as mercadorias vão circular no país? Isso pode afetar a sua vida?

Como vimos na tabela, o principal meio de transporte de carga no Brasil é a rodovia. Uma grande greve de motoristas de caminhão, portanto, pode interromper a circulação dos produtos, o abastecimento dos supermercados e dos postos de gasolina, o transporte de mercadorias do campo para a cidade e para os portos marítimos e aeroportos, afetando assim a todos.

Na sua história recente, a sociedade brasileira integrou suas diferentes localidades por meio das

Capítulo II – Mudanças no espaço geográfico do Brasil

estradas de rodagem. É possível dizer que o sistema de rodovias é, na sociedade brasileira, um dos vários meios de organizar o Espaço Geográfico.

Vamos, assim, neste capítulo, refletir sobre a organização do Espaço Geográfico do Brasil. Para isso, vamos estudar:

- A organização do território brasileiro, a partir de ações realizadas pela sociedade ao longo de sua história, especialmente marcada, nos últimos 60 anos, pela expansão do transporte rodoviário – um fator de integração de diferentes localidades.
- Os deslocamentos da população entre diferentes regiões – movimentos migratórios –, que aumentaram após a construção do sistema de transportes no Brasil.
- Os efeitos e danos sobre o meio ambiente, por conta do crescimento das atividades econômicas, como a abertura de estradas, instalação de indústrias, expansão da agricultura e criação de gado em regiões de florestas etc.

O TRANSPORTE NO BRASIL

Você já deve ter se perguntado: por que uma greve de caminhoneiros afeta nossa vida?

Você sabe que todo produto tem um custo. Por exemplo: o arroz e o feijão, alimentos básicos, têm um custo de plantio, colheita, armazenagem e transporte. O custo do transporte, isto é, o que é cobrado pelo caminhoneiro ou pela empresa transportadora, se chama frete; ele varia conforme a distância, o peso e a quantidade das mercadorias.

É importante destacar que existem outros meios de transporte usados para que os produtos

cheguem a você; dentre eles, escolhemos alguns, para entendermos o Espaço brasileiro:

- As ferrovias, que foram muito utilizadas no passado, séculos XIX e começo do XX, com o transporte de cargas e passageiros.
- As hidrovias, que utilizam rios para navegação.
- As rodovias, assunto principal deste capítulo.

Voltando à nossa estatística inicial, vimos que 70% do transporte de carga no Brasil é feito por caminhões. Por que adotamos o transporte rodoviário?

O Brasil é considerado um país de dimensões continentais, isto é, tem uma extensão territorial que o coloca entre os maiores do mundo. Com esse tamanho todo, seria adequado utilizar caminhões para transportar praticamente 2/3 de toda a carga? Voltemos à tabela das modalidades de transporte de carga nos anos 1990, para compararmos os dados brasileiros aos dos outros países. Algum deles transporta carga da mesma maneira que o Brasil? O que mais se aproxima é o Paraguai, com 47% de transporte rodoviário. Veja que os outros países destacados na tabela, exceto a ex-URSS, destinam ao sistema rodoviário aproximadamente 30% das cargas. Ou seja, a cada 100 mercadorias transportadas no Brasil, 70 viajam de caminhão; já nos Estados Unidos, por exemplo, apenas 25 são transportadas por rodovias.

Voltemos à greve dos caminhoneiros. Leia com atenção o depoimento do presidente do MUBC (Movimento União Brasil Caminhoneiro), Nélio Botelho: *Se há pouca carga e os caminhões trafegam com excesso de peso, isso significa que um caminhão está trabalhando por dois, agravando ainda mais a crise.* Botelho diz que a frota de caminhões envelhecida e sem manutenção, o excesso de peso e de trabalho são os principais responsáveis pelos acidentes nas estradas; além disso, reclama que o caminhoneiro não tem condições de pagar os pedágios.

**Desenvolvendo competências****1**

a) Pense sobre a questão do transporte de cargas. O que seria mais adequado para transportar mercadorias?

1. Usar meios diversos, como ferrovias e hidrovias.
2. Não apoiar o transporte de carga em apenas um meio.
3. Integrar os diversos meios para facilitar o escoamento dos produtos pelo território.

b) Agora, compare os dados da tabela para responder:

Dos meios de transporte de carga relacionados abaixo, qual você considera mais adequado a um país com dimensões continentais, como a ex-URSS?

1. Ferroviário
2. Rodoviário
3. Hidroviário

**Desenvolvendo competências****2**

Você consegue perceber quantos problemas os caminhoneiros enfrentam? Quais das situações abaixo teriam levado à greve dos caminhoneiros?

- a) As estradas mal conservadas.
- b) O excesso de peso da carga dos caminhões.
- c) As altas tarifas do pedágio.

É importante lembrar quem construiu as principais rodovias brasileiras: os governos federal e estaduais, que investiram na construção das rodovias muitos recursos originados dos impostos e de empréstimos feitos a bancos nacionais e internacionais.

Veja um exemplo: a rodovia Dutra, que liga as duas maiores cidades do Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro, foi uma grande obra, na década de 1940, do Governo Federal, que planejava aumentar o transporte rodoviário no país.

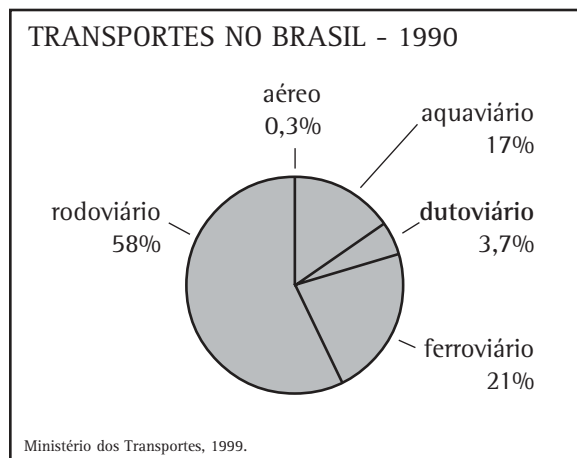
Com isto, atendeu a interesses de grandes empresas estrangeiras, principalmente as automobilísticas. Observe que a construção de uma rodovia, naquela época, era um sinal importante para o Brasil crescer. E hoje? O que

aconteceu com a rodovia? Ela continua ainda sob o domínio público?

A rodovia Dutra foi privatizada, isto é, seu controle passou das mãos do Governo Federal para uma empresa particular, que tem o direito de cobrar pedágios para fazer as manutenções.

Um dos motivos da greve dos caminhoneiros foi justamente o alto valor que é cobrado em todos os pedágios do Brasil. O Governo argumentou que não tem mais dinheiro para investir na recuperação e construção das rodovias e, por isso, concedeu o controle a empresas particulares. O aumento dos pedágios se refletiu no preço do frete e resultou em diversos problemas no transporte rodoviário de cargas.

Observe os seguintes dados:



O que notamos nas porcentagens do gráfico acima? Mais da metade dos transportes realizados no território brasileiro, 58%, é feita por meio rodoviário.

Vamos retomar algumas das questões levantadas até agora: Por que adotar esse modelo? Que implicações isso pode trazer para um país como o Brasil, que tem uma área muito grande? Será que o transporte rodoviário é o mais adequado para longas distâncias? E nas cidades, onde as distâncias são menores, é viável também?

O transporte rodoviário a longa distância, num país de dimensões continentais, como o Brasil, acarreta mais prejuízos do que benefícios. Os gastos com combustível são enormes; a frota de caminhões para transportar os produtos da indústria, da agricultura e do comércio deve ser suficientemente grande para atender às necessidades do mercado brasileiro; o preço do frete (o custo do transporte) é alto, levando ao encarecimento das mercadorias.

O transporte rodoviário foi praticamente imposto nos anos 1940 e 50, com a industrialização.

Visando a incentivar a vinda de novas indústrias, em especial, as do setor automobilístico, o Governo Federal, principalmente, preparou o território com rodovias, comunicação e energia.

O setor de transporte rodoviário de cargas é responsável por aproximadamente $\frac{2}{3}$ das cargas que circulam no país. Fatura quase R\$ 40 bilhões por ano e gera 3,5 milhões de empregos diretos e indiretos. Atualmente, existem 900 mil caminhoneiros autônomos, isto é, que trabalham por conta própria, e 35 mil empresas. A frota chega a dois milhões de veículos.

O Brasil tem mais de 250 mil quilômetros de rodovias, dos quais mais da metade são pavimentados. Nos últimos anos, os governos Federal e Estaduais vêm passando o controle das rodovias para empresas privadas ou particulares, o que resultou no aumento dos pedágios das rodovias.

dutoviário

uso de dutos, enormes tubulações, para o transporte de gás natural, petróleo etc.

Observe abaixo o mapa da organização territorial das rodovias no Brasil.

O que percebemos em relação à concentração das estradas no território? Como as associamos ao processo de industrialização que ocorreu no Brasil? Leia a legenda para entender o significado das linhas e pontos desenhados no mapa. Perceba que há tipos diferentes de estradas de rodagem.

Notamos que a concentração dessas estradas no sudeste atende a razões econômicas, sobretudo aos interesses das indústrias. Isto provocou uma intensa movimentação de cargas e pessoas entre os principais centros econômicos do Brasil.

Outro fato que chama a atenção é o número reduzido de rodovias que integram a região Norte – lá, predomina o transporte hidroviário.

Retomando nossa questão inicial, o Brasil tem um vasto território, integrado parcialmente por rodovias. A dependência em relação a um só modelo, que foi imposto, causa vários problemas.

Então, podemos perceber que a organização e a integração do Espaço Geográfico brasileiro vêm mudando ao longo da sua história. A rede de transporte é um bom exemplo para notarmos como as pessoas circulam e como os produtos chegam até nós. A greve dos caminhoneiros foi um bom exemplo para compreendermos os problemas do transporte rodoviário.

ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL DAS RODOVIAS



Adaptado de FERREIRA, Graça Maria Lemos. *Atlas geográfico: espaço mundial*. Comunicação Cartográfica de Marcelo Martinelli. São Paulo: Moderna, 1998.



Desenvolvendo competências

3

1. O Brasil tem, como principal meio de transporte, a rodovia. Isso gerou inúmeros problemas de deslocamento das pessoas e mercadorias. O que levou milhares de motoristas a pararem as principais estradas brasileiras? Que conseqüências uma greve de caminhoneiros causou ao sistema de transporte do território brasileiro?

Assinale a alternativa correta.

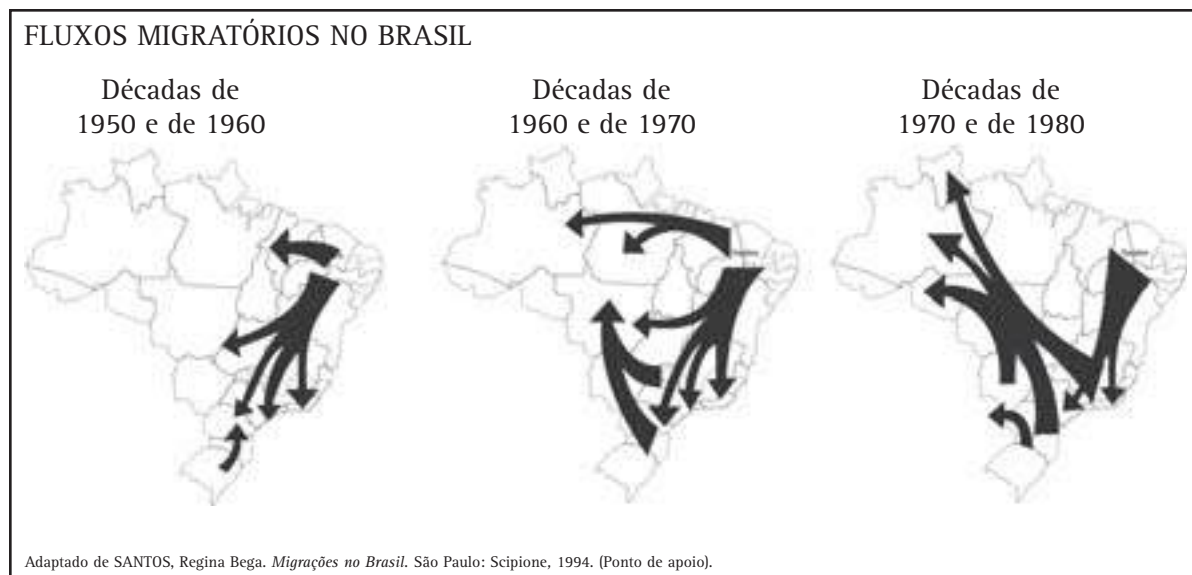
- a) A greve não teve conseqüência alguma, pois existem no Brasil outros meios de transporte mais eficientes que as rodovias, como as hidrovias.
- b) A greve prejudicou o abastecimento de alimentos, pois a maior parte do transporte de mercadorias no Brasil é feita pelas rodovias.
- c) A greve não alterou o abastecimento de produtos, porque a paralisação não atingiu as principais rodovias do país; os caminhoneiros reivindicavam transportar apenas produtos de primeira necessidade.
- d) O Brasil vem investindo rapidamente em outros meios de transporte, tais como as ferrovias, com o objetivo de transportar toda a carga sem utilizar o sistema rodoviário.

O PAÍS EM MOVIMENTO: FLUXOS MIGRATÓRIOS NO BRASIL

Vimos, na parte anterior deste capítulo, a importância dos meios de transporte na organização do espaço geográfico. Agora, analisaremos os movimentos migratórios da população, que só foram possíveis em número elevado devido à expansão do sistema de transporte. Isso resultou em inúmeras mudanças no Espaço Geográfico.

Observe os três mapas abaixo sobre os fluxos migratórios no Brasil:

O que os mapas mostram? A que regiões eles se referem? Há diferenças e semelhanças entre os três mapas? Pense a respeito dessas questões.





Desenvolvendo competências

4

Agora, responda: o que representam as setas nos mapas?

- a) *O processo de industrialização do Brasil.*
- b) *As principais rodovias que ligam os estados brasileiros.*
- c) *As hidrovias e ferrovias do Brasil.*
- d) *O deslocamento da população pelo território brasileiro.*

Sabemos que o uso de setas nos mapas indica movimento, deslocamento, fluxos. Os três mapas tratam das diferentes ocorrências de um mesmo fenômeno em momentos históricos distintos.

Não seria também a industrialização, pois as setas não fornecem elementos suficientes para a compreensão dos diferentes tipos de indústrias que existem no Brasil.

As hidrovias, como você já sabe, consistem no conjunto de mudanças que ocorrem ao longo dos rios para transportar mercadorias e pessoas – no mapa, não há indicação de nenhum rio. Para representarmos as estradas, usamos traços e linhas. Só nos resta a alternativa (d): os mapas representam o deslocamento da população pelo território, fenômeno conhecido como *migração*.

Agora, surgem novas perguntas. O que as setas indicam em cada mapa? Por que tantas pessoas se deslocaram nas décadas de 1950 e 1960? É possível identificar qual região teve a maior saída de habitantes ao longo desses anos?

O que motivou esses habitantes a saírem dos seus locais de origem? Por que a Amazônia praticamente não teve movimento populacional até a década de 1960?

AS DÉCADAS DE 1950 E 1960

No mapa das décadas de 1950 e 1960, a seta maior (que se divide em 4 ramos) indica um grande movimento da região Nordeste para a Sudeste. Você saberia levantar as razões desse deslocamento populacional?

A intensa migração ocorrida está associada ao êxodo rural (saída de pessoas das áreas rurais para as cidades) verificado no Brasil a partir dos anos de 1930.

Parte da população rural foi praticamente expulsa do campo, sobretudo em consequência da instalação de médias e grandes propriedades, da introdução de máquinas agrícolas (tratores, colhedeiças, sementeiras...) – modernização da agricultura –, da falta de incentivo ao pequeno produtor rural e da concentração de terras nas mãos de poucos proprietários. Tudo isso, e mais as secas em determinadas regiões do país, provocou o desemprego de milhares de trabalhadores. Sem possibilidade de sobreviver dignamente, muitas famílias rumaram para a cidade.

Famílias inteiras, na maioria das vezes, fugiam da seca, do desemprego, da falta de investimento dos governos nos lugares onde moravam.

Atualmente, conforme dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população urbana (aquela que vive nas cidades) do Brasil está em torno de 82%.

O Brasil dos anos 1950 e 1960 se industrializava rapidamente. A fim de atrair as indústrias estrangeiras, em especial as do setor automobilístico, o Governo Federal, principalmente, garantia os investimentos necessários ao território: construíram-se estradas, siderúrgicas, redes de energia e de comunicação. A região Sudeste foi a que recebeu mais investimentos.

Em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, a crescente industrialização atraiu muitos migrantes. Aumentou expressivamente a população das metrópoles da região Sudeste e o resultado foi que a mão-de-obra superou a procura de trabalhadores pela indústria.

AS DÉCADAS DE 1960 E 1970

O mapa das décadas de 1960 e 1970, além de indicar um significativo movimento em direção ao Sudeste, registra dois novos movimentos importantes para a compreensão da migração.

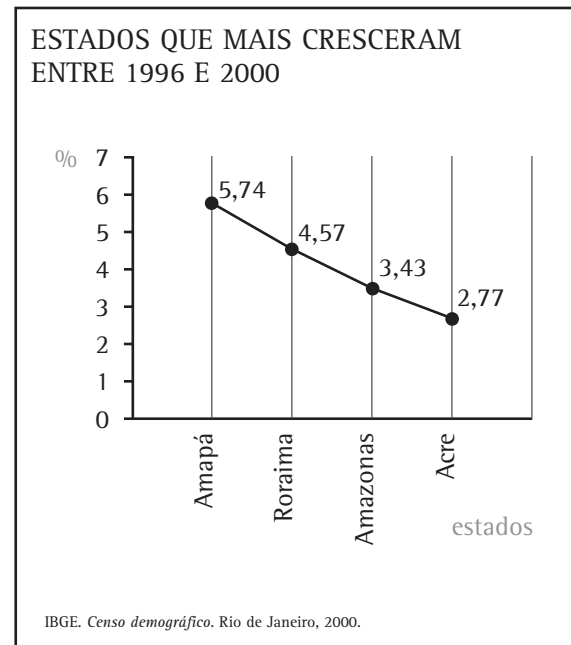
O primeiro deles está representado pela seta que se origina na região Sul e vai até a região Centro-Oeste: diferentemente das migrações ocorridas nas décadas de 1950 e 1960, esse fluxo migratório não se relacionava com o desenvolvimento industrial, mas com a ampliação da fronteira agrícola, isto é, com a formação de uma nova área para a agricultura. As terras do Sul ficaram mais caras, e a concorrência com grandes empreendedores (grandes proprietários) levou os pequenos agricultores a buscarem novas propriedades no Centro-Oeste. Nesta época, o governo brasileiro incentivou a migração de famílias de trabalhadores agrícolas, que saíram da região Sul e Sudeste e foram abrir fazendas no Mato Grosso e Goiás.

O segundo movimento tem como destino a Amazônia: muitos vão trabalhar no garimpo e em projetos agropecuários para atender aos interesses das grandes empresas; além disso, a construção da rodovia conhecida por Transamazônica estimulou a chegada de novos migrantes, sobretudo nordestinos, como mostram as setas do mapa.

E o mapa das décadas de 1970 e 1980? Que mudanças ele registra? A migração para o Sudeste diminuiu ou aumentou? Para que parte do território direcionam-se os fluxos?

Repare que o fluxo de migrantes do Nordeste para o Sudeste continua, porém em menor ritmo. O que se destaca, nessas décadas, é a migração rumo à região Norte, em busca dos empregos proporcionados por novas áreas de pecuária e agricultura.

E nos anos 1990? O brasileiro continua migrando? Observe o mapa e o gráfico a seguir:



O que representa o gráfico? É possível relacioná-lo com o mapa? Qual a semelhança entre a direção dos fluxos e a linha do gráfico?

Podemos entender que:

- um grande índice de migrantes se desloca para as áreas de garimpo e para as fronteiras agrícolas;
- o desinteresse dos migrantes pelas metrópoles da região Sudeste pode ser explicado pela

crise econômica, que diminuiu o número de empregos na indústria;

- a migração rumo à região Norte foi responsável pelas altas taxas de crescimento anual dos estados que a integram, crescimento este bastante expressivo se comparado ao dos estados que apresentaram as menores médias, como a Paraíba, com 0,80%, e à média brasileira, que ficou em 1,6%.



Desenvolvendo competências

5

Leia os versos da canção abaixo: você percebe alguma ligação entre a migração que ocorre no Brasil e a história de sua vida e de sua família?

*O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
Vou na estrada há muitos anos
Sou um artista brasileiro.*

BUARQUE, Chico. *Paratodos*. [S.l.]: BMG Ariola, 1993. 1 CD.

O que retratam esses versos do compositor e músico Francisco Buarque de Holanda, conhecido como Chico Buarque? Você se identifica de alguma maneira com essa canção? Esses versos podem ser lidos como um testemunho do artista a respeito das migrações da população brasileira? Justifique.

Em 1940, havia 3,4 milhões de brasileiros fora de sua cidade natal; o número chegou a 12,5 milhões em 1960, 43,3 milhões em 1980 e 53,3 milhões em 1991, de acordo com o IBGE. Os números contribuem para a análise da música?

*O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
Vou na estrada há muitos anos
Sou um artista brasileiro.*

BUARQUE, Chico. *Paratodos*. [S.l.]: BMG Ariola, 1993. 1 CD.

O brasileiro, de modo geral, é migrante. O trabalho do migrante proporcionou o

desenvolvimento dos lugares e das regiões. Os fluxos migratórios acompanham as atividades econômicas, tais como a indústria, a agropecuária, o comércio e os serviços, que se organizaram de maneira desigual pelo território. É necessário entender como, por que e onde ocorreram os movimentos migratórios para analisar o território e compreender as transformações nele ocorridas nas últimas décadas.

O grande crescimento das metrópoles é explicado pelo aumento das migrações internas, observadas nas tabelas e nos mapas. A maioria dos migrantes, pertencente a camadas da população mais pobre, foi obrigada a deixar sua terra natal

Capítulo II – Mudanças no espaço geográfico do Brasil

em busca de melhores condições de vida.

Muitos dos que seguiram para as grandes e médias cidades brasileiras trabalham no setor de serviços e no setor informal, pois foram essas as oportunidades que encontraram. Habitam geralmente moradias precárias nas periferias dos centros urbanos – não participaram, infelizmente, da distribuição da riqueza que ajudaram e ajudam a construir.

O ato de migrar para a cidade significa uma mudança brusca no modo de vida. Às vezes, parte da família fica na terra natal. A adaptação na metrópole é difícil, o preconceito social e

econômico dificulta a possibilidade de se buscar uma cidadania plena no novo lugar. Aos poucos, há uma perda da identidade e das raízes.

Nos anos de 1950 e 1960, o migrante praticamente se isolava de seu local de origem por causa da pouca integração dos transportes e da comunicação no Brasil. A partir dos anos 1970, com o desenvolvimento dos correios e de outros setores de comunicação e da construção de mais estradas, muitas famílias puderam manter mais contato, desempenhando uma maior interação social e cultural.

CRESCIMENTO ECONÔMICO E DANOS AO MEIO AMBIENTE

Como vimos na discussão sobre migração e transportes, o espaço geográfico se altera devido à ampliação das atividades econômicas no território, tais como a indústria, comércio, serviços, agropecuária e mineração. Percebemos que, para atender aos interesses do desenvolvimento capitalista no Brasil, principalmente após os anos de 1950, o Estado atuou na produção e organização do território, construindo uma infraestrutura de transportes, energia e comunicação. Note que a transformação do território não foi por igual. Muitas regiões tiveram sua ocupação acentuada após os anos de 1970. Isso também ocorreu na Amazônia. Por quê?

Observe novamente o mapa dos fluxos migratórios do Brasil nos anos de 1990. O que você nota? Por que milhares de migrantes se dirigiram para a Amazônia? Em que eles foram trabalhar?

Ocorreram problemas sociais e ambientais nesses deslocamentos nos últimos anos? Que atividades foram realizadas lá? Os vários governos que administraram o Brasil nos últimos anos contribuíram para alguma mudança no quadro social e ambiental da Amazônia? É possível mudar o quadro da ocupação da Amazônia?

Observe o gráfico de barras ao lado sobre a evolução do desmatamento na Amazônia.



O que você percebe no gráfico de barras? O que significa cada barra? Como relacionar a área desmatada ao longo dos anos? O desmatamento teve alterações? Em que ano ocorreu o maior desmatamento na Amazônia? Por que ocorre o desmatamento? Quais as suas conseqüências sociais e ambientais?

Discutimos, na parte anterior a idéia de fronteira agrícola, ou seja, expansão da agricultura e pecuária para novas áreas. Percebemos que, nos anos de 1960 e 1970, a fronteira avançava para os estados da região Centro-Oeste com a pecuária e a agricultura da soja. Como os governos participaram incentivando as atividades para as regiões Norte e Centro-Oeste?

A ocupação das regiões foi estimulada pelos governos, principalmente o Federal, com a finalidade de atrair novas empresas do setor agropecuário e mineral para produzir em grande quantidade. Para isto, o governo

implantou uma política chamada “desenvolvimentista”, baseada nos incentivos fiscais (vantagens concedidas aos empresários que queriam produzir na Amazônia), principalmente a partir da década de 1970.

A tentativa de ocupar o Cerrado e a Floresta Amazônica desencadeou uma migração em busca de novos empregos e novas terras. Associados aos incentivos fiscais, o Governo Federal construiu várias rodovias, tais como a Belém–Brasília, a Transamazônica, a Cuiabá–Santarém, a Cuiabá–Porto Velho.



Desenvolvendo competências

6

Localize no mapa “Organização territorial das rodovias” (página 32) as estradas que ligam essas cidades. Observe se elas são pavimentadas ou não.

A atitude do Governo em promover a ocupação da Amazônia privilegiando a atividade agropecuária em grandes propriedades tinha uma intenção evidente.

Qual das opções abaixo melhor exprime essa intenção?

- a) Ocupar a região apenas com pequenos proprietários de terras que vieram do Sul do Brasil.*
- b) Ocupar a região através de grandes projetos agropecuários e minerais que visavam o mercado externo.*
- c) Preservar as terras indígenas e garantir uma vida adequada aos migrantes que lá chegavam.*
- d) Construir outros caminhos, não rodoviários, que integrassem a região.*

Por que os camponeses do Sul foram para o Centro-Oeste e para Amazônia, conforme os mapas de migração das páginas 31 e 33 mostram? O uso das máquinas pelas empresas agrícolas na produção da soja, principalmente, e a valorização das terras expulsaram o pequeno produtor. A pressão por terras e emprego fez, então, com que

o governo incentivasse a migração para o Norte. Vejamos outra questão para entender os danos ambientais causados pelo desmatamento: na Amazônia, as madeiras retiram muitas árvores nativas e deixam brechas enormes na vegetação; áreas de pastagens substituem a mata.



Desenvolvendo competências

7

A agricultura voltada para o mercado se espalha sobre antigas áreas de floresta. A vegetação original é destruída e a erosão prejudica os solos. Assinale a alternativa que explica as transformações ambientais na Amazônia.

- a) A floresta e as atividades agropecuárias convivem sem gerar danos ao ambiente.*
- b) O ecossistema amazônico, muito resistente, tem impedido a ocupação da região e tornado a Amazônia pouco atraente às empresas.*
- c) A rápida ocupação pelas empresas capitalistas tem provocado danos por desmatarem-se, com máquinas ou queimadas, enormes trechos de floresta.*
- d) O aumento do número de pequenas propriedades para a realização da agricultura de subsistência tem representado um grande desastre ecológico.*

O que você acha da imposição desse modelo de desenvolvimento na Amazônia? Existe uma outra maneira de ocupar e até mesmo explorar as riquezas naturais da Amazônia que não prejudique o meio e atenda aos interesses das comunidades? A expansão da fronteira agrícola atendeu às necessidades dos milhares de migrantes que foram para a Amazônia?

Seringueiros e castanheiros, que há séculos tentam viver sem depender das empresas agropecuárias e dos grandes proprietários de terras, conseguem, com muita luta, a criação de reservas extrativistas que representam uma proposta diferente de ocupação e organização do espaço amazônico.

Em relação à Amazônia, é necessário propor novas práticas sociais que não excluam aqueles que são marginalizados na sociedade.

Em relação às práticas ambientais, é preciso repensar o modelo de ocupação do espaço. Grandes pastagens e cultivos nas áreas de florestas não podem mais ocorrer, pois é necessário estabelecer um rígido controle da expansão das fronteiras agrícolas. Criar reservas naturais estimularia a pesquisa científica para o conhecimento da fauna e flora.

É fundamental garantir a preservação, a qualidade de vida e diminuir as desigualdades sociais.



Desenvolvendo competências

8

Escolha, dentre as alternativas abaixo, a solução mais adequada para um uso mais racional da natureza e para a vida dos homens.

- a) As experiências voltadas para a exploração em grandes áreas, com o cultivo de um só produto, não prejudicam a região e geram empregos para milhares de trabalhadores.*
- b) A transformação da Amazônia em uma área de grandes pastagens evita o desmatamento e os danos ambientais.*
- c) A produção dos seringueiros deve ser controlada pelos grandes grupos econômicos para atingir o mercado internacional, garantindo lucros para o país.*
- d) O estímulo à criação de reservas extrativistas garante o sustento dos povos da floresta, preserva-a e gera empregos e renda.*

MUDANÇA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Como vimos, o Espaço Geográfico mudou rapidamente após os anos de 1950, com a construção de um sistema de transporte basicamente rodoviário. A maior parte das cargas são transportadas sobre rodas e notamos os problemas que isso trouxe para todos.

Além do transporte de carga, notamos também que as pessoas saíram mais dos estados em busca de uma vida melhor. Para isso, muitos migraram usando o transporte rodoviário.

Na intenção de integrar o país, o Governo preparou o território com os transportes, comunicação e energia e possibilitou o aumento de outras atividades. Essas transformações causaram inúmeros danos ambientais. A questão que colocamos então para o presente e o futuro é: como construir o desenvolvimento, favorecendo a melhoria de vida para a população, sem, contudo, criar tantos impactos no ambiente?



Conferindo seu conhecimento

1

a) As três alternativas contribuem para a eficiência e o barateamento do transporte de cargas. Contudo, concentrar praticamente toda a carga no transporte rodoviário pode trazer sérias conseqüências à população. Você saberia responder quais?

- O aumento do frete do transporte.
- O alto custo de construção e manutenção das estradas.
- O enorme gasto com combustível.

Essas são algumas das conseqüências que ocorreram no Brasil após a escolha do transporte de cargas através das rodovias.

b) Se você escolheu a ferrovia, acertou. A ex-URSS transporta 83% dos seus produtos através da ferrovia, enquanto o Brasil só usa 18%.

2

Optar pelos pedágios é um bom começo. Afinal, o que o pedágio tem a ver com a situação? Você paga pedágios quando viaja? Todas as estradas têm pedágios? Por que existe o pedágio nas estradas brasileiras? O que você souber sobre o assunto, anote em seu caderno.

3

Resposta (b).

4

Resposta (d).

6

A alternativa (b) é a que melhor identifica o projeto de colonização da Amazônia nos anos 1970 e 1980. O projeto consistiu numa série de ações: parte das terras indígenas foi invadida por garimpeiros e empresas de mineração; a construção de estradas e a ocupação ao longo das suas margens com a agricultura e pecuária aumentaram o desmatamento.

7

A alternativa (c) é correta, pois a ocupação da Amazônia por grandes empresas agropecuárias e de mineração é responsável por desequilíbrios sociais e ambientais. As áreas desmatadas perdem sua riqueza natural. Os solos ficam expostos às chuvas fortes e às queimadas, causando erosão e perda da fertilidade. A prática da mineração poluiu alguns rios por conta da utilização de produtos químicos, como o mercúrio, muito usado no processo de separação do ouro e de outros minerais.

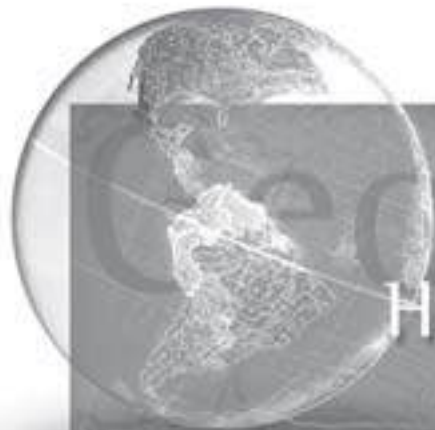
8

A alternativa (d) é uma solução possível para a Amazônia. Tente lembrar de outras situações que acontecem no lugar onde você mora. Seria possível, na sua comunidade, aliar uma atividade econômica com a preservação da natureza, gerando uma renda adequada para os seus cooperados? É possível encontrar soluções alternativas ao modelo de desenvolvimento capitalista que elevem a qualidade de vida dos habitantes?

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar fenômenos e fatos histórico-geográficos e suas dimensões espaciais e temporais, utilizando mapas e gráficos.
 - Analisar geograficamente características e dinâmicas dos fluxos populacionais, relacionando-os com a constituição do espaço.
 - Interpretar situações histórico-geográficas da sociedade brasileira referentes à constituição do espaço, do território, da paisagem e/ou do lugar.
 - Comparar os processos de formação socioeconômicos e geográficos da sociedade brasileira.
 - Comparar propostas de soluções para problemas de natureza socioambiental, respeitando valores humanos e a diversidade sociocultural.
-



Geografia

História e Geografia

Ensino Fundamental

Capítulo III

O VALOR DA MEMÓRIA

COMPREENDER A IMPORTÂNCIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL E RESPEITAR A DIVERSIDADE ÉTNICA.

Denise Gonçalves de Freitas

Capítulo III

O valor da memória

Hoje é um dia que vou marcar no meu caderno; você me deu oportunidade de falar de minha fé, de minha mãe, de minha gente e de minha raça. Nunca ninguém me perguntou nada. E eu nunca pude contar nada para ninguém. A minha própria vida ficou mais clara. Venha sempre que puder. Venha comer feijão com couve.

BERNARDO, Teresinha. *Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 1998.

APRESENTAÇÃO

Esse depoimento que você acabou de ler é de dona Sebastiana, mulher negra, moradora da cidade de São Paulo, para o livro *Memória em Branco e Negro, Olhares sobre São Paulo*, escrito por Teresinha Bernardo.

Relembrar, reviver o passado, segundo Dona Sebastiana, deixa a vida mais clara.

O que significa uma vida mais clara?

Para dona Sebastiana, deixar a vida mais clara é contar sobre sua fé (sua religião), sua mãe (que é a família dela), sua gente (que são seus conhecidos e amigos) e sua raça. Contar significa retomar fatos, acontecimentos. Lembrar, relembrar.

Muitas vezes, o exercício de contar permite que relembremos detalhes, costumes, comportamentos, permite deixar a vida mais clara, permite que saibamos quem somos e como somos.

Para dona Sebastiana, ter falado sobre ela e sobre a história parece tê-la deixado mais feliz.

Neste capítulo, vamos tratar um pouco dessa vontade, dessa necessidade, dessa alegria de retomarmos nossa memória, de compartilharmos com outros as nossas lembranças, as imagens de outros tempos, de como eram a nossa terra, nossos costumes, tudo isso envolvendo também histórias de nosso país.

Vamos estudar juntos a necessidade que um grupo tem de retomar a sua memória, a sua história, para atingir um objetivo particular: provar o direito à propriedade de um determinado trecho de terra.

TERRAS DE QUILOMBOLAS

No Vale do Ribeira, em São Paulo, existe um grupo de descendentes de ex-escravos que vivem numa área remanescente de quilombos, ou seja, numa área onde antes existia um quilombo. Observe abaixo, no mapa, o detalhe assinalado em azul, que corresponde ao Vale do Ribeira. Ao lado, o mapa do Brasil, para você poder localizar os estados de São Paulo (SP) e Paraná (PR), que ficam na região Sul-Sudeste do país.

A primeira coisa que você deve estar se perguntando é: o que é, afinal de contas, um quilombo?

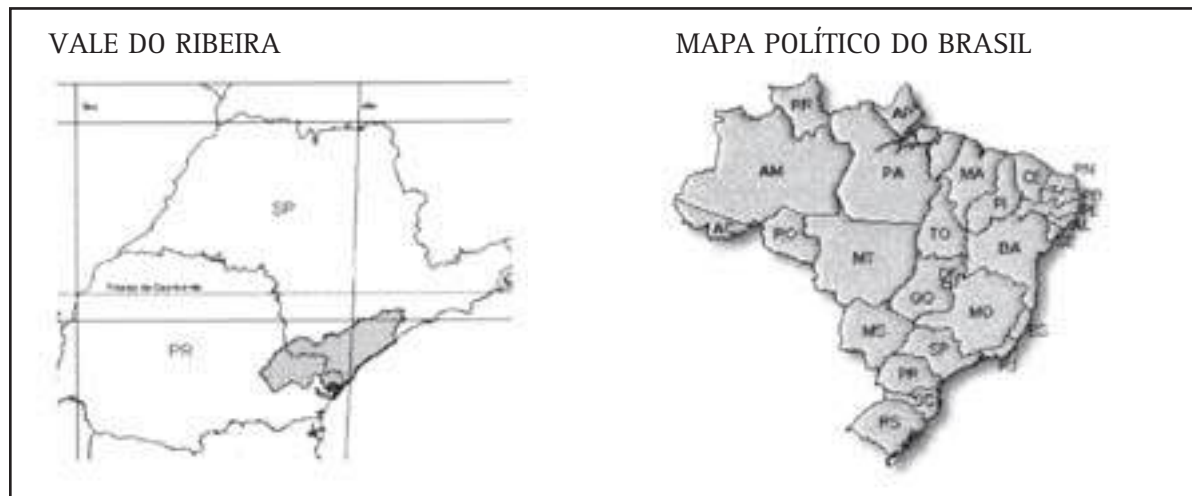
Pois bem, a palavra brasileira “quilombo” é originária da língua banto, falada por povos africanos que vieram para o Brasil, trazidos pelos portugueses para serem escravos. O povo banto vivia na África, em territórios que se dividem, atualmente, entre Angola e Zaire. A palavra

surgiu quando grupos de diferentes povos, brigando pelo poder, eram expulsos de suas comunidades, unindo-se a outros grupos de outras comunidades que também haviam sido expulsos. Essa união entre esses grupos diferentes era chamada de *quimbundo*, que no Brasil se aportuguesou para quilombo.

Bem, e no Brasil? Para que foi usada a palavra quilombo?

No Brasil, os índios e negros foram vítimas da escravidão. A escravidão durou mais de 300 anos. Os negros eram trazidos da África para trabalharem aqui no Brasil, em fazendas, nas minas de ouro e nas cidades.

A escravidão terminou, oficialmente, no ano de 1888, com a Lei Áurea. Mas, durante todo o período em que existiu a escravidão, os negros lutaram de várias formas contra ela.



aportuguesou
palavra estrangeira que ganhou uma forma
parecida no português.



Desenvolvendo competências

1

Se você fosse um escravo naquela época, qual teria sido sua forma de resistência?

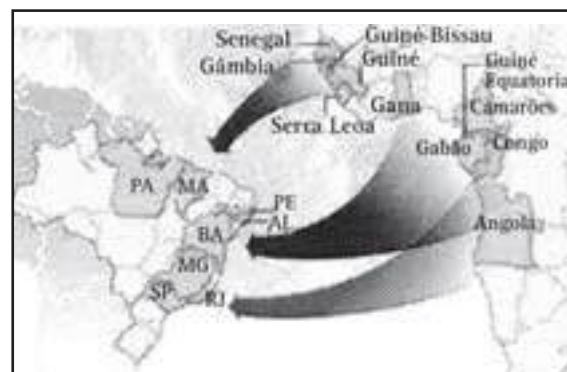
1. *Fugir e voltar para a sua terra natal.*
2. *Exigir seus direitos perante a lei.*
3. *Lutar para a lei acabar com a escravidão.*
4. *Fugir para a mata.*

Anote em seu caderno a alternativa que você escolheu.

Observe o mapa apresentado abaixo, leia os textos de época e veja as imagens de objetos, nas páginas a seguir, refletindo sobre a melhor alternativa para a questão acima.



- Onde está a África e onde está o Brasil?
O que separa esses dois lugares?
- Qual a única forma, naquela época, de irmos de um lugar a outro?



Embarcam-se, anualmente, cerca de 120.000 negros da costa da África, unicamente para o Brasil, e é raro chegarem a seu destino mais de 80 a 90 mil. Perde-se, portanto, cerca de 1/3 durante uma travessia de dois meses e meio a 3 meses. Reflita-se sobre a impressão cruel do negro diante da separação violenta de tudo que lhe é caro, sobre os efeitos do mais profundo abatimento ou da mais terrível exaltação de espírito em associação com as privações do corpo e aos sofrimentos da viagem... Os escravos são aí amontoados de encontro às paredes do navio e em torno do mastro; onde quer que haja lugar para uma criatura humana... Todos, principalmente, nos primeiros tempos de travessia, têm algemas nos pés e nas mãos e são presos uns aos outros por uma comprida corrente...

A falta d'água é a causa mais freqüente das revoltas dos negros, mas ao menor sinal de sedição, não se distingue ninguém; fazem-se impiedosas descargas de fuzil nesse antro atravancado de homens, mulheres e crianças.

Texto 1 – RUGENDAS, Johann-Moritz. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Tradução de Sérgio Milliet. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1989. (Coleção Reconquista do Brasil. 3. Série; v. 8). A primeira publicação desta obra foi em 1835.

Que lembranças os homens, mulheres e crianças possuíam da viagem realizada por eles ou por seus parentes?

O próximo texto conta a chegada de um desses navios que traziam escravos, chamados de “navio negreiro”, com 562 escravos, dos quais 55 morreram e foram lançados ao mar.

Depois que todos eles desfrutaram por algum tempo das delícias do ar puro, foi-lhes trazida água para que bebessem. Foi nesse momento que toda a extensão do seu sofrimento se tornou pavorosamente patente. Eles todos se atiraram como loucos sobre a água. (...) Eles se debatiam e brigavam uns com os outros para conseguir um gole do precioso líquido, como se tivessem endoidecido ao vê-lo. Não há nada que faça sofrer tanto os escravos, durante a travessia, do que a falta de água (...) Certa vez sucedeu que um navio vindo da Bahia zarpou sem que, por esquecimento, a água fosse trocada; já em alto mar descobriu-se, para horror de todos, que os barris estavam cheios de água salgada. E todos os escravos a bordo morreram...

Texto 2 – WALSH, Robert. *Notícias do Brasil (1828-1829)*. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1985. (Coleção Reconquista do Brasil. Nova série; v. 74-75). Título original: News of Brasil in 1828 and 1829.

- Como os escravos eram tratados?

cerca de 1/3
no texto, isso significa que 40.000 negros morreram nas viagens entre a África e Brasil, por ano.

exaltação
no texto, agitação, desespero.

privações
carência de alimentos, sofrimentos.

mastro
peça de madeira circular que fica no meio do navio. É usada para segurar as velas, que são os panos que servem para empurrar o navio quando bate o vento.

sedição
agitação, revolta.

antro atravancado
no caso do texto, significa um lugar escuro, na parte de baixo do navio, lotado de homens e mulheres.

patente
claro, evidente.

travessia
viagem.

O texto a seguir é um anúncio de jornal. Esse tipo de anúncio podia ser encontrado em vários jornais da época da escravidão no Brasil.

*Excelente escravo. Vende-se um crioulo de 22 anos, sem vício e muito fiel: bom e **asseado** cozinheiro, copeiro. Faz todo o serviço de arranjo da casa com **presteza**, e é melhor trabalhador de roça que se pode desejar; humilde, obediente e bonita figura. Para tratar na ladeira de S. Francisco n. 4.*

Texto 3 – *Província de São Paulo*, São Paulo, 19 fev. 1878. apud NEVES, Maria de Fátima Rodrigues das. *Documentos sobre a escravidão no Brasil*. São Paulo: Contexto, c1996. (Textos e documentos; v.6).

- Como essas pessoas eram consideradas na época?
- Pelo anúncio, a que você poderia comparar o escravo?
- Quais eram, então, os direitos do escravo?

Observe, agora, as imagens abaixo:



DEBRET, Jean Baptiste. O colar de ferro, castigo dos negros fugitivos. Detalhe da prancha 42.



Máscara utilizada para castigo. Museu do Escravo. Belo Vale, MG.

- Você consegue imaginar a utilização desses objetos?
- Vamos perguntar de novo: que direitos possuíam esses homens, mulheres e crianças?
- Existiam leis que os protegessem?

Voltando à questão “Se você fosse um escravo naquela época, qual teria sido sua forma de resistência?”, que alternativa você anotou em seu caderno?

Os africanos que chegaram ao Brasil na situação de escravos estavam muito distantes de sua terra, separados dela por um grande oceano. A travessia era lembrada com muita dor e sofrimento. O Texto 1 mostra que embarcavam, anualmente, da África, cerca de 120 mil negros. No entanto, era raro chegar ao seu destino, no Brasil, mais de 80 ou 90 mil. Isso significa que morriam na travessia, todo ano, cerca de 30 a 40 mil negros. Com certeza, essa não é uma boa lembrança da viagem, não é mesmo?

Eram vendidos, alugados, trabalhavam sem descanso e sem salário, e recebiam castigos corporais, quando seus donos acreditavam que merecessem, isto é, bastava os donos quererem que os escravos eram castigados. Que direitos, então, possuíam esses homens e mulheres? Pois bem, você já percebeu: não existiam nem leis e nem direitos que protegessem os escravos.

Pois é, restava para os escravos fugir para a mata. Fugiam, formando comunidades que receberam o nome de *quilombos*, que podem ser considerados uma forma de resistência que durou toda a época da escravidão.

Segundo pesquisas atuais, os quilombos foram criados mesmo após o fim da escravidão, já que, depois dela, os negros foram abandonados à própria sorte: não tinham onde morar, onde trabalhar, eram considerados inferiores e enxergavam nessas comunidades uma maneira de sobreviver.

Para sobreviver na mata desconhecida, esses homens e mulheres enfrentaram vários desafios: tinham que construir suas moradias, aprender a plantar para poderem se alimentar, além de terem que combater as várias expedições mandadas pelo governo para destruir as aldeias e capturar os escravos fugitivos.

Nesses quilombos, não foram morar apenas os negros que resistiam à escravidão, mas, também, alguns índios e homens brancos pobres que procuravam alternativas de vida na sociedade brasileira.

Como você pode perceber, a palavra quilombo foi usada no Brasil com o mesmo sentido com que foi usada na África, ou seja, uma nova comunidade formada por diferentes grupos.

OS QUILOMBOS NOS DIAS DE HOJE

Você percebeu como são importantes os documentos, por exemplo, os textos de época e objetos preservados em museus e arquivos brasileiros, para podermos retomar a história brasileira. Foi analisando alguns desses documentos que conseguimos retomar um pedaço da história dos escravos negros no Brasil.

Vamos voltar à questão inicial, sobre aquele grupo da região do Vale do Ribeira que, sendo netos ou bisnetos desses homens e mulheres que resistiram à escravidão e organizaram quilombos, pedem hoje o reconhecimento da terra como propriedade deles. São essas áreas de antigos quilombos que chamamos de *áreas remanescentes de quilombos*.

No ano de 1988, foi promulgada no Brasil uma nova Constituição, isto é, um conjunto de leis que deve ser seguido pela população de nosso país. Nesta nova Constituição, o artigo 68 dispõe: *aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos*.

Assim, se for provado que uma área é remanescente de quilombos – local onde vivem pessoas descendentes dos negros que fugiram da escravidão e formaram uma comunidade – esses descendentes têm por lei o direito de posse dessas terras.

Mas como esses grupos atuais de quilombolas, nome dado aos que viviam e aos que vivem nos quilombos, podem provar que nessas áreas moravam os seus antepassados (avós, avôs, bisavós, bisavôs), transformando esses locais em seus por direito, garantido pela Constituição?

Veja o exemplo a seguir: no interior de Goiás, na Chapada dos Veadeiros, existe um quilombo chamado Kalunga. No mapa do Brasil, na página 43, você pode localizar o estado de Goiás – GO, e no mapa abaixo, a Chapada dos Veadeiros, no Nordeste desse estado.

Leia abaixo o que conta a pesquisadora Mari de Nasaré Baiochi, que estudou a história dessa comunidade, sobre a dificuldade da pesquisa sobre a origem do quilombo.

A História oficial do Brasil é silenciosa em relação aos movimentos de resistência escrava, suas lutas, fugas e a formação de quilombos. Dessa forma, tornou-se necessário um projeto especial para a realização de pesquisas em fontes primárias (que são os documentos guardados em arquivos), pois o que se apresenta sobre o tema não leva a conclusões esclarecedoras de onde fica a região do quilombo, no Estado de Goiás. Porém, a própria existência das comunidades denominadas Kalunga prova que o africano, mesmo na condição de escravo, luta muito para a sobrevivência, construindo uma forma de vida em que possa realizar o exercício da liberdade e solidariedade...

Texto adaptado de BAIOCCHI, Mari de Nasaré. *Kalunga: povo da terra*. Brasília: Ministério da Justiça: Secretaria dos Direitos Humanos, 1999. p. 33.



O que foi necessário para provar a descendência histórica dos Kalunga?

O que significa fazer pesquisa em “arquivos”? Seria procurar documentos antigos? Que tipo de documento?

A própria existência da comunidade negra, com antigas tradições africanas e sua luta pela sobrevivência, já é em si um documento que comprova que são descendentes de escravos fugitivos?

É necessário, então, que os quilombolas provem sua descendência.

- Qual o caminho que os integrantes desse grupo devem seguir para conseguirem ser reconhecidos como os verdadeiros donos dessa terra?
- Quais as dificuldades que vão encontrar?
- Você acha que basta que eles digam que são descendentes de ex-escravos para ganharem o direito à propriedade?

Para começar, esse grupo deve buscar a origem dos primeiros habitantes do local. Quem eram eles? De onde vieram? Eram seus avós, avós, bisavós, bisavós?

Como conseguir informações sobre esses antepassados? Não temos fotos, não temos documentos escritos por eles, pois esses grupos viveram e vivem distantes dos centros urbanos, e não produziram nenhum arquivo próprio.

Talvez existam alguns documentos oficiais nas cidades próximas à região. Mas não há nenhuma escritura, e nós sabemos que, hoje, para provarmos que uma propriedade é nossa, temos que ter um papel, uma escritura, registrada num cartório de uma cidade. O que nos resta?

Vamos fazer um levantamento das possibilidades de pesquisa. Em quais fontes você acha que eles podem pesquisar?

Será que quem mora num quilombo pode fornecer informações sobre desde quando eles estão ali? Será que podemos entrevistar pessoas mais velhas?

Será que os rituais, histórias e lendas antigas podem contar alguma coisa? Será que há, no povoado, objetos e construções preservados e cuidados que são antigos? Será que é possível fazer escavações arqueológicas, ou seja, escavações em busca de materiais que possam nos interessar?

Além das fontes de pesquisa, precisamos também pensar sobre o que devemos perguntar, o que queremos saber? Quais informações podem nos ajudar a reconstituir a história desse quilombo? É importante saber sobre seu modo de vida no passado? Como chegaram aqui?

INVESTIGANDO A HISTÓRIA DO QUILOMBO DO VALE DO RIBEIRA

Vamos iniciar nossa investigação, lendo o depoimento de dona Antonia Vitorina de Oliveira, moradora dessa área remanescente de quilombo, com mais de 90 anos:

Meu avô, minha avó, minha bisavó, quando pegaram ela na mata, a laço, quando ela chegou na casa do amo, foi amansada e aí minha avó nasceu, e depois fugiu.

Trecho retirado do vídeo: POVO dos quilombos. Produzido por Myrian Produções. [S.l.: s.n., 19--]. Encontrado na Videoteca da Secretaria do Meio Ambiente.

A partir desse depoimento, a quais conclusões podemos chegar?

- A avó de dona Antonia fugiu para essa região mais ou menos, quantos anos atrás?
- Qual o motivo que teria gerado a fuga da avó de dona Antonia?

Repare na idade de dona Antonia. O fato de ela possuir mais de 90 anos nos permite perceber que sua avó viveu na época em que o Brasil ainda possuía o trabalho escravo. Ela está contando a história de sua avó, fugindo da escravidão.

Analisando o depoimento, percebemos a importância da história oral para retomarmos a memória de um grupo, de uma comunidade, pois fica claro que pessoas que fugiram da escravidão se dirigiram para os quilombos. No caso da avó da dona Antonia, para o Vale do Ribeira.

Você se lembra do depoimento de dona Sebastiana, no início de nosso capítulo, sobre tornar a vida mais clara? Pois então, dona Antonia, ao contar sua vida, tem mais clara sua história, e ajuda a esclarecer a história de todas as pessoas que vivem à sua volta.

Vamos continuar nossa pesquisa, nossa busca por vestígios do passado que permitam retomar a memória dessa comunidade.

Na comunidade do Vale do Ribeira, vamos encontrar uma pequena capela, que é dedicada à Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Observe a foto da capela que lá existe.



Disponível em: <http://www.socioambiental.org/website/noticias/brasil/19981610b.htm>

Vamos fazer algumas perguntas que possam nos interessar para continuarmos nossa busca por vestígios que comprovem que nesse local vivem os remanescentes de um quilombo.

- Como se encontra essa capela hoje?
- É uma construção nova ou antiga? Quantos anos será que ela tem?
- Por que ela foi construída?
- Ela ainda tem a mesma função?
- De que material é feita essa construção?
- Ela se assemelha a outras construções que você conhece, de outros lugares?
- Quem construiu? Quem mandou construir?
- Por que essa capela foi devotada à Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos?

Respondendo a essas perguntas, estaremos colhendo informações e analisando de forma detalhada essa construção. Conseguiremos, então, chegar a mais algumas conclusões sobre esse local que estamos estudando juntos.

Observando a foto da capela, percebemos que seu estado de conservação não é bom. As paredes estão rachadas, parte do telhado parece estar caindo, sua pintura está em alguns lugares descascada e, na parte de baixo, mofada.

Ela parece ser uma construção antiga, erguida para ser um espaço destinado aos rituais da Igreja Católica, servindo, ainda, para a mesma função.

A capela foi construída utilizando a técnica da taipa de pilão. É uma técnica de construção muito antiga, trazida pelos portugueses na época da colonização, em que se joga uma mistura de terra umedecida ou molhada em fôrmas de madeira. Essas fôrmas são duas grandes pranchas compostas de tábuas emendadas, que se mantêm em pé.

Capítulo III – O valor da memória

Para respondermos às três últimas questões, vamos observar outras fotos de capelas e igrejas, de outras épocas e de outros lugares, que ainda existem.



1. Capela de Sant'Ana – anterior a 1720. Ouro Preto – MG



2. Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos – 1822. Santos-SP – substituiu uma capela de 1651



3. Matriz de Nossa Senhora do Rosário – 1727. Pirenópolis-GO



4. Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos – construção iniciada em 1767. Sabará-MG

- Qual dessas igrejas mais se assemelha à capela que estamos estudando?

Analisando essas fotos, concluímos que é a capela da foto 1 a mais parecida com a capela da área que estamos estudando. A Capela de Sant'Ana é a mais simples, não possui torres altas nem várias janelas; as outras igrejas parecem mais imponentes do que ela, que é anterior ao ano de 1720.

Todas essas igrejas usaram a técnica de taipa de pilão. Encontramos no Brasil, hoje em dia, construções com mais de 250 anos que se utilizaram desse método. A taipa de pilão ainda é usada em muitas regiões do interior do país.

A capela que estamos investigando, a da comunidade do Vale do Ribeira, também é muito antiga, a julgar por seus traços arquitetônicos e pela técnica utilizada. Segundo alguns pesquisadores, ela é de 1761.

O que a maioria dessas igrejas tem em comum com a capela em estudo?

Além de serem construídas em taipa de pilão, a maioria delas é devotada à Nossa Senhora do Rosário.

A devoção à Nossa Senhora do Rosário é muito antiga. Ela se inicia na Europa, no século XV, por volta de 1470, e estava ligada à crença nos poderes do rosário (terço). Essa devoção foi trazida pelos portugueses para o Brasil, existindo, portanto, desde a época da colonização.

Os escravos negros, vindos da África, não podiam realizar livremente os rituais ligados à religião de seu local de origem e foram obrigados a seguir a religião de seus “donos”, ou seja, a religião católica. Essa obrigação acabou resultando na maioria das vezes em uma fusão dos rituais católicos com os rituais africanos.

A mistura entre a religião católica e a religião dos grupos africanos que para cá vieram se manifesta, ainda hoje, em festas e procissões no Brasil inteiro.

Exemplo dessa mistura é a festa da lavagem das escadarias da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, em Salvador, na Bahia. A festa começa com a saída do cortejo de mulheres vestidas com roupas típicas baianas da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, até a Igreja do Bonfim. Lá chegando, inicia-se a lavagem das escadarias e do pátio da igreja com água de cheiro.

Poderíamos citar várias outras manifestações mostrando essa mistura religiosa, esse sincretismo religioso, como a utilização de santos católicos para representarem os deuses do candomblé, religião africana que era proibida de ser praticada no Brasil Colônia, ou a Festa do Divino, que ocorre em várias regiões do Brasil. Essa festa é realizada, em geral, cinquenta dias depois da Páscoa, e mistura, em suas procissões, cantos católicos com o batuque de instrumentos e a Congada.

É curioso entendermos a Congada. Ela é uma espécie de dança em que os congadeiros dirigem-se à igreja, mas encontram as portas fechadas. O capitão, representado por um dos homens, canta um lamento negro; as portas se abrem e todos entram cantando e dançando, batendo seus tambores. Essa festa simboliza uma época em que os negros não podiam entrar nas igrejas. A congada é muito utilizada também nas festas de Nossa Senhora do Rosário e na comemoração do dia 13 de maio, dia da assinatura da Lei Áurea, que libertou legalmente os escravos.

Bem, voltando ao culto a Nossa Senhora do Rosário, sabemos que ele já fazia parte da vida de alguns povos no continente africano, levado para lá por colonizadores europeus, principalmente portugueses. Por isso os escravos vindos para o Brasil escolhiam essa devoção, pois muitas vezes já tinham tido contato com ela na África. Na maior parte do território brasileiro, os escravos construíam suas igrejas nos horários de folga ou de descanso, em homenagem à Nossa Senhora do Rosário.

devoção

adoração por algo, normalmente em sentido religioso.

cortejo

acompanhamento, procissão.

sincretismo

reunião de várias idéias.

Brasil Colônia

período da História do Brasil que vai de 1500, data da chegada dos portugueses no Brasil, até 1822, ano de nossa independência. Durante esse período, o Brasil era considerado território português.

Capítulo III – O valor da memória

Veja a história de duas das igrejas que você observou nas fotos:

A igreja que está localizada em Santos, em São Paulo (figura 2), antes de ter sido construída como vemos na foto, era uma simples capela, erguida em 1651. Dizem que, nela, escondiam-se os negros que fugiam de seus senhores, aguardando a melhor hora para, pelo Beco do Rosário, escaparem para o Quilombo do Jabaquara, que ficava escondido na mata.

A Igreja de Sabará, Minas Gerais (figura 4), parece ser uma ruína, mas, na verdade, essa igreja começou a ser construída em 1767 e nunca foi terminada por falta de recursos, sendo que sua obra foi paralisada, definitivamente, no ano de 1878. Não podemos considerá-la, portanto, uma ruína.

A sua construção estava sendo feita próxima a uma capela mais antiga ainda – que também era dedicada à Nossa Senhora do Rosário – e deveria substituí-la. No seu interior, encontra-se um altar muito simples em homenagem a dois outros santos muito lembrados nas igrejas dedicadas à Nossa Senhora do Rosário: São Benedito e Santa Efigênia.

É muito comum encontrarmos uma simplicidade nos altares das igrejas coloniais dedicadas à Nossa Senhora do Rosário, destoando dos altares de igrejas desse mesmo período dedicadas a outras devoções, que mostram por vezes interiores muito ricos.

Ufa! Quanta informação a capela do Vale do Ribeira nos trouxe. Todas essas manifestações culturais nos contam um pouco da história de nosso povo:

1. Percebemos que, apesar da obrigatoriedade de seguir a religião católica, várias foram as manifestações da cultura negra africana que se perpetuaram no Brasil.

2. A taipa de pilão, uma técnica trazida pelos portugueses, foi muito utilizada nas construções brasileiras, sendo usada até hoje, em algumas regiões.
3. A predileção pela devoção à Nossa Senhora do Rosário já existia no continente africano, e, aqui no Brasil, foi essa, também, a devoção preferida dos negros escravos.
4. As manifestações religiosas que misturaram costumes africanos com costumes portugueses resultaram em belas festas populares.

Pois bem, a capela da comunidade quilombola que estamos estudando foi erguida em devoção à Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, sendo mais um ponto para acreditarmos ser essa comunidade, realmente, descendente de antigos escravos.

Agora, vamos lembrar como chegamos a todas essas informações em nossa investigação pela retomada da memória da comunidade quilombola do Vale do Ribeira:

1. Um depoimento oral de uma moradora do local, descendente de escravos;
2. Uma construção (igreja), que podemos chamar de monumento histórico, levando-nos a algumas conclusões:
 - Se a igreja foi construída na época da escravidão (segundo estudos, ela seria de 1791), existiam pessoas que já moravam nesse local.
 - O fato de ela ter sido erguida em devoção à Nossa Senhora do Rosário nos leva a refletir sobre a grande possibilidade de ter sido erguida por homens e mulheres negras.

NO MODO DE VIDA, UMA FORMA DE INVESTIGAÇÃO

Vamos continuar investigando nosso problema, buscando outros elementos que possam comprovar a reminiscência quilombola da comunidade do Vale do Ribeira.



Desenvolvendo competências

2

Pensemos no seguinte exercício: a posse de uma propriedade é confirmada, em nossa sociedade, através de um título, uma escritura, que deve ser registrada em cartório, ou em outro órgão competente.

Das alternativas abaixo, as formas de posse de terra que você conhece são:

- 1. posse de uma única pessoa que a adquiriu através de compra.*
- 2. posse de pessoas de uma mesma família que a receberam por herança.*
- 3. posse de uma comunidade, em que todos juntos reivindicaram o direito sobre ela.*
- 4. posse por usucapião, provando moradia no local há muito tempo.*

Vamos analisar alguns trechos do documento das comunidades quilombolas de Aracuan, Bacabal, Serrinha, Terra Preta e Jarauacá, no Pará, que tiveram reconhecido o direito de propriedade da terra, em 1997.

Capítulo I – Da denominação, sede, duração e objetivos.

(...)

Artigo 2º

A Associação é proprietária das terras ocupadas pelas Comunidades Remanescentes de Quilombo (...)

Parágrafo 1º - As terras de propriedade da Associação não podem ser vendidas, arrendadas ou loteadas.

(...)

Capítulo II – Dos Sócios

Artigo 4º

São considerados associados os indivíduos que integram e/ou vierem a integrar as Comunidades Remanescentes de Quilombo (...)

Esse documento mostra a criação de uma associação. Para receber o título da terra, é necessário que as comunidades criem um estatuto, ou seja, um conjunto de leis, de regras, que vão mostrar como usar a terra.

Lendo o documento, a quem é atribuída a posse da terra?

Como vimos, ela é atribuída a toda a comunidade, a todos os indivíduos que integram a comunidade. Muito diferente daquilo que conhecemos, ou seja, a posse individual ou familiar.

Pessoas que estudam a formação e a vida dentro dos quilombos concluíram que, geralmente, a posse da terra não é individual. Nessas comunidades, verificamos a existência de grandes áreas de uso comum, que são conservadas pelo grupo visando à própria sobrevivência.

Essas áreas representam a sobrevivência, uma vez que possuem, muitas vezes, rios, porque a água é de grande utilidade para famílias. Possuem espécies florestais cujos frutos são utilizados na alimentação, na construção de casas, no uso medicinal (remédios). No Pará, no quilombo do documento analisado, as castanhas são um exemplo do que estamos falando, já que são, inclusive, comercializadas pelos quilombolas. É comum, também, a existência de pomares e pastos que são usados de forma coletiva pela população.

Esse tipo de utilização da terra já havia sido verificado no quilombo mais famoso da história do Brasil, o Quilombo de Palmares, cuja data provável de formação é 1630. Você já deve ter ouvido falar dele e de seu líder Zumbi, que hoje é considerado símbolo da consciência negra.

A terra, em Palmares, era propriedade coletiva da comunidade. As famílias constituídas no quilombo plantavam, retirando para si o necessário para o seu sustento. O restante da colheita era entregue para o uso coletivo, destinando-se à alimentação dos chefes, dos militares, dos funcionários que cuidavam da organização do quilombo, dos velhos, doentes etc. Parte ainda era armazenada para o caso de epidemias, secas ou guerras.

Existiam oficinas de artesanato, que produziam objetos de ferro, cerâmica ou fibra, que eram de uso coletivo, assim como os instrumentos de trabalho, quer dizer, as ferramentas.

A economia estava voltada basicamente para o consumo comunitário, porém é sabido que os quilombolas chegaram a praticar o comércio com as vilas próximas, quando conseguiam obter armas para se defenderem das tentativas do governo de destruí-los.

O que sabemos do Quilombo dos Palmares deve-se ao fato de as autoridades registrarem vários documentos sobre a importância de se combater esse quilombo.

Assim, dá para imaginar o quanto essa forma de resistência negra incomodava as autoridades, sem contar que Palmares, com o passar dos anos, tornou-se a sede de uma confederação de quilombos – a República de Palmares. O ano de 1695 é considerado o ano da destruição de Palmares.

No Vale do Ribeira, na área remanescente de quilombos, predomina o uso da terra de forma coletiva: plantam para a sobrevivência e também para comercialização. Utilizam, para plantar, um sistema de rodízio: plantam e colhem numa determinada área e, depois, deixam aquela área em descanso, garantindo que ela se conserve e que não haja um desmatamento. As terras não têm divisas; as cercas existentes são usadas apenas para criar algumas vacas. Plantam para consumo a mandioca, o arroz, o feijão e verduras; para vender, a banana.

A organização social e econômica da comunidade do Vale do Ribeira é, portanto, muito semelhante àquela comum aos quilombos.

Com essa nossa investigação, podemos concluir que existem diferenças entre as formas dos grupos sociais se organizarem; enquanto para nós

existe a predominância da propriedade particular, algumas organizações sociais usam e possuem a terra de maneira coletiva. Essa posse coletiva da terra é comum, também, entre nossas comunidades indígenas.

É incrível! Analisando documentos e estudando a forma de saber e de saber fazer de uma sociedade, podemos reconstruir sua memória, sua identidade cultural.

Para comprovar ainda mais a autenticidade dessa região como remanescente de um quilombo, foi encontrado, através de escavações realizadas por arqueólogos, um antigo cemitério, ao lado da capela da Nossa Senhora do Rosário. Os estudos das ossadas encontradas nessas escavações vieram comprovar a existência de um cemitério de escravos.

IDENTIDADE CULTURAL: RESGATE ATRAVÉS DA MEMÓRIA

Como você pôde perceber pelo estudo que fizemos, a memória de um povo não se encontra fechada em um museu. Se, no museu, encontramos elementos que nos explicam a vida de diferentes grupos, é também à nossa volta que encontramos vestígios que explicam toda uma organização, todo um jeito de viver de um povo, seus costumes. Ao conjunto de objetos,

construções, costumes, formas de produzir, de construir, é que chamamos de Patrimônio Cultural.

Os integrantes do grupo de quilombolas do Vale do Ribeira, ao acompanharem o estudo realizado sobre o local em que vivem, seus costumes, sua forma de sobrevivência, passaram a reconhecer e a valorizar muito mais tudo aquilo que estava à sua volta. Passaram a reconhecer e a valorizar o seu patrimônio cultural. Ser quilombola é agora motivo de orgulho; afinal, a história deles é uma história de resistência e luta que só pode fazer com que sintam orgulho dos seus antepassados.

É dessa maneira, com orgulho, que contam para seus filhos, e seus filhos contarão para os seus filhos, a história do quilombo do Vale do Ribeira. Cada homem e mulher desse grupo se reconhecem nessa história e conquistam o que chamamos de identidade cultural. É essa identidade com a história e a cultura de seu povo que faz com que falem com orgulho que são quilombolas.

É importante percebermos que não existe o certo ou o errado nas diferentes formas de organização da vida social, mas apenas que existem formas diferentes, que devem ser respeitadas.

O Brasil é um país muito grande e muito rico em manifestações populares. Todas elas contam um pouco da história de nosso país e das pessoas que aqui vivem.



Desenvolvendo competências

3

Pensando no patrimônio cultural brasileiro, qual alternativa abaixo você consideraria correta:

- a) o Brasil possui de norte a sul as mesmas formas de manifestações populares.*
- b) no Brasil há separação de culturas, ou seja, não se misturaram as formas de pensar e agir de diferentes grupos sociais.*
- c) as festas ou manifestações populares acontecem sem nenhuma relação com o passado.*
- d) no Brasil podemos encontrar manifestações populares diferentes; existe, pois, uma diversidade cultural.*

Qual a resposta que você assinalou como correta?

NOSSO PATRIMÔNIO CULTURAL

Neste capítulo, você acompanhou a luta de um grupo social para reconhecimento de sua terra, a busca de suas raízes, a importância do resgate de sua memória e da preservação de seus costumes e construções, tudo isso como parte do chamado patrimônio cultural de um povo, sendo que patrimônio cultural é tudo aquilo que está ligado *ao saber* e ao *saber fazer* de um grupo.

Analisamos juntos que essa sociedade possui características específicas, diferentes muitas vezes das características de outros grupos sociais. Isso não faz nenhum grupo ser melhor ou pior que outro, mas apenas diferente.

Essa diferença ocorre no Brasil em diferentes regiões e se manifesta de diferentes maneiras. Isso é o que chamamos de diversidade cultural.

Olhe ao seu redor... Para a praça de sua cidade, para as festas que lá ocorrem, para a igreja principal e para a capelinha escondida, para o museu local, para o prédio antigo. Preste atenção na conversa das pessoas mais idosas e esteja atento para a história que pode ser contada e como essa história contada, essa memória lembrada, reforça nossa valorização do mundo do qual fazemos parte.



Desenvolvendo competências

4

1. *O sertanejo veste-se de couro dos pés à cabeça e sua indumentária é muito enfeitada. As casas são geralmente de pau-a-pique, cobertas de sapé ou de folhas de carnaúba. O povo se alimenta de carne-seca, farinha de mandioca e “jerimum” (abóbora).*

MEGALE, Nilza B. *Folclore brasileiro*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

Lendo o texto acima, é correto afirmar que :

- a) *o sertanejo só gosta de carne-seca, farinha de mandioca e jerimum.*
- b) *o patrimônio cultural do sertanejo é igual ao de outros grupos brasileiros.*
- c) *do patrimônio cultural do sertanejo faz parte um tipo específico de roupa, de casa e de comida.*
- d) *não existe um patrimônio cultural específico do sertanejo.*

2. *Não sei se todo mundo sabe, mas existem 300 palavras italianas incorporadas ao dicionário brasileiro. Se você pegar nomes de ruas, vai ver a grande influência italiana, a culinária hoje é a italiana.*

PUGLISI, Armando. *Memórias de Armandinho do Birigá*: depoimento a Julio Moreno. São Paulo: SENAC, 1996.

A cozinha do Nordeste do país pode ser dividida em três regiões. Uma delas, a da Bahia, mais exatamente a do Recôncavo baiano e de Salvador, é de origem nitidamente africana, com alguma influência portuguesa.

Adaptado de: CARVALHO, Ana Judith. *Cozinha típica brasileira, sertaneja e regional*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

Através da leitura dos dois trechos acima, podemos concluir que:

- a) *no Brasil existe uma diversidade cultural.*
- b) *no Brasil não houve influência de outros povos.*
- c) *em todas as regiões brasileiras as comidas são iguais.*
- d) *os africanos não contribuíram para a cozinha nordestina.*

3. *Na cidade de Fortaleza, no Ceará, um grupo de professores reparou que o crescimento rápido da cidade estava representando um risco para a conservação da memória daquela região. Resolveram, por isso, desenvolver com seus alunos um estudo sobre as origens de sua cidade.*

ORÍÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.). *Saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1998. (Repensando o ensino).

Para esse estudo, os professores podem levar seus alunos:

- a) *somente a arquivos, em busca de documentos antigos.*
- b) *somente a museus que possuam objetos e documentos que contem a história de Fortaleza.*
- c) *a museus, arquivos e passeios pela cidade para reconhecerem construções que contem um pouco da história da cidade.*
- d) *não existe nenhuma forma de se lembrar a história da cidade.*



Conferindo seu conhecimento

3

A correta é a letra (d), que fala sobre a diversidade cultural de nosso país.

4

1. Resposta (c). O sertanejo é uma figura típica do interior do Nordeste brasileiro, do sertão. A principal atividade desse grupo está ligada à pecuária e, em especial, a do boi. Essa atividade explica a importância das festas do “Bumba-meu-Boi”, do tipo de vestimenta, em que predomina o couro, e a importância da carne-seca na culinária da região. A questão nos mostra que encontramos, no Brasil, formas particulares de se viver e produzir.

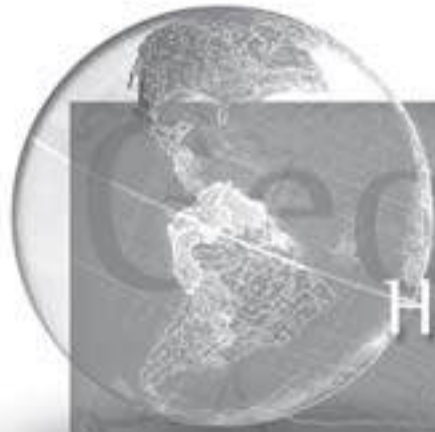
2. Resposta (a). Os dois trechos citados na questão mostram elementos de origens diferentes – italianos, em São Paulo e africanos, na Bahia – na composição de nossa sociedade. Os africanos vieram para o Brasil no início de nossa colonização; já os italianos aportaram aqui, em sua maioria, quando se iniciou o processo de libertação da escravidão. Esses dois grupos, como vários outros (índios, portugueses, espanhóis, árabes etc), acabaram contribuindo para a formação cultural do Brasil, criando a chamada diversidade cultural.

3. Resposta (c). Essa questão reforça aquilo que estudamos em todo nosso capítulo, ou seja, a idéia de que, para entendermos nossa história, podemos recorrer à memória. A reconstituição de nossa memória é possível através de vários elementos: textos de época, depoimentos orais, lendas, rituais, formas de saber e saber fazer, pesquisas em arquivos, visitas a museus, fotos, objetos, construções etc. Todos esses elementos fazem parte do nosso patrimônio cultural.

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar características de diferentes patrimônios étnico-culturais e artísticos.
 - Reconhecer a diversidade dos patrimônios étnico-culturais e artísticos em diferentes sociedades.
 - Interpretar os significados de diferentes manifestações populares como representação do patrimônio regional e cultural.
 - Comparar as diferentes representações étnico-culturais e artísticas.
 - Identificar propostas que reconheçam a importância do patrimônio étnico-cultural e artístico para a preservação das memórias e das identidades nacionais.
-



Geografia

História e Geografia

Ensino Fundamental

Capítulo IV

CIDADANIA E DEMOCRACIA

COMPREENDER E VALORIZAR OS FUNDAMENTOS DA
CIDADANIA E DA DEMOCRACIA, DE FORMA A
FAVORECER UMA ATUAÇÃO CONSCIENTE DO
INDIVÍDUO NA SOCIEDADE.

Antônio Aparecido Primo - Nico

Capítulo IV

Cidadania e democracia

ANALISANDO O PROBLEMA

Leia com atenção as informações abaixo:

LEIS TRABALHISTAS NÃO EXISTEM PARA A MAIORIA

Pesquisa realizada pelo Datafolha em 126 municípios de todos os estados brasileiros aponta que a maioria dos trabalhadores do país vive à margem da lei trabalhista.

A maior parte deles não recebe 13º salário (53%) nem férias remuneradas (54%).

Quarenta e seis por cento deles nunca trabalharam com registro em carteira profissional.

Folha de S. Paulo, São Paulo, 24 mar. 2002, p. A1 e E1.

Pense sobre as informações do jornal e responda às seguintes questões em seu caderno.

- Qual o título da notícia? Sobre o que ela nos informa?
- Você sabe o que são leis trabalhistas? Desde quando elas existem?
- Sabe o que é 13º salário, férias remuneradas e carteira profissional?

Saiba que as leis trabalhistas mostram os direitos e deveres de trabalhadores e patrões.

As leis trabalhistas podem mudar? Como? Em benefício de quem?

Agora continue respondendo.

1. Você trabalha?

Se sim, tem carteira assinada? Recebe 13º salário? Tem direito a férias?

Se não trabalha, por quê?

2. Na sua opinião, os trabalhadores brasileiros sem direito a registro, 13º salário e férias remuneradas deveriam tentar consegui-los?

Se sim, como? Se não, por quê?

Mais adiante estas perguntas serão comentadas.

VOLTANDO NO TEMPO



Operárias da Indústria de Seda Nacional, Campinas, SP, 1923. In: COLEÇÃO NOSSO SÉCULO. São Paulo, Abril Cultural. v. 2, p. 133.

Voltemos agora para o período entre 1889-1940, final do século XIX e começo do século XX. A industrialização brasileira cresceu nessa época. As principais indústrias concentravam-se em São Paulo e no Rio de Janeiro, a capital do país. Nelas, trabalhavam muitos operários e operárias.

Observe a figura ao lado. Nessa fábrica, trabalhavam mulheres. Repare que existe um homem sentado ao fundo, controlando as operárias.

Leia alguns relatos sobre as condições de vida e trabalho nesse período.

PRIMEIRO RELATO:

“Os trabalhadores do Brasil não têm pagamento pontual dos seus salários. Para recebê-los, muitas vezes, são obrigados a declarar-se em greve. Trabalham dez, doze ou até quatorze horas por dia. O que recebem é tão mesquinho que toda a família, até os filhos de doze e quatorze anos, está obrigada a ir à fábrica (...)”

Adaptado de CARVALHO, Benedito de. Brasil: La situación económica del proletariado. *El Trabajador Latino Americano*, v. 1, n. 6-7, p.17-8, 1928. In: HALL, M.; PINHEIRO, P. S. *A classe operária no Brasil*. São Paulo: AlfaÔmega, 1979. v. 2, p. 135.

SEGUNDO RELATO:

“Uma aluna de 11 anos trabalhava no turno da noite. (...) Às 4 horas da tarde, ela saía da escola e ia para casa jantar. Entrava na fábrica às 6 horas e trabalhava até meia-noite.”

Adaptado do relato da professora Dona Brites. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983. (Biblioteca de Letras e Ciências Humanas: estudos brasileiros; 1)

TERCEIRO RELATO:

“As habitações que a fábrica construiu são um presente de grego para os operários. Não são forradas, nem assoalhadas. O seu aluguel é de 40\$000 (quarenta mil réis). A água é irregular etc...”

A Plebe, Itu, 10 fev. 1934. Sobre as moradias da fábrica São Pedro. Adaptado de DECCA, M. Auxiliadora Guzzo. *Cotidiano de trabalhadores na República*: São Paulo, 1889/1940. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 39. (Coleção Tudo é História).



Desenvolvendo competências

1

Agora responda às questões abaixo, usando as informações dos relatos.

1. Os operários tinham direitos trabalhistas nessa época? Justifique sua resposta.
2. Será que lutaram para tê-los? Como?

Você deve ter percebido que, entre 1889 e 1940, não existiam direitos trabalhistas, como jornada de 8 horas por dia, proibição do trabalho infantil, salário mínimo suficiente para se ter boas condições de moradia etc. Foi preciso muita luta coletiva e individual para que os operários conquistassem direitos trabalhistas e outros direitos do cidadão para ter uma vida com qualidade.

Durante o restante do texto, serão apresentadas outras informações a respeito desse assunto. Faça uma leitura atenta, utilizando dicionário, se for necessário. Faça anotações em seu caderno. Tomara que você aprenda bastante com os estudos propostos nesse CAPÍTULO de Ciências Humanas!

AS LEIS TRABALHISTAS, CIDADANIA E DEMOCRACIA

Pense e responda.

1. Na sua opinião, o que é ser cidadão nos dias atuais?

As informações na introdução deste capítulo mostram que, atualmente, apesar de existirem leis regulando os direitos e deveres do trabalhador, elas não são totalmente cumpridas no Brasil. Além disso, segundo a mesma pesquisa, mais da metade dos trabalhadores brasileiros ganha pouco e trabalha muito tempo: 56% recebem, no máximo, dois salários mínimos e 55% trabalham mais de 40 horas por semana.

Isso traz sérios problemas. Muitos desses indivíduos têm pouco tempo para descansar das extensas jornadas de trabalho, que ocupam até seis dias da semana. Outros não podem consumir vários produtos básicos para uma alimentação saudável. A situação desses trabalhadores fica ainda mais dramática, se pensarmos na insegurança provocada pelos altos índices de desemprego.

Sabemos que a maior parte de nossa sociedade não possui boas condições de vida. Basta lembrar das dificuldades para se fazer tratamentos médicos e dos adultos brasileiros que não

conseguiram frequentar escola quando eram jovens e/ou crianças.

Tudo isso mostra que muitos direitos sociais dos cidadãos estão apenas no papel de leis, como a Constituição Federal e a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT).

Você sabia que a CLT foi assinada em 1943 pelo presidente Getúlio Vargas? Algumas dessas leis, como a jornada de 8 horas por dia, já haviam sido conquistadas por alguns grupos de trabalhadores urbanos. Outras leis foram acrescentadas à CLT depois de 1943, como o direito a receber o 13º salário, criado em 1963, no governo do presidente João Goulart.

Por outro lado, conhecemos as dificuldades que muitos brasileiros têm para fazer cumprir alguns de seus direitos individuais.

Teoricamente, todos têm liberdade para comprar um local de moradia. Porém, muitos não conseguem ser proprietários de suas casas nem morar em ambientes saudáveis. Teoricamente, todos têm direito à justiça. Mas alguns não têm dinheiro para contratar um bom advogado.

Isso mostra que muitos direitos civis dos cidadãos, também, estão apenas no papel.

Felizmente, nem tudo é problema! No período de 1889-1930, também conhecido como “Primeira República”, mulheres e analfabetos não podiam votar nem ser votados. Hoje todos nós temos os mesmos direitos políticos.

Pense e responda.

2. Segundo o texto, quais os tipos de direitos dos cidadãos? Dê pelo menos um exemplo para cada tipo.



Desenvolvendo competências

2

Leia o trecho da reportagem.

Jornada de 12 horas por R\$20,00

Danielle Maximiliano Alves, 18 anos, quer ser psicóloga. 'Deve ser bom poder dar conforto as outras pessoas', justifica a jovem, que mora na favela do Vidigal, Zona Sul do Rio. Seus planos, entretanto, foram interrompidos no ano passado, quando largou os estudos na 8ª série para distribuir propaganda em sinal de trânsito. O trabalho, no qual gasta 12 horas por dia, não é fixo e rende apenas R\$ 20,00.

O dinheiro reforça o orçamento da casa de um cômodo, que divide com a mãe, Sandra, 37 anos, e os irmãos Júlia, 5, e Danilo, 13. Os quatro vivem com uma renda de pouco mais de R\$300,00 por mês (...)

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p. 21, 21 abr. 2002.

Agora responda.

Danielle pode ser considerada uma cidadã? Justifique sua opinião.

Na perspectiva atual, para ser considerada cidadã uma pessoa precisa ter garantidos todos os direitos sociais, civis e políticos e participar integralmente dos benefícios de uma sociedade.

Isso nos leva a perceber que Danielle Alves, como muitas outras jovens, não está tendo seus direitos respeitados. Não pode freqüentar escola porque precisa trabalhar. Vive em uma casa apertada para as quatro pessoas de sua família...

Mas, além dos direitos, um cidadão também possui deveres sociais, civis e políticos.

Precisa assumir e cumprir esses deveres em seu cotidiano. Para ser considerado um cidadão, precisa, por exemplo, colaborar para manter os locais de moradia limpos; ouvir e debater idéias diferentes das suas; respeitar outras opções religiosas; pensar e discutir sobre os programas dos candidatos antes de votar numa eleição; participar de associações para reivindicar

melhorias no trabalho e nos lugares onde mora etc.

Danielle, a jovem da reportagem acima, quer se tornar psicóloga para ajudar as pessoas. Esse desejo mostra que ela pretende cuidar de outras pessoas. Ela é um exemplo de cidadã que pensa em seus deveres e não apenas em seus direitos.

Para existir cidadania, é preciso que todas as pessoas de uma sociedade tenham direitos e deveres iguais.

Em outras palavras, para se viver em sociedade de maneira digna é preciso que as necessidades materiais e espirituais de homens, mulheres, crianças, jovens, idosos, negros, indígenas e brancos sejam respeitadas.

Pense nas informações e idéias desse item.

Você acha que todos os brasileiros podem ser considerados cidadãos? Justifique no caderno.



Desenvolvendo competências

3

Agora tente resolver o teste a seguir. Lembre-se de que este tipo de atividade é comum em exames e concursos.

Senhor Raimundo e sua mulher vivem, há mais de 50 anos, às margens do Rio Preguiças, na região conhecida como “Lençóis Maranhenses”. Eles e seus 12 filhos nunca conseguiram estudar porque lá não existiam escolas que pudessem freqüentar. Senhor Raimundo deseja que seja criado um curso de educação de jovens e adultos perto das terras que sua família ocupa. Se isso acontecer, ele e sua mulher tentarão realizar um de seus maiores sonhos: aprender a ler e escrever.

Que direito dos cidadãos brasileiros foi negado ao Senhor Raimundo, sua mulher e seus filhos?

- a) O direito de viver numa terra para manter sua família.*
- b) O direito político de aprender a escrever e a ler.*
- c) O direito civil de estudar numa escola.*
- d) O direito social de ter educação escolar.*

Este teste pretende avaliar se você é capaz de ler e compreender um texto, identificar os fundamentos da cidadania e relacioná-los à vida cotidiana.

Para responder às perguntas anteriores, você deverá ter compreendido o conceito de **cidadania**, explicado desde o início desse item.

Ele é usado, até hoje, por muitos estudiosos de História, Geografia, Sociologia, Política, Filosofia etc. É importante você saber também que ele está relacionado ao conceito de **democracia**.

É COMUM OUVIR-SE QUE VIVEMOS NUMA DEMOCRACIA.

NA SUA OPINIÃO, EXISTE DEMOCRACIA NO BRASIL? POR QUÊ?

Para entender mais sobre democracia, veja a foto e os relatos a seguir.



Repressão policial contra operários que participavam das comemorações do Dia do Trabalho, em 1927, no Rio de Janeiro. In: PEITA, Nicolina Luíza de. *A fábrica e a cidade até 1930*. São Paulo: Atual, 1995. p.25. (Coleção A vida no tempo).

PRIMEIRO RELATO:

A maior parte dos Primeiros de Maio na praça eram pauladas(...). Uma vez, no Largo do Pari (em São Paulo) tinha de 5 a 6 mil pessoas. O comício estava marcado para as dez horas. Quando chegou a hora do comício, apareceu a cavalaria com 150 soldados que desmancharam o comício com cassetetes, cavalo por cima da turma e o comício não foi realizado.

Adaptado do relato do operário Amadeu sobre os Primeiros de Maio entre os anos 1910-1930. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983. p. 93.

SEGUNDO RELATO:

1,6 milhão festejam Primeiro de Maio nas ruas

A Força Sindical e a Central Única dos Trabalhadores (CUT) realizaram festas distintas no Dia do Trabalho.

A Força Sindical gastou R\$ 2,5 milhões em sorteios de casas e carros e shows de famosos na zona norte de São Paulo. Atraiu 1,5 milhão de pessoas – o mesmo público do ano passado. (...)

A CUT fez festas espalhadas pela capital e ABC paulista com menos show e menos público: 156 mil pessoas.(...)

Adaptado do jornal *Agora*, São Paulo, 2 maio 2002, p. A1.



Desenvolvendo competências

4

A que época se referem a foto e o primeiro relato? E o segundo?

Na sua opinião, quando havia mais liberdade e democracia? Por quê?

No mundo atual, existem duas formas básicas de regimes políticos: democráticos e autoritários. Nos regimes democráticos, os direitos do homem e do cidadão são respeitados e nos regimes autoritários não.

Tanto a foto quanto o primeiro relato mostram que o direito de livre manifestação não foi respeitado. Como no segundo relato os trabalhadores puderam comemorar livremente seu dia, pode-se afirmar que em 2002 havia um regime mais democrático no Brasil.

Entre os anos 1910-1930, muitas manifestações de trabalhadores não eram permitidas pelos governos e por seus patrões. Tanto que, normalmente, a polícia tentava impedir as comemorações de Primeiro de Maio. Portanto,

nessa época, os governos estaduais e federal eram autoritários em relação aos trabalhadores.

Num regime autoritário, muitos **direitos do cidadão** não são respeitados. Por exemplo: se os trabalhadores quiserem organizar um sindicato livre do controle do governo, e seus dirigentes forem presos e o sindicato fechado, esse regime político é autoritário.

Por outro lado, num **regime democrático** ou **democracia** os sindicatos têm o direito de realizar manifestações, todas as classes sociais podem organizar sindicatos e os direitos humanos são respeitados.

Os regimes autoritários não respeitam os **direitos humanos** (ou direitos do homem). Por exemplo: prendem e matam adversários políticos e não

costumam sofrer punições. Nas democracias, se isso acontecer, os responsáveis pelas mortes devem ser julgados e condenados.

Lembre-se de que o direito à vida é um dos **direitos humanos** fundamentais. É o que afirma um conhecido jurista brasileiro:

A vida é necessária para que uma pessoa exista. Todos os bens de uma pessoa, o dinheiro e as coisas que ela acumulou, seu prestígio político, seu poder militar, o cargo que ela ocupa, sua importância na sociedade, até seus direitos, tudo isso deixa de ser importante quando acaba a vida. Tudo o que uma pessoa tem perde o valor, deixa de ter sentido, quando ela perde a vida. Por isso, pode-se dizer que a vida é o bem principal de qualquer pessoa, é o

primeiro valor moral de todos os seres humanos.

DALLARI, Dalmo de Abreu. *Viver em sociedade*. São Paulo: Moderna, 1985.

Alguns estudiosos afirmam que a **democracia** é um regime político em que devem existir **liberdade e igualdade**. Liberdade relacionada aos **direitos políticos** dos cidadãos; por exemplo: de participar no exercício do poder político. Liberdade ligada aos **direitos civis** dos cidadãos; por exemplo: de expressar suas opiniões sem censuras, de ir e vir sem ser parado pela polícia. Igualdade relacionada aos **direitos sociais** dos cidadãos; por exemplo: condições para ter uma vida com qualidade, ou seja, direito a atendimento médico-hospitalar, escola, salário digno etc.



Desenvolvendo competências

5

Para você, o que é democracia?

Como as pessoas devem agir numa democracia?

Existe democracia no Brasil? Por quê?

Sua opinião mudou após as últimas leituras? Por quê?

Escreva suas conclusões no caderno.

Muitas pessoas afirmam que é preciso haver melhor distribuição da riqueza para existir democracia no Brasil. Portanto, a democracia ainda precisa avançar, tanto em nosso país como no mundo.

Além disso, para existir uma democracia real, é necessário que haja maior participação da população nas decisões sobre vários aspectos da vida cotidiana.

Assim, para haver democracia, não basta que a população escolha seus representantes conscientemente. É preciso participar nos sindicatos, associações de moradores, organizações em defesa dos direitos do consumidor, clubes de lazer, eleições de conselhos tutelares em defesa dos direitos da criança e dos adolescentes etc.

Para existir democracia, também é necessário que o povo participe na política de outras formas, como o plebiscito e iniciativa popular previstos na Constituição brasileira de 1988.

Segundo a socióloga brasileira Maria Victória Benevides, se os indivíduos agirem dessa maneira, podem ser considerados **cidadãos ativos**.

Lembre-se das primeiras perguntas desse capítulo:

Na sua opinião, a parte dos trabalhadores brasileiros sem direito a registro, 13º salário e férias remuneradas deveria tentar consegui-los?

Se sim, como? Se não, por quê?

Veja, a seguir, uma forma de responder a essas questões.

Muitos estudiosos do tema “democracia e cidadania no Brasil atual” pensam que todos os

plebiscito

voto do povo, por sim ou por não, sobre uma proposta, lei ou resolução que lhe seja submetida.

assalariados deveriam ter esses direitos trabalhistas. Afirmam que os trabalhadores também deveriam estar organizados e ativos para exigir que seus direitos sejam cumpridos. Caso eles não estejam sendo cumpridos, as leis permitem que esses direitos sociais do cidadão sejam reivindicados através da Justiça do Trabalho (esfera pública), de negociações entre patrões e empregados nos locais de trabalho (esfera privada ou particular), de manifestações públicas, de greves dirigidas por sindicatos (esfera pública) etc.

CIDADANIA E DEMOCRACIA ATRAVÉS DE JORNAIS: LUTAS RECENTES SOBRE O PROJETO DE FLEXIBILIZAÇÃO DA CLT

Nos últimos anos, os jornais da imprensa escrita, do rádio e da televisão têm tratado bastante do Projeto de flexibilização das leis trabalhistas. Trata-se do Projeto de Lei Complementar número 134 de 2001, que está sendo discutido no Congresso Nacional. Ele também é chamado Projeto Dornelles, pois foi apresentado pelo ex-Ministro do Trabalho do governo Fernando Henrique Cardoso.

Esse projeto prevê mudanças nos direitos trabalhistas, desde que os sindicatos de patrões e trabalhadores assinem um acordo. Assim, por exemplo, há possibilidade de mudança nas porcentagens do adicional noturno. Hoje a CLT prevê acréscimo de 20% no trabalho, após 22 horas; esse projeto prevê que o acréscimo pode ser negociado, ou seja, que os sindicatos podem decidir pelo aumento ou diminuição desta porcentagem.

O Projeto de flexibilização das leis trabalhistas foi apresentado aos deputados federais e senadores no final de 2001. Veja, no quadro ao lado, algumas das modificações propostas sobre os direitos de férias, 13º salário e licença maternidade.

O que você acha dessas mudanças?

As duas maiores centrais sindicais brasileiras têm opiniões diferentes sobre esse projeto de flexibilização. A Central Única dos Trabalhadores

Você sabia que: em 1993, houve um plebiscito popular para escolhermos entre monarquia e república? Os cidadãos podem apresentar projetos de iniciativa popular propondo leis para o Congresso debater? E que os projetos de iniciativa popular necessitam de, pelo menos, um milhão de assinaturas para serem apresentados ao Congresso?

Para os trabalhadores assalariados com registro em carteira, a Constituição Federal e a CLT garantem:

- *Férias de 30 dias por ano. Hoje, as férias só podem ser repartidas em dois períodos de 20 e de 10 dias.*

O Projeto de flexibilização quer que as férias possam ser aumentadas, reduzidas ou divididas em várias partes; assim, por exemplo, os 30 dias de férias poderiam ser divididos em seis períodos de cinco dias ao longo de um ano, aumentados para 40 dias etc.

- *O pagamento do 13º salário feito em duas parcelas: novembro e dezembro.*

O Projeto de flexibilização quer que os sindicatos possam fazer acordos para que o 13º salário seja pago de outras formas; assim, por exemplo, ele poderia ser pago de uma única vez ou dividido até em 12 parcelas.

- *Licença maternidade de 120 dias.*

O Projeto de flexibilização quer que essa licença possa ser aumentada ou reduzida, conforme as negociações entre patrões e empregados; assim, por exemplo, ela poderia ser de 90 ou de 150 dias.

esfera pública

tudo o que é relativo, destinado ou pertencente ao coletivo, a todos os membros de uma sociedade.

esfera privada ou particular

tudo o que é relativo, destinado ou pertencente a um indivíduo, a uma pessoa.

flexibilização

qualidade de flexível, maleável, o que pode ser seguido com facilidade.

(CUT) defende que ele trará prejuízos aos empregados, a Força Sindical pensa que ele trará benefícios.

Lembre-se de que as centrais sindicais são compostas por vários sindicatos de todo o país. Conforme dizem seus estatutos, uma de suas funções principais é defender os interesses dos

trabalhadores, associados ou não. É importante informar-se sobre suas idéias e formas de atuação para perceber se estão realmente atingindo esta função.

Leia agora algumas opiniões dos presidentes da Força Sindical e da CUT a respeito deste projeto.

PAULINHO: A FLEXIBILIZAÇÃO DA CLT AJUDA A CRIAR EMPREGOS

Paulinho diz que a mudança na CLT cria “um clima favorável para as indústrias e para o Brasil. A médio prazo, poderia atrair capital internacional. O que cria emprego é crescimento econômico, mas a flexibilização ajuda”. (...)

Pergunta: Uma das propostas da Força Sindical é diluir as férias em períodos de até cinco dias, no mínimo. Qual a vantagem para o trabalhador?

Resposta: O trabalhador terá uma vida mais facilitada. Hoje existem apenas duas possibilidades de férias: 30 dias corridos ou 20 dias de férias e o restante em dinheiro. Podemos fazer mais duas alternativas: 15 dias de férias e 15 dias em dinheiro ou tirar férias de apenas uma semana por até quatro vezes ao ano. Existem milhares de pessoas que gostariam de tirar as férias assim. Tem muita gente, principalmente em cargos de chefia, que não consegue sair um mês inteiro de férias. Por que não dividir também o décimo terceiro salário? A alternativa seria receber 40% em dezembro e o restante durante todo o ano. Isso facilitaria a vida de muita gente que está apertada com alguma prestação para pagar (...) Várias mulheres têm falado que querem vender dias da licença-maternidade. É um assunto polêmico, mas tem gente que está sem dinheiro na hora em que o filho nasce e, por isso, prefere vender os direitos.(...)

Adaptação de trechos da entrevista à Globonews em 3 abr. 2002. Paulo Pereira da Silva, 45 anos, é presidente da Força Sindical. Foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo.

A CLT E A MODERNIDADE

João Antônio Felício

A mudança do artigo 618 da CLT (...) é uma armadilha ao trabalhador. Ela não trará modernidade nas relações entre patrões e empregados. (...)

Num país de analfabetos, epidemias, concentração excessiva da renda e da terra, de milhões de desempregados e outros tantos vivendo como miseráveis, moderno seria o trabalhador fazer três refeições ao dia, ter emprego e salários decentes, ter filhos numa boa escola e com saúde.(...)

Por outro lado, o que seria arcaico (não moderno)? Não seria o raciocínio do presidente da Força Sindical, Paulo Pereira da Silva, que não vê problemas de a mulher tirar dois meses de licença maternidade e vender dois para o patrão? Ou que 8 milhões de pessoas recebam meio salário mínimo por mês (R\$ 90)? (...)

A modernidade que a CUT deseja é a geração de empregos, a redução do número de empregados sem registro em carteira e o crescimento sustentado. (...)

O trabalhador não sairá ganhando ao negociar suas férias, o seu 13º salário, a sua licença-maternidade, o seu descanso semanal remunerado ou a sua sagrada hora de almoço em função do momento vivido pelo país.

Adaptação de trechos do artigo de opinião publicado no site da CUT em 3 abr. 2002. João Antônio Felício, 51 anos, professor, é presidente da CUT. Foi presidente da Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo.



Desenvolvendo competências

6

Após a leitura dos 2 textos, responda às questões abaixo em seu caderno.

Que idéias sobre o projeto de flexibilização Paulinho defende na entrevista? Que idéias João Felício defende no artigo de opinião?

Quais as diferenças entre estas idéias? Justifique sua resposta.

O que a Força Sindical e a CUT têm feito para defender suas posições?

Você deve ter percebido que Paulo Pereira da Silva é favorável ao projeto e que João Antônio Felício é contrário a ele. É preciso aprender que as diferenças de idéias são normais numa democracia e que se deve refletir sobre elas. Para se posicionar sobre alguma polêmica, pode-se pesquisar e ouvir outras opiniões. Também é interessante pesquisar quem são e como agem os autores das opiniões em debate, assim como as formas de atuação dessas duas centrais sindicais. Saiba que a CUT realizou manifestações públicas contrárias ao projeto, em 21 de março de 2002, e que a Força Sindical fez uma assembléia, no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, para apoiar o projeto de flexibilização da CLT.

O que você acha das mudanças propostas pelo projeto nº 134/01? Sua opinião mudou após ler a entrevista e o artigo de opinião? Por quê?

Lembre-se de que os direitos sociais do cidadão referem-se a um mínimo de bem-estar econômico para levar uma vida de acordo com os padrões que prevalecem na sociedade. Assim, o projeto de flexibilização em discussão entre os políticos do

Congresso refere-se aos direitos sociais do cidadão.

Discutir mudanças nas leis, através dos representantes eleitos ao Congresso, é uma das formas de funcionamento da democracia no Brasil e no mundo atual. Mas existem outras formas de consultar as opiniões da população sobre um tema tão polêmico quanto esse Projeto de flexibilização das leis trabalhistas.



Desenvolvendo competências

7

*Assinale a alternativa que **não** mostra uma maneira de o povo opinar e participar como cidadãos ativos numa democracia.*

- a) Escrever para deputados e senadores sobre como deveriam votar num projeto, a fim de tornar suas posições mais representativas.*
- b) Participar de reuniões, assembléias e manifestações em que sindicatos e associações estejam discutindo um assunto polêmico.*
- c) Eleger candidatos aos cargos de deputados, senadores, presidente, governador e prefeito que defendam idéias diferentes das suas.*
- d) Organizar abaixo-assinados defendendo o que se julgar mais correto e entregá-los às autoridades competentes.*

SOBRE OS TIPOS DE MATÉRIAS JORNALÍSTICAS

Nos itens anteriores, foram mostrados os seguintes tipos de matérias jornalísticas: uma reportagem (“Jornada de 12 horas por R\$ 20,00”), uma notícia de primeira página (“1,6 milhão festejam Primeiro de Maio nas ruas”), uma entrevista (“Paulinho: a flexibilização da CLT ajuda a criar empregos”) e um artigo de opinião (“A CLT e a modernidade”).

Numa notícia, geralmente, apresentam-se os seguintes elementos: um fato ou acontecimento, pessoas envolvidas, onde, quando, como e por que ele aconteceu. A **reportagem** é uma espécie de notícia mais aprofundada, mais rica em informações; pode ser composta de trechos de entrevistas, de opiniões, relatos de pessoas etc. Num **artigo de opinião**, apresentam-se os argumentos de um autor para defender suas idéias sobre um fato ou assunto.

Existem outros tipos de matérias jornalísticas além da notícia, reportagem e artigo de opinião: o editorial, a foto, a charge, etc.

O editorial é um artigo que expressa a opinião dos donos e responsáveis por um jornal. A charge é um desenho que expressa a opinião do autor sobre um fato. A foto jornalística expressa as sensações e idéias de um fotógrafo, assim como a escolha dos editores de um jornal.



Desenvolvendo competências

8

Agora responda às questões abaixo.

1. *O que os dois homens que aparecem na frente da foto estão fazendo?*
2. *Na sua opinião eles podem ser considerados cidadãos? Por quê?*



Foto de Luiz Morier, 2002.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 21 abr. 2002. p. 21.



Desenvolvendo competências

9

Novo presidente mostra o TST mais longe do governo

Vitor Nuzzi

Francisco Fausto, o novo presidente do Tribunal Superior do Trabalho (TST), criticou várias vezes o projeto do Executivo que muda o artigo 618 da CLT. Na sua opinião, qualquer alteração deve ser precedida de um debate com todas as correntes de interpretação sobre esse tema.

Fausto classificou a CLT de bela carta trabalhista. (...) Favorável a mudanças, ele observou que o projeto vai contra todo o complexo sistema construído em torno do Direito do Trabalho(...)

Algumas das afirmações de Francisco Fausto revelam diferenças em relação a posições defendidas por Almir Pazzianotto, ex-presidente do TST. Defensor do projeto, Almir considera a CLT um fator inibidor do emprego, por tratar de forma igual realidades sociais e regionais diferentes.

Adaptado do Diário de São Paulo, São Paulo, 14 abr. 2002, p. B5.

Agora responda em seu caderno.

- 1) Qual o título da matéria, o jornal e a data em que foi publicada?
- 2) De que assunto trata essa matéria? Quem a escreveu?
- 3) Qual a opinião do novo presidente do TST sobre esse assunto?
- 4) Que diferença de opinião aparece nessa matéria?
- 5) Essa matéria é uma notícia, uma reportagem, uma charge, um artigo de opinião ou um editorial? Justifique.
- 6) É possível perceber se o jornalista se posiciona em relação ao assunto do texto que ele escreveu? Justifique.

Você deve ter percebido que essa matéria trata do projeto de flexibilização das leis trabalhistas. Nela, o novo presidente do Tribunal Superior do Trabalho fez mais críticas do que elogios ao projeto. Ainda segundo o jornalista, o ex-presidente desse Tribunal apóia esse projeto.

Essa matéria é uma reportagem. Pode-se perceber isso porque nela aparecem informações, idéias e

trechos de entrevistas. Ela é mais profunda que uma simples notícia; porém, é menos profunda do que o artigo de opinião de João Antônio Felício citado no item 3. Seu título é “Novo presidente mostra o TST mais longe do governo”.

Uma análise inicial dessa reportagem pode sugerir que o jornalista Vitor Nuzzi tentou ser imparcial em relação à polêmica sobre o projeto. Tanto que fez questão de escrever opiniões diferentes. Porém, uma análise mais cuidadosa revela que este trecho da reportagem concedeu mais espaço para as idéias de Francisco Fausto que de Almir Pazzianotto. Portanto, pode-se concluir que o jornalista escreveu uma reportagem que critica mais do que apóia o projeto de flexibilização das leis trabalhistas.

Essa conclusão tem efeitos importantes. Ao contrário do que se afirma comumente,

as reportagens e notícias não são imparciais, não revelam a realidade tal qual ela é. As matérias jornalísticas revelam as idéias que seu autor tem sobre o assunto ou fato. Essas idéias ou versões podem ter sido escritas conscientemente ou não. Assim, os jornais da imprensa escrita, do rádio ou da televisão trazem idéias claras ou ocultas sobre os assuntos de que tratam. Até mesmo as informações apresentadas revelam opiniões sobre um fato. E essas idéias e informações influenciam muito na formação das opiniões das pessoas de todos os níveis sociais no Brasil e no mundo.



Desenvolvendo competências

10

Responda no caderno.

Você concorda que os jornais da imprensa escrita, do rádio e da televisão influenciam na formação da opinião das pessoas? Por quê?

CONFLITOS SOCIAIS, CIDADANIA E DEMOCRACIA

Recorde o que você já leu nesse capítulo sobre a situação dos trabalhadores brasileiros no período de 1889 a 1930 e na atualidade. Lembre-se de que já vimos os limites da cidadania e da democracia no Brasil nessas épocas. A seguir, serão estudadas outras idéias e informações para você ampliar seus conhecimentos e, assim, poder fazer mais comparações entre o presente e o passado.

Em 15 de novembro de 1889, um golpe militar derrubou a monarquia e iniciou uma nova forma de governo no Brasil: a república. A Proclamação da República deve ser entendida como parte de um processo de mudanças que estava acontecendo no país desde 1850. Como afirma a historiadora Emília Viotti da Costa, as principais

mudanças eram: a decadência dos grandes proprietários de terra tradicionais, o fim da escravidão, a chegada de muitos imigrantes (italianos, portugueses, espanhóis, alemães etc), o processo de industrialização e urbanização (crescimento das cidades e das fábricas), as disputas entre zonas produtoras (como as regiões de açúcar e café) e a campanha pela federação (mais poder para os políticos em suas regiões).

Lembre-se de que, na monarquia brasileira do século XIX, o poder do rei era hereditário e vitalício; segundo a Constituição monárquica, isso significava que, após a morte do rei D. Pedro II, sua filha Isabel tornar-se-ia nossa rainha ou imperatriz. Depois do golpe que criou a república,

76

imparcial
que não toma partido numa polêmica; que julga sem paixão e com justiça.

monarquia
forma de governo em que o poder supremo é exercido por um monarca ou rei; geralmente este poder é hereditário e vitalício (na Inglaterra atual, por exemplo, o cargo deverá ser ocupado pela rainha Elisabeth II até sua morte, passando então para seu filho, Príncipe Charles).

república
forma de governo em que um ou vários indivíduos eleitos pelo povo exercem o poder supremo por tempo determinado (no Brasil atual, por exemplo, o presidente, deputados federais e senadores são eleitos pelo povo de quatro em quatro anos).

Capítulo IV – Cidadania e democracia

o poder executivo passou a ser **eletivo e temporário**; pelas novas leis, os presidentes deveriam ser eleitos de quatro em quatro anos.

As principais formas de governo no mundo de hoje continuam a ser a monarquia e a república. Apesar dessas permanências, houve mudanças no funcionamento desses tipos de governo. A Espanha, por exemplo, tem uma monarquia parlamentarista; lá, o primeiro ministro é eleito pelo povo e tem mais poderes que o rei. O Brasil continua republicano, mas os analfabetos só puderam votar a partir de 1988 (lembre-se de que eles não tinham esse direito civil no começo da república).

Na primeira Constituição republicana do Brasil (de 1891), todos os brasileiros maiores de 21 anos eram considerados eleitores, com exceção dos analfabetos, mendigos e praças militares. Apesar de as leis não proibirem o voto feminino, na prática, as mulheres eram impedidas de votar. Em 1894, cerca de 2% da população votou nas eleições. Como dá para perceber, a quantidade de eleitores era pequena. Aliás, era só um pouco maior do que o 1% dos brasileiros que normalmente participaram das eleições para deputados no governo monárquico após 1881.

Assim sendo, podemos perceber que, no Brasil da “Primeira República (1889-1930)”, os direitos de cidadania eram bastante limitados. Você lembra que estudamos sobre a repressão a muitas manifestações de Primeiro de Maio desse período? Por essas e outras razões, muitos estudiosos afirmam que existiam muitos limites à democracia no país.

Mas é importante lembrar que os diversos grupos sociais lutavam para ampliar seus direitos de cidadãos e tornar o governo mais democrático. É o caso das mulheres que, após muitas manifestações, conquistaram o direito de ser eleitoras em fevereiro de 1932. Aliás, essa nova Lei Eleitoral transformou o voto aberto em voto secreto, dificultando as fraudes. Tudo isso, como você deve perceber, tornou maior a participação no processo eleitoral.

Leia e pense sobre a tabela a seguir.

<i>Setor de trabalho no Brasil</i>	<i>Porcentagem do trabalho em 1920</i>
Agricultura, pecuária e extrativismo	69,7%
Serviços	16,5%
Indústria	13,8%

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 4. ed. São Paulo: EDUSP: FDE, 1996. (Didática; 1). Tabela baseada no censo de 1920.

Onde a maioria dos brasileiros trabalhava?

Analisando a tabela, percebe-se que uma parte dos trabalhadores estava nas cidades, labutando em indústrias (13,8%) ou em serviços (16,5%). Como diz o historiador Boris Fausto, em 1920, os “serviços” englobavam atividades como os serviços domésticos e “bicos” de vários tipos.

Você também deve ter notado que 69,7% dos trabalhadores concentravam-se nas atividades primárias: agricultura, extrativismo e pecuária. Como 100% representa a totalidade, a maioria deles trabalhava na zona rural. Na faixa litorânea de Pernambuco, por exemplo, plantavam e colhiam cana de açúcar; na Amazônia, extraíam borracha; no interior de São Paulo, muitos imigrantes lidavam nas lavouras de café.

Este capítulo trata mais da situação dos trabalhadores que moravam nas áreas urbanas, especialmente no Rio de Janeiro e São Paulo, cidades onde estava a maior quantidade de indústrias dessa época.

São Paulo mudou muito na passagem do século XIX para o XX: entre 1890 e 1900, por exemplo, sua população aumentou de 65 mil para 240 mil habitantes. A vinda de imigrantes italianos, de ex-escravos dispensados dos serviços na lavoura e de caipiras do interior do estado contribuíram muito para o crescimento dessa cidade.

Tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro, os principais problemas dos trabalhadores eram moradia, trabalho e condições de vida.

Suas famílias geralmente moravam nas regiões menos saudáveis e mais desvalorizadas dessas cidades: em áreas próximas aos rios, às fábricas e às estradas de ferro; nas encostas de morros; nos bairros mais distantes do centro (periferias).

Muitas dessas famílias viviam em cortiços ou em barracos de favelas. Outras moravam nas vilas operárias, onde, às vezes, faltava água e os aluguéis eram caros (veja o documento sobre a Fábrica São Pedro no item Voltando no Tempo).

Apesar das más condições de vida e trabalho, esses operários se divertiam. Ao contrário de hoje, muitas de suas atividades de lazer aconteciam em lugares públicos: jogos em campos de futebol, festas juninas e carnaval nas ruas etc. Nessas

atividades, muitas vezes, revelava-se sua revolta contra os problemas que enfrentavam.

Problema era o que não faltava nas fábricas. Já estudamos que, na Primeira República, não existiam leis trabalhistas, os salários eram baixos e as jornadas, longas. Se alguém não pudesse trabalhar porque ficara doente ou tivera um acidente de trabalho, não recebia o pagamento desses dias.

Você se lembra de que, na primeira foto, havia um homem vigiando as operárias? Esse é um dos exemplos da rigidez no controle da disciplina nas indústrias. Se um trabalhador fosse responsabilizado pelo desperdício de matéria-prima, faltasse ou se atrasasse, podia receber multas ou até sofrer castigos corporais.



Desenvolvendo competências

11

Compare a situação dos trabalhadores na Primeira República com a situação de hoje. Depois, assinale a alternativa que mostra uma diferença entre elas.

- a) A quantidade de trabalhadores que votaram nas eleições para presidente diminuiu muito desde 1889 até hoje.*
 - b) Na Primeira República, a maioria deles vivia na zona rural; hoje, a maioria dos trabalhadores vive nas cidades.*
 - c) No passado, suas famílias viviam em saudáveis moradias dos centros urbanos; hoje, muitas moram em cortiços e favelas.*
 - d) A licença maternidade de 120 dias era obrigatória na Primeira República; hoje, ela dura apenas 30 dias.*
-

Todos esses problemas provocavam e ainda provocam as mais diversas reações dos trabalhadores. Atualmente, a CUT, a Força Sindical e outras entidades tentam organizar suas lutas. Há também o Movimento dos Sem-Terra (MST), lutando pela reforma agrária, as Pastorais dos católicos etc.

Entre 1889-1930, os operários também procuravam se organizar e reivindicar melhorias em sua situação. Os protestos públicos durante as comemorações de Primeiro de Maio eram uma de suas formas de luta. Realizar greves era outra maneira para defender seus interesses nos conflitos com os patrões e o governo.

Na greve geral de 1917, em São Paulo, por exemplo, os operários e trabalhadores do comércio e dos serviços exigiam: 35% de aumento para os salários inferiores; proibição para o trabalho de menores de 14 anos; fim do trabalho noturno de mulheres e menores de 14 anos; jornada de 8 horas de trabalho por dia; respeito ao direito de associação; congelamento dos preços dos alimentos; redução de 50% nos aluguéis. Depois de uma semana de greve que paralisou toda a cidade, os operários conseguiram um acordo que previa aumento de 20% nos salários e a promessa de que os patrões não demitiriam nenhum grevista.



Desenvolvendo competências

12

Compare as reivindicações dos trabalhadores na greve de 1917 com as greves recentes. Mostre diferenças e semelhanças.

Além de greve, existiam e existem outras formas de os trabalhadores enfrentarem seus problemas. Na Primeira República, uma parte deles tentou resolver suas dificuldades individualmente, ao contrário do que aconteceu na greve de 1917. O historiador José Murilo de Carvalho afirma que, no Rio de Janeiro, por exemplo, muitos operários e militares tentaram participar da riqueza social arrumando um emprego como funcionário público.

A greve é uma forma coletiva de luta. Tentar um emprego melhor é uma forma individual de resolver problemas. Alguma delas é mais eficiente? Por quê?

Existem várias opiniões para responder à questão anterior. O estudo da História revela que as formas de luta dos trabalhadores para melhorar suas condições de vida são múltiplas: coletivamente, individualmente, em grupos menores etc. O importante é perceber que os trabalhadores e demais

brasileiros devem ser ativos para garantir e ampliar a democracia e a cidadania no país e no mundo.

Ativos para impedir que injustiças sociais continuem a acontecer. Injustiça como a que muitos negros enfrentam ao procurar trabalho e perceber que, muitas vezes, não são escolhidos por preconceito étnico, apesar de terem boa qualificação profissional. Aliás, ser descendente de africanos faz uma grande diferença no mercado de trabalho brasileiro. Você sabia que, em março de 2002, os empregados negros com carteira assinada ganhavam 42% menos do que a média paga ao trabalhador em geral?

Para mais detalhes, ver pesquisa do Datafolha publicada na *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 mar. 2002. p. E5.

Observe a linha do tempo a seguir. Isso deverá ajudá-lo a situar cronologicamente alguns acontecimentos importantes do capítulo.

1889	1917	1930	1943	1963	1988	2001
Proclamação da República	Greve Geral de 1917	Revolução de 1930	Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT)	Criação do 13º Salário	Nova Constituição do Brasil	Projeto de Flexibilização da CLT

COMENTÁRIOS FINAIS

O mundo atual atravessa um processo de grande desumanização. Pode-se percebê-lo na foto que mostra uma criança ao colo de um dos homens, nos problemas apontados nas matérias jornalísticas aqui apresentadas, no consumismo que faz muitos indivíduos trabalharem loucamente para comprarem além de suas necessidades básicas etc.

É necessário agir para tornar as relações pessoais e sociais mais humanas, para garantir cidadania e democracia na vida de todos. Felizmente, há pessoas pensando na sociedade como um todo, como os trabalhadores que participam nas associações de bairro, em sindicatos e em partidos políticos. Felizmente, há pessoas como Danielle Maximiliano Alves, a jovem da reportagem no início do capítulo, que pretende ser psicóloga para melhorar suas condições de vida e ajudar outros indivíduos.

Tomara que a leitura desse capítulo tenha questionado, reforçado ou ampliado seus conhecimentos sobre: leis trabalhistas, os tipos de matérias jornalísticas e suas versões da realidade, conflitos sociais, possibilidades de comparar presente e passado, cidadania, democracia e História do Brasil.

Procure valorizar seus conhecimentos e estar aberto para questioná-los, usando as idéias e

informações deste e de outros capítulos de Ciências Humanas. Afinal, como afirmava o grande educador brasileiro Paulo Freire, *ninguém nunca ignora tudo, ninguém nunca sabe tudo*.

Tomara que esses estudos tenham lhe apontado ou reforçado a idéia de que é preciso enfrentar os conflitos da vida cotidiana sem disfarce e sem medo! Como dizia o historiador Sérgio Buarque de Hollanda, *é preciso enfrentar esses conflitos sem confundir os interesses da vida privada com os interesses públicos*.



Conferindo seu conhecimento

3

Você não deve ter assinalado a **alternativa (a)** porque o Senhor Raimundo e sua família estão ocupando as terras. A **alternativa (b)** está errada porque aprender a ler e escrever não é um dos direitos políticos dos cidadãos, mas um dos direitos sociais. A **alternativa (c)** está incorreta porque estudar numa escola não é um direito civil, mas um dos direitos sociais garantidos na Constituição brasileira. Portanto, a **alternativa (d)** é a certa.

7

Você deve ter percebido que as **alternativas (a), (b) e (d)** mostram exemplos de formas de os cidadãos participarem, ativamente, numa democracia. A **alternativa (c)** deve ser assinalada porque ela não aponta uma maneira coerente de participação: num regime democrático, os eleitores devem votar em candidatos que defendam os melhores projetos para a sociedade.

Procure se informar sobre como ficou a votação do projeto de flexibilização da CLT, no Congresso.

8

Você deve ter percebido que os dois homens estão sem emprego. O direito ao trabalho é um dos direitos sociais dos cidadãos. Portanto, no momento da foto, eles não podem ser considerados cidadãos no gozo de todos seus direitos.

11

Perceber o que mudou e o que ficou semelhante é um procedimento importante nos estudos de História e de outras disciplinas. No teste 11, a **alternativa (a)** está errada porque hoje há muito mais eleitores do que em 1889; a **alternativa (b)** está correta; a **alternativa (c)** está incorreta, pois as casas dos trabalhadores nos centros das cidades não eram higiênicas; e a **alternativa (d)** está errada porque as leis brasileiras garantem uma licença maternidade de 120 dias e, na Primeira República, as mulheres não tinham este direito.

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar em diferentes documentos históricos os fundamentos da cidadania e da democracia presentes na vida social.
 - Caracterizar as lutas sociais, em prol da cidadania e da democracia, em diversos momentos históricos.
 - Relacionar os fundamentos da cidadania e da democracia, do presente e do passado, aos valores éticos e morais na vida cotidiana.
 - Discutir situações da vida cotidiana relacionadas a preconceitos étnicos, culturais, religiosos e de qualquer outra natureza.
 - Selecionar criticamente propostas de inclusão social, demonstrando respeito aos direitos humanos e à diversidade sociocultural.
-



Geografia

História e Geografia

Ensino Fundamental

Capítulo V

**MOVIMENTOS POLÍTICOS PELOS
DIREITOS DOS ÍNDIOS**

COMPREENDER O PROCESSO HISTÓRICO DE
OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO E A FORMAÇÃO DA
SOCIEDADE BRASILEIRA.

Adriane Costa da Silva

Capítulo V

Movimentos políticos pelos direitos dos índios

Quando os portugueses chegaram às terras brasileiras, encontraram vários povos com línguas, tradições e modos de vida diferentes dos moradores da Europa. Europeus e índios envolveram-se em muitos conflitos pela ocupação e uso das terras, desde 1500 até a atualidade. Nas páginas seguintes, você encontrará algumas informações e questionamentos sobre a situação das populações indígenas hoje. Também poderá ler e refletir sobre a história de contato entre índios e não-índios.

O que você sabe sobre os índios brasileiros? Onde vivem? Como vivem? Quais as relações que mantêm com os não-índios? Quais os problemas que enfrentam hoje em dia? Faça algumas anotações em seu caderno, antes de prosseguir na leitura do texto. Use seu caderno sempre que for solicitada uma resposta. Assim, você poderá estudar com bastante proveito e comparar suas respostas às idéias oferecidas neste texto.



Figura 1 - Ailton Krenak pinta o rosto durante a defesa de uma das emendas populares sobre os direitos indígenas na Assembléia Nacional Constituinte, 1988. Foto: Reynaldo Stavale /ADIRP. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). *Índios no Brasil*. 2. ed. Brasília: MEC, 1994. p. 159.



Desenvolvendo competências

1

1. O que está fazendo a personagem retratada na foto?
2. A frase escrita embaixo da fotografia é chamada de legenda. Lendo a legenda, você conseguiu descobrir quem é o personagem?

O nome do personagem é:

- a) Ailton Krenak, do povo Krenak.
- b) Galdino Pataxó, do povo Pataxó.
- c) Davi Yanomami, do povo Yanomami.
- d) Marçal de Souza Guarani, do povo Guarani.

O personagem pintando o rosto é Ailton Krenak, um representante dos povos indígenas junto ao governo e à sociedade brasileira. Os índios costumam trazer o nome do povo (Krenak, Terena, Pataxó, Yanomami, Guarani) junto com o primeiro nome (Ailton, Marcos, Galdino, Davi, Marçal). Se você leu com atenção a legenda, descobriu que a alternativa correta é a letra (a).

Cada povo indígena tem um nome diferente: Krenak, Guarani, Kaiapó, Terena, Kaingang, Pataxó, Krahô... São mais ou menos 280 povos espalhados pelo Brasil, que falam mais de 180 línguas. Se existem vários povos com nomes e línguas diferentes, por que eles são chamados de índios? Você tem alguma idéia? Leia a explicação dada por Ailton Krenak:

Antes de ter encontrado os brancos, eu nunca tinha ouvido falar da palavra índio. Os brancos é que nos chamam assim. (...) desde a hora que os portugueses chegaram aqui, eles começaram a chamar a minha tribo, o meu povo, com esse apelido de índio. E não conseguiram até hoje entender que nós somos (...) povos diferentes, cada um com uma identidade própria, habitando diferentes lugares do Brasil.

KRENAK, Ailton apud. SIMÕES, J. A.; MACIEL, L. A. (Coord.). *Pátria amada esquartejada*. São Paulo: DPH-SMC, 1992. p. 133.

Os portugueses pensaram que as terras descobertas por Pedro Álvares Cabral, em 1500, eram as Índias. Confundiram esses povos com os moradores da Índia (localizada na Ásia) e passaram a chamá-los de índios.



Desenvolvendo competências

2

- De acordo com o texto apresentado, “índio” é um apelido dado pelos portugueses para:
- a) os povos africanos, que são muito semelhantes entre si.
 - b) os povos africanos, que são muito diferentes entre si.
 - c) os povos que já habitavam o Brasil, muito diferentes entre si.
 - d) os primeiros povos que habitaram o Brasil, muito semelhantes entre si.

O texto que você leu não falava dos povos africanos, o que exclui as alternativas A, B. Ele diz que os povos indígenas são diferentes uns dos outros nas suas línguas, seus modos de viver e suas histórias do contato com os não-índios. Assim, a alternativa correta é a letra C. A alternativa D está incorreta, de acordo com a opinião de Ailton Krenak, que destaca, no texto, as diferenças. Além disso, o verbo habitar está

conjugado no passado (habitaram) o que dá a idéia de que hoje não há mais habitantes indígenas no território brasileiro.

Os povos indígenas são muito diferentes entre si. Mas pintar o rosto para participar de festas ou em momentos importantes (quando termina o luto de um parente, por exemplo) é um costume comum a todos eles. Por que será que Ailton Krenak estava pintando o rosto?



Desenvolvendo competências

3

1. Observe a Figura 2 e leia a legenda para saber o que estava acontecendo na época em que o retrato de Ailton Krenak foi tirado.
2. O que mostra a Figura 2? O que um dos personagens está lendo? Quais as informações apresentadas na legenda?
3. Qual o lugar e a época em que a fotografia foi tirada? Qual o nome do fotógrafo?



Figura 2 - Índios Kayapó. Brasília, 1988.
Foto: Guilherme Rangel / ADIRP. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). *Índios no Brasil*. 2. ed. Brasília: MEC, 1994. p. 161.

OS MOVIMENTOS INDÍGENAS E A QUESTÃO DAS TERRAS

Os Kayapó, junto com os Xavante, os Guarani, os Pataxó e muitos outros povos indígenas organizaram movimentos para preservação das suas culturas e das terras onde moram hoje. Muitas das suas reivindicações políticas transformaram-se em lei federal. Os direitos assegurados na Constituição de 1988 representam uma das vitórias que as populações indígenas e seus aliados da sociedade brasileira tiveram nas lutas pelo respeito à diversidade. Diz o artigo 231:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

As leis sobre as terras indígenas reconhecem que os índios eram os senhores dessas terras, quando os portugueses atravessaram o Oceano Atlântico e desembarcaram em Porto Seguro (Bahia), em 1500. Por essa razão, as populações indígenas têm *direitos originários* sobre as terras que ocupam, como está escrito no artigo acima.

O texto da Constituição considera os índios cidadãos como os outros brasileiros e garante às sociedades indígenas os direitos às terras e à diferença cultural. Davi Kopenawa, do povo Yanomami, explica por que os índios lutaram para conquistar esses direitos:

Nós descobrimos estas terras! Possuímos os livros e, por isso, somos importantes!, dizem os brancos. Mas são apenas palavras de mentira. Eles não fizeram mais que tomar as terras das gentes da floresta para se pôr a devastá-las. Todas as terras foram criadas em uma única vez, as dos brancos e as nossas, ao mesmo tempo que o céu. Tudo isso existe desde os primeiros tempos, quando Omana nos fez existir. É por isso que não creio nessas palavras de descobrir a terra do Brasil. Ela não estava vazia!

KOPENAWA YANOMAMI, Davi. Descobrimos os brancos. In: NOVAES, Adauto (Org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 19. (Brasil 500 anos: experiência e destino).



Desenvolvendo competências

4

De acordo com a explicação de Davi sobre a descoberta do Brasil:

- a) os portugueses descobriram essas terras antes dos índios.*
- b) os índios descobriram essas terras depois dos portugueses.*
- c) os portugueses descobriram as terras brasileiras antes dos africanos.*
- d) os índios foram os primeiros habitantes das terras brasileiras.*

As alternativas (a) e (b) querem dizer a mesma coisa: que os brancos descobriram essas terras, que estavam vazias quando eles chegaram. Os índios chegaram depois, os brancos é que descobriram essas terras, é o que essas alternativas afirmam. Essas alternativas são incorretas, de acordo com a opinião de Davi Yanomami. Ele não falou sobre os africanos, mas os portugueses os trouxeram da África para trabalharem como escravos nas fazendas, minas etc. Assim, podemos excluir também a alternativa (c). A alternativa (d) está correta.

Conforme o depoimento de Davi, os índios descobriram essas terras antes dos brancos. Quando os brancos chegaram, as terras brasileiras não estavam vazias: eram ocupadas por vários povos muito diferentes uns dos outros. A quantidade de pessoas que viviam nessas terras é um assunto polêmico. O quadro abaixo apresenta os números estimados por vários pesquisadores (coluna da esquerda) para as terras baixas da América do Sul (coluna da direita). Nessa região, está localizado o Brasil.

Leia o quadro abaixo. Qual a menor estimativa para a população? Qual a maior estimativa para a população? Copie os dados apresentados no quadro em seu caderno.

<i>Nome dos Pesquisadores</i>	<i>Estimativa população indígena (em milhões)</i>
Sapper	3 a 5
Kroeber	1
Rosenblat	2,03
Steward	2,90 (1,1 no Brasil)
Dobyns	9 a 11,25
Denevan	8,5 (5,1 na Amazônia)

Adaptação de quadro apresentado em CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 14.

De acordo com os dados que vemos no quadro, as estimativas variam de 1 a 8,5 milhões de pessoas. Essa população contada em milhões foi reduzida, na atualidade, a 350 mil pessoas devido às guerras e doenças. Mas a população indígena está aumentando nos últimos anos.



Desenvolvendo competências

5

A sociedade brasileira, por sua Constituição, reconhece os direitos indígenas. O que você pensa sobre o direito dos povos indígenas às terras? Converse com seus amigos e amigas e amadureça suas idéias sobre o assunto. Depois, faça algumas anotações.

Lembra-se do Ailton Krenak, o personagem retratado na FIG. 1? Leia o depoimento dele sobre a importância da preservação das terras para o seu povo:

O território tradicional do meu povo vai do litoral do Espírito Santo até entrar nas serras mineiras, entre o vale do rio Doce e o São Mateus. Mesmo que hoje só tenhamos uma reserva pequena no médio rio Doce, quando penso no território do meu povo, não penso naquela reserva de 4 mil hectares, mas num território onde a nossa história, os contos e as narrativas do meu povo vão acendendo luzes nas montanhas, nos vales, nomeando os lugares e identificando na nossa herança ancestral o fundamento da nossa tradição.

KRENAK, Ailton. O eterno retorno do encontro. In: NOVAES, Adauto (Org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 25-26. (Brasil 500 anos: experiência e destino).

Todos os índios precisam da terra para plantar, pescar, caçar, coletar, produzir objetos usados no trabalho e nos rituais, construir casas, curar doenças e fazer festas. Por isso, a demarcação das terras é muito importante para a sobrevivência dos povos indígenas.

No depoimento acima, Ailton Krenak também explica como a preservação da terra e da tradição estão ligadas. Ele diz que as montanhas, os vales, os lugares do território onde vive o seu povo guardam suas histórias e a herança dos antepassados. Isso não acontece apenas com os Krenak. Os outros índios também conhecem profundamente as plantas, os bichos, as aves, os peixes, as águas, o solo, o subsolo e os seres sobrenaturais dos territórios onde vivem. Ao longo de milhares de anos, essas sociedades foram acumulando conhecimentos sobre flora, fauna, solo, subsolo, águas, estações da natureza, técnicas de trabalho, convívio social, origem do mundo, religião, linguagens etc. Esses conhecimentos estão vinculados às terras onde vive cada grupo indígena.

O tamanho das terras tradicionais dos Krenak aumentou ou diminuiu com a demarcação da

reserva? Antes da chegada dos portugueses, não existiam limites precisos entre os territórios dos povos que habitavam a América. As fronteiras tinham como referências as serras, os rios, os sítios das antigas ocupações etc. As áreas demarcadas são reduções desses territórios tradicionais. Mas a demarcação e os limites são fundamentais para proteger as terras indígenas contra as invasões. Muitos grupos indígenas tiveram a iniciativa de demarcar suas terras, buscando apoio de aliados das organizações não governamentais. Eles também decidiram acompanhar a colocação dos marcos e limites, além de cuidarem da vigilância e defesa das áreas demarcadas.

O reconhecimento oficial de uma área indígena é feito em etapas: **identificação e delimitação, demarcação, homologação e regularização**. Durante esse processo, são feitos vários estudos técnicos e administrativos:

identificação e delimitação – Nessa etapa, são realizados o levantamento e o estudo dos sítios que o grupo considera importantes para a sua cultura e história. Também são estabelecidos os limites geográficos do território. Os técnicos contratados pela FUNAI encaminham relatórios (laudos) para o Ministério da Justiça.

demarcação – O Ministério da Justiça emite Portaria demarcando os limites da área. Os limites definidos são materializados através da abertura de picadas e da colocação de marcos e placas de sinalização.

homologação – O presidente da República publica o decreto de homologação da terra indígena no Diário Oficial, aprovando os trabalhos de demarcação.

regularização fundiária – Finalmente, a área é inscrita e registrada no Departamento de Patrimônio da União e no cartório imobiliário da Comarca onde está localizada.

Os processos de demarcação das terras indígenas são muito demorados. Em muitas áreas, levaram mais de dez anos para serem concluídos. Em outras, esses processos ainda não chegaram ao fim. Essa lentidão tem como resultado invasões das terras indígenas para exploração dos recursos naturais pelos não-índios, implantação de projetos e obras (estradas, quartéis, hidrovias, hidrelétricas, etc.) que causam destruição ambiental e a redução dos limites demarcados nos laudos.

POLÊMICAS SOBRE A QUESTÃO DAS TERRAS INDÍGENAS

Não são todos os brasileiros que respeitam os direitos dos índios. Existem pessoas que consideram as leis sobre as terras indígenas obstáculos à exploração das riquezas existentes no solo e no subsolo brasileiros. São políticos, militares, empresários, madeireiros, garimpeiros, que questionam esses direitos e apóiam a exploração dos recursos naturais das terras demarcadas ou em processo de demarcação.

Os conflitos de interesses se multiplicam na região da floresta Amazônica, chamada de

Amazônia Legal. Eles acontecem entre os povos do Parque do Xingu e os fazendeiros (Mato Grosso), entre os Yanomami e os garimpeiros (Roraima), entre os piabeiros e as comunidades indígenas do Rio Negro (Amazonas)... Esses são apenas alguns dos casos de desrespeito aos direitos indígenas. Os interesses que motivam os invasores são diversos: exploração turística e jornalística, construção de hidrelétricas, hidrovias e estradas, extração da madeira, prospecção de minérios, monitoramento de pontos estratégicos nas fronteiras.



Desenvolvendo competências

6

Observe o mapa acima.

1. Quais as regiões onde se localiza a maioria das terras indígenas? Pinte essas regiões com lápis colorido.
2. Qual será a explicação para a concentração de terras indígenas em algumas regiões? Anote suas hipóteses no caderno.

OS ÍNDIOS E A PRESERVAÇÃO DA NATUREZA

A sobreposição entre áreas indígenas e unidades de conservação é um assunto polêmico. Os ambientalistas, de um lado, não reconhecem os direitos dos povos indígenas sobre áreas decretadas como unidades de conservação no passado. Representantes indígenas e seus aliados políticos, de outro lado, não aceitam as restrições ao uso das terras tradicionalmente ocupadas pelos índios, colocadas pelos decretos de criação dessas áreas. A Lei nº 9.985, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) em julho de 2000, tem um artigo que trata desse impasse. O artigo 57 diz que:

...os órgãos federais responsáveis pela execução das políticas ambiental e indigenista deverão instituir grupos de trabalho para (...) propor as diretrizes a serem adotadas com vistas à regularização das eventuais superposições entre áreas indígenas e unidades de conservação.

Para resolver esse impasse, os Ministros da Justiça, José Gregori, e o do Meio Ambiente, Sarney Filho, editaram uma Portaria (8/11/2000) criando um grupo de trabalho integrado por representantes de órgãos do governo, entidades ambientalistas, indigenistas e organizações indígenas.



Desenvolvendo competências

8

Você foi convidado para compor o grupo de trabalho que deverá apresentar propostas para a solução dos impasses ligados à sobreposição das unidades de conservação e das terras indígenas. Qual seria a sua proposta? Anote no seu caderno suas idéias e sugestões sobre essa questão.



Desenvolvendo competências

9

1. Quais os Estados brasileiros localizados na Amazônia Legal?

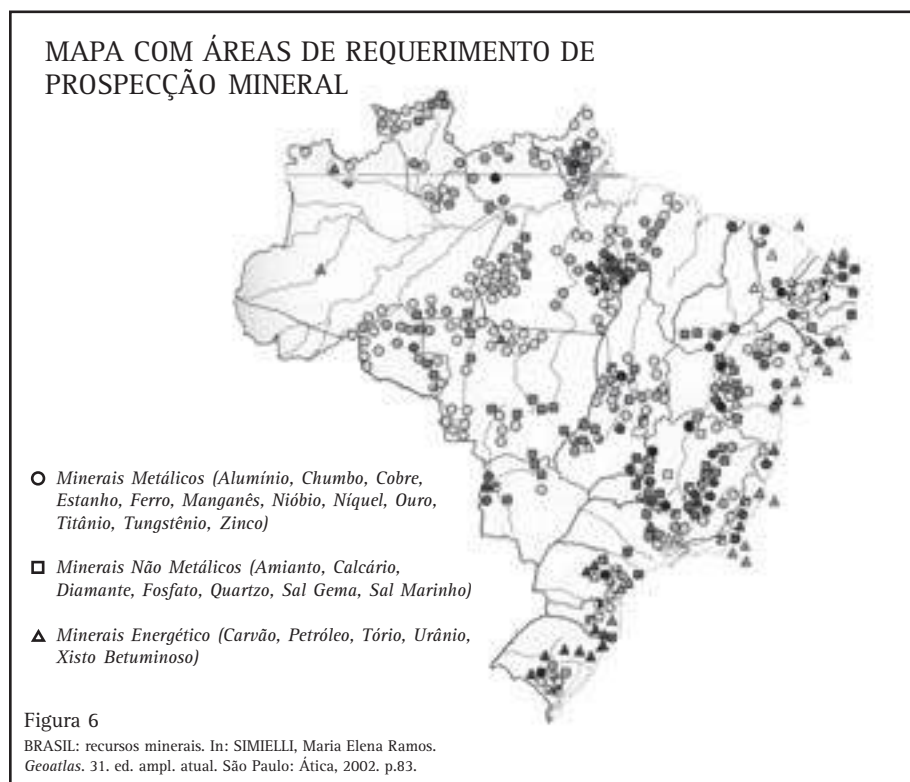




Desenvolvendo competências

10

1. Observe a Figura 6. Lendo a legenda é possível identificar qual o tema representado no mapa? Outros elementos do mapa ajudaram você a identificar o tema? Anote suas respostas no caderno.
2. Crie um título para o Mapa.
3. Compare os mapas das Figuras 5 e 6. Em que estados existem mais manchas representando as áreas com requerimento de prospecção mineral?



DIFERENTES CONCEPÇÕES DA NATUREZA

Os conflitos entre os povos indígenas e a sociedade brasileira surgem das diferenças entre suas concepções de natureza. Conforme você leu no texto, existem alguns grupos brasileiros que consideram as terras indígenas e as unidades de conservação ambiental como obstáculos ao desenvolvimento econômico do Brasil. Quem são as pessoas que fazem parte desses grupos? Outros grupos da sociedade brasileira defendem a idéia de que a natureza deve ser preservada e, para isso, é necessário manter os homens afastados dela. É esse o argumento dos ambientalistas e simpatizantes da preservação da natureza, que consideram os índios como uma ameaça ao meio ambiente. Existe também o pensamento de que os índios, assim como a flora e a fauna, devem ser protegidos da destruição causada pelo contato com os não-índios. Para aqueles que partilham essa idéia, eles são o símbolo da inocência e da preservação da natureza. Essa imagem dos índios como defensores da natureza é muito difundida entre os brasileiros, assim como em outras sociedades do mundo todo.

Nem todos os índios têm as mesmas idéias sobre a natureza. Também existem diferentes idéias de natureza entre os grupos indígenas. Mas todos eles compartilham da idéia de que a natureza e os seres humanos estão ligados.

INTERESSES MINERÁRIOS

As terras dos Yanomami, localizadas na fronteira entre o Brasil e a Venezuela (estados do Amazonas e Roraima), foram invadidas várias vezes pelos garimpeiros. As primeiras invasões aconteceram quando a existência das jazidas minerais foi divulgada, em 1975. Quase vinte anos depois (1993), uma comunidade foi chacinada na região de Haximu. Mais de mil garimpeiros continuam em ação nas regiões Surucucu, Parafuri e Xiriana, na terra Yanomami. Junto com os garimpeiros, apareceram a prostituição e as DST (doenças sexualmente transmissíveis). As degradações ambientais causadas pelo garimpo aumentam o número dos casos de malária.

Os garimpeiros fornecem armas e munição para comunidades rivais, estimulando a violência entre os Yanomami. As comunidades que reagem ao garimpo são massacradas e os corpos das vítimas escondidos na floresta. Os sobreviventes ficam desconsolados por não poderem realizar seus rituais funerários e muito amedrontados pelas doenças que os invasores estão trazendo. Então, eles organizam expedições de guerra com as comunidades aliadas, que guerreiam para vingar os parentes mortos.

O xaporê Davi Kopenawa, um dos pajés Yanomami, explica por que os nabebe, os não-índios, causam tantas doenças nas pessoas e na floresta:

*...Agora sabemos da origem da xawara. No começo, nós pensávamos que ela se propagava sozinha, sem causa. Agora ela está crescendo muito e se alastrando em toda parte. O que chamamos de xawara (...) Omanê [o criador da humanidade Yanomami] a mantinha escondida e não queria que os Yanomami mexessem com isto. (...) Ele dizia também: 'Se isso fica na superfície da terra todos Yanomami vão começar a morrer à toa!' (...) Mas hoje os nabebe, os brancos, depois de terem descoberto nossa floresta, foram tomados por um desejo frenético de tirar essa xawara do fundo da terra...
 (...) Xawara é também o nome do que chamamos booshikê, a substância do metal, que vocês chamam minério. Disso temos medo. A xawara do minério é inimiga dos Yanomami, de vocês também. Ela quer nos matar. Assim, se você começa a ficar doente, depois ela mata você.
 Por causa disso, nós, Yanomami, estamos muito inquietos.*

NOVAES, Adauto. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 191-193.



Desenvolvendo competências

11

Conforme o depoimento de Davi, por que os nabebe, os não-índios, estão deixando os Yanomami e a floresta doentes?

Davi está preocupado com o que poderá acontecer aos povos no futuro, se não pararem de destruir a Urihi:

... Quando os brancos tiram o ouro da terra, eles o queimam, mexem com ele em cima do fogo como se fosse farinha.

(...) Quando os brancos secam o ouro dentro de latas com tampas bem fechadas e deixam essas latas expostas à quentura do sol, começa a sair uma fumaça (...) que não se vê e que se alastra.

(...) Quando essa fumaça chega ao peito do céu, ele começa a ficar muito doente, ele começa também a ser atingido pela xawara. A terra também fica doente. E mesmo os bekurabë, os espíritos auxiliares do pajés, ficam muito doentes. Mesmo Omanê está atingido. Deosimê (Deus) também. (...)

Tem também a fumaça das fábricas. (...) Por isso, agora a xawara cresceu muito. Ela está muito alta no céu, alastrou se muito longe... O trovão vai ficar doente também e vai gritar de raiva, sem parar, sob o efeito do calor...

Assim, o céu vai acabar rachando. Os pajés Yanomami que morreram já são muitos e vão querer se vingar... Quando os pajés morrem, os seus bekurabë, seus espíritos auxiliares, ficam muito zangados. Eles vêem que os brancos fazem morrer os pajés, seus 'pais'. Os bekurabë vão querer se vingar, vão querer cortar o céu em pedaços para que ele desabe em cima da terra: também vão fazer cair o sol, o céu vai ficar escuro. Nós queremos contar isso para os brancos, mas ele não escutam. Eles são outra gente e não entendem.

NOVAES, Adauto. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 191-193.



Desenvolvendo competências

12

Histórias de hoje, histórias de ontem...

As disputas pelas terras indígenas aconteceram desde a chegada dos portugueses, em 1500. Muitos índios morreram depois do contato com os não-índios, vítimas das epidemias (malária, sarampo, gripe etc) ou nas guerras de conquista. Nessa época, eram mais de 1.000 povos, somando entre 1 e 8,5 milhões de pessoas. Hoje, são 218 povos, que falam 180 línguas, totalizando 350 mil pessoas. Você pode imaginar o que acontecia com os sobreviventes das guerras entre europeus e indígenas?

1. Qual o tema retratado pelo pintor na Figura 7?
2. Compare a sua resposta com o título do quadro. Eles expressam idéias semelhantes ou diferentes ?
3. Quando Rugendas fez esse desenho? Essa informação não pode ser encontrada na legenda. Nela está escrito s/d, que quer dizer sem data. Qual a sua hipótese para a data da pintura? Justifique a sua resposta.
4. Qual a situação representada na Figura 8?
5. Compare as Figuras 7 e 8. Existe ligação entre os temas representados nas duas pinturas? Escreva no caderno as suas conclusões.



Figura 7 - desenho de Johann-Moritz Rugendas, [s/d].
Escravidão de índios pelos portugueses. POMBO, R.
História do Brasil: curso fundamental. São Paulo:
Melhoramentos, 1941.



Figura 8 - Índios atravessando um riacho (caçador de escravos) de Jean Baptiste Debret, século XIX.
GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). *Índios no Brasil*. 2. ed. Brasília: MEC, 1994. p. 109.

ESCRAVIDÃO INDÍGENA

Os dois quadros foram pintados por Debret e por Rugendas em momentos muito próximos, entre os anos 1820 e 1840. Nessa época, diversos países da Europa organizaram muitas expedições científicas, com o objetivo de estudar a natureza em vários continentes do mundo, que foram ocupados e colonizados pelos europeus. Pintores e desenhistas também participavam dessas viagens, registrando imagens de plantas, animais,

minérios, águas e das sociedades da América, África, Ásia, Austrália...

Debret e Rugendas também eram pintores-viajantes. Johann Moritz Rugendas viajou pelo Brasil, México, Chile, Peru, Bolívia, Uruguai e Argentina (1821-1847). Jean Baptiste Debret veio ao Brasil junto com outros pintores, escultores e arquitetos para montar uma escola de artes, a Escola de Ciências, Artes e Ofícios (1816-1839). Nesse tempo, as relações entre

Europa e América passaram por muitas transformações políticas: as colônias americanas da Inglaterra, de Portugal e da Espanha transformaram-se em países independentes.

As pinturas e os desenhos feitos por Debret registram situações e pessoas das cidades, principalmente do Rio de Janeiro. A existência da escravidão de africanos e indígenas foi um dos aspectos mais destacados em suas obras, assim como nos desenhos de Rugendas sobre a viagem ao Brasil. Os dois pintores-viajantes não estiveram em aldeias indígenas: seus registros estão baseados nos desenhos feitos pelos artistas que acompanhavam as expedições científicas e contatos com grupos indígenas que passavam pela cidade do Rio de Janeiro.

A escravidão indígena não aconteceu apenas no século XIX, época em que foram produzidas as Figuras 7 e 8. Ela começou a acontecer com a chegada dos europeus no século XVI e durou até o século XX.

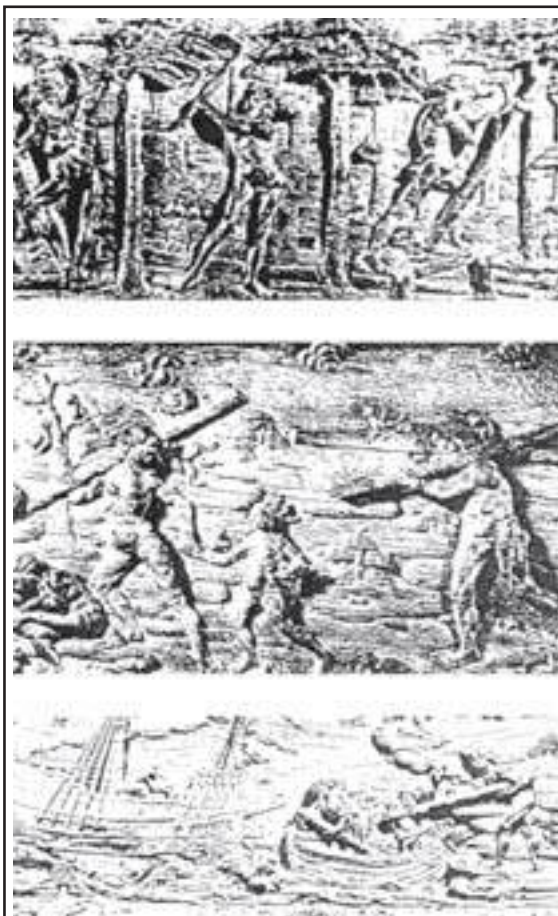


Figura 9 - Painéis de carvalho da 'Ilha do Brasil'. Rouen, França (c. 1500-14). In: CUNHA, M. C. da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: FAPESP: Companhia das Letras, 1992. p. 15.



Desenvolvendo competências

13

Observe os painéis da Figura 9.

1. Descreva os painéis no seu caderno, contando o que você observou.

Esses painéis decoravam uma casa na cidade de Rouen, na França, e foram entalhados entre 1500 e 1514. As imagens gravadas no carvalho representam o escambo de pau-brasil praticado entre os índios e os comerciantes franceses. O pau-brasil era uma madeira de onde se extraía um pigmento muito usado para tingir tecidos de vermelho, com maior eficiência que outros corantes da época.

2. Complete a legenda para a Figura 9, acrescentando informações que você achar importantes para explicar o tema representado nos painéis.

DO ESCAMBO À ESCRAVIDÃO

Inicialmente, os índios eram parceiros comerciais dos europeus: trocavam madeiras e animais exóticos por foices, machados, facas, miçangas, espelhos etc. Os objetos conseguidos no escambo com os portugueses, franceses, holandeses, espanhóis percorriam longas rotas de comércio entre os grupos do litoral e as populações indígenas que moravam no interior da América. Assim, muitos índios que moravam longe do litoral conheceram os invasores através dos objetos que traziam para trocar.

A relação entre as populações indígenas que moravam no litoral e os europeus transformou-se, passadas algumas décadas. Um velho índio Tupinambá falou sobre essas mudanças em um discurso para os franceses, que queriam estabelecer uma colônia no Maranhão, em 1610:

De início, os peró [portugueses] não faziam senão traficar sem pretenderem fixar residência. (...) Mais tarde, disseram que nos devíamos acostumar a eles e que precisavam construir fortalezas, para se defenderem, e cidades, para morarem conosco (...) Mais tarde, afirmaram que nem eles nem os pai [padres] podiam viver sem escravos para os servirem e por eles trabalharem. (...) Assim aconteceu com os franceses. Da primeira vez que viestes aqui, vós o fizestes somente para traficar. (...) Agora já nos falais de vos estabelecerdes aqui, de construirdes fortalezas para defender-nos contra os nossos inimigos. Como (os peró), vós não quereis escravos, a princípio; agora os pedis e os quereis como eles no fim.

Claude d'Abbeville apud CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: FAPESP: Secretaria Municipal de Cultura, c1992. p. 15.



Desenvolvendo competências

14

1. *Lendo o discurso do velho Tupinambá, é possível identificar as mudanças na relação entre os índios e os europeus, durante cem anos de contato (1500-1610)? Quais foram essas mudanças? Escreva no caderno as suas conclusões.*

A conquista do território e a organização do trabalho são aspectos importantes na formação da sociedade brasileira. A escravização dos índios, junto com as doenças, provocou o despovoamento de muitas regiões mais acessíveis no litoral e nos sertões. Nesses locais, surgiram as fazendas e as vilas. Os índios que sobreviviam às doenças e às guerras eram levados para aldeamentos dirigidos pelos missionários cristãos, longe das suas aldeias e próximos das vilas. A produção de alimentos, a coleta de frutos e folhas, a caça e a pesca, o transporte de mercadorias entre vilas e portos eram trabalhos feitos pelos escravos indígenas.

Os grupos indígenas que viviam na América, antes da chegada dos portugueses, estavam ligados por alianças comerciais ou de

parentesco. Mas as relações entre os povos também eram de inimizade, guerra, dominação e exploração. Os cativos conseguidos nas guerras eram sacrificados nos rituais para comemorar a vitória ou eram trocados com grupos aliados. Alguns grupos indígenas tornaram-se aliados dos portugueses e forneciam-lhes escravos capturados dos seus inimigos. Outros grupos aliavam-se aos franceses, considerados rivais dos portugueses.

Para os europeus, essas guerras possibilitavam obter escravos, através do resgate dos cativos. Os índios imaginavam manter sua autonomia política, através dessas alianças. Lembra-se do velho Tupinambá, que discursava para os franceses? Ele também conta como os europeus tratavam os seus aliados:

... não satisfeitos com os escravos capturados na guerra, quiseram também os filhos dos nossos e acabaram escravizando toda a nação.

Claude d'Abbeville apud CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: FAFESP: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p.15.

Fugindo da escravidão, muitos grupos deixaram o litoral e embrenharam-se no sertão. Aqueles que trabalhavam para os donos das fazendas ou nos aldeamentos dos jesuítas revoltaram-se e fugiram. Esses movimentos eram dirigidos pelos Caraibas, que mobilizavam seguidores para a migração, através de suas profecias:

Vamo-nos, vamo-nos antes que venham esses portugueses... Não fugimos da Igreja nem de tua companhia porque, se tu quiseres ir conosco, viveremos contigo no meio desse mato ou sertão. Mas estes portugueses não nos deixam estar quietos, e se tu vês que tão poucos que aqui andam entre nós tomam nossos irmãos, que podemos esperar, quando os mais vierem senão que a nós, e as mulheres e filhos farão escravos?

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). *Índios no Brasil*. 2. ed. Brasília: MEC, 1994. p. 108.



Desenvolvendo competências

15

1. *O que o velho Tupinambá e o Caraíba pensavam sobre os acontecimentos ocorridos com a chegada dos colonos e os jesuítas?*
2. *“...poderão ser cativos os índios infiéis no tempo em que durar o conflito das guerras, e fora deles se não poderão fazer as ditas guerras, nem se poderão admitir os ditos cativeiros” (Alvará de 28/4/1688)*

CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: FAFESP: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 127.

De acordo com o alvará acima, a escravidão indígena era considerada legítima:

- a) *no caso dos indígenas infiéis, isto é, que não se convertiam ao cristianismo, capturados nas guerras justas.*
- b) *no caso dos indígenas que se convertiam ao cristianismo e trabalhavam nos aldeamentos dos padres jesuítas, nas fazendas e vilas coloniais.*
- c) *em todos os casos, fossem os índios fiéis ou infiéis, o cativo era considerado legítimo.*
- d) *todas as alternativas anteriores estão incorretas, porque a escravidão indígena não era legítima em nenhum caso.*

Qual das alternativas (a, b, c, d) você considera correta para explicar em que situações a escravidão indígena era considerada legítima? A alternativa (d) não é válida. Por quê? Ela diz que “todas as alternativas anteriores estão incorretas, porque a escravidão indígena não era legítima em nenhum caso”. Já lemos nas páginas anteriores que os portugueses conseguiam escravos, resgatando os inimigos capturados pelos grupos aliados. A escravização, através do resgate, era reconhecida pelas leis. Será que em todos os casos a escravidão indígena era legitimada, como diz a alternativa (c)? No campo das leis, não! A resistência era interpretada como hostilidade pelos portugueses e os índios declarados como inimigos e capturados nas “guerras justas”. A lei considerava legítima a escravidão daqueles grupos que resistiam à conversão religiosa e ao trabalho nos aldeamentos, fazendas e vilas.

Também lemos os relatos dos próprios índios, registrados nas cartas dos padres da Companhia de Jesus, que falam da escravização dos seus inimigos e dos filhos da sua nação. Sobraram duas alternativas: (a) ou (b)? De acordo com o alvará a alternativa (a) é correta,

pois o texto diz que podem ser cativos os índios que forem infiéis, isto é, não se converterem à fé cristã. O que está errado na alternativa (b)? Anote no seu caderno.

GUERRAS JUSTAS

Os índios deveriam ser escravizados ou deveriam ser livres? Quem deveria controlar o trabalho dos índios e dirigir os aldeamentos? A questão da liberdade dos povos indígenas causou muitas polêmicas entre os próprios índios, os missionários, os colonos e os administradores do rei de Portugal. Colonos e missionários disputavam o controle do trabalho indígena: a direção das aldeias e a autoridade para repartir os índios para o trabalho fora dos aldeamentos eram postos considerados chave para esse controle. Muitas leis foram feitas nos trezentos anos em que o Brasil permaneceu como colônia de Portugal (1500-1800): em alguns momentos (1609, 1680 e 1755), as leis aboliram totalmente o cativo, para, em seguida, restaurar a escravidão indígena.

As diferenças entre as idéias que os portugueses e os indígenas tinham sobre o cativo explicam as dificuldades em transformar os cativos de guerra em escravos. Considerando a importância dos cativos para fins rituais, os índios resistiam à venda. Os portugueses dependiam dos índios para produzir e coletar alimentos, para transportar cargas e para defender as fronteiras entre o território português e o dos espanhóis, combatendo os inimigos indígenas, os franceses e os holandeses.

O resgate dos cativos das guerras, que seriam sacrificados pelos seus inimigos, foi a principal forma de recrutamento de mão-de-obra indígena até a metade do século XVII. As tropas, financiadas por ricos comerciantes, eram compostas por índios aliados e sertanistas e tinham autorização real. Os comerciantes e os fazendeiros usavam o resgate como pretexto para a escravização e destruição de muitos grupos indígenas.

Os jesuítas, junto com índios aldeados, tentavam convencer as populações indígenas que habitavam os sertões a viverem nos aldeamentos próximos às fazendas e povoações. A legislação diferenciava os índios aliados dos portugueses e os índios inimigos. Os falantes da língua Tupi costumavam fazer alianças com os europeus: portugueses, holandeses e franceses. Os Tupis viviam nos aldeamentos da Companhia de Jesus, podendo trabalhar para os moradores, mediante o pagamento de salário. Esses índios eram considerados donos das terras onde viviam, aldeamentos dirigidos pelos jesuítas, até 1755. Eles, muitas vezes, voltavam para suas aldeias ou de parentes, contrariando as expectativas de colonos e administradores. Você imagina por que isso acontecia?

Desenvolvendo competências

16

1. Reescreva a legenda da Figura 10, explicando qual a situação representada no desenho.
2. Depois de ler o título do desenho na legenda, você saberia dizer como os europeus chamavam os índios que viviam nos sertões?



Figura 10 - Aldeia de Tapuias, Desenho de Johann-Moritz Rugendas. GRUPIONI, Luis Donisete Benzi (Org.). *Índios no Brasil*. 2. ed. Brasília: MEC, 1994. p. 108.

ÍNDIOS MANSOS, ÍNDIOS BRAVOS

A fuga coletiva, a reconstituição das comunidades e o restabelecimento da autonomia política em regiões longínquas, distantes das povoações coloniais, foi uma estratégia de resistência à escravidão muito utilizada pelos grupos indígenas. As leis declaravam a liberdade dos índios, mas os costumes dos colonos distanciavam-se delas em muitas situações. O que disse mesmo o velho Tupinambá em seu discurso para os franceses que queriam fundar uma colônia no Maranhão? Os portugueses ... *não satisfeitos com os escravos capturados na guerra, quiseram também os filhos dos nossos e acabaram escravizando toda a nação.*

Nem todos os índios eram livres: aqueles que resistiam à colonização eram considerados inimigos. Geralmente, os povos que falavam outras línguas, chamados de Tapuia, eram capturados nas guerras justas e transformados em escravos, segundo a legislação. A guerra justa foi utilizada pelos colonos e administradores como mecanismo legal para organizarem expedições militares com o duplo objetivo de derrotar os focos de resistência indígena no litoral e constituir uma força de trabalho. Essas expedições abasteciam de escravos as fazendas nas regiões de São Paulo e Maranhão. Nesses lugares, as atividades de agricultura, criação

de animais, coleta, caça e transporte eram desenvolvidas pelos índios capturados pelos sertanistas.

Quem eram os aliados dos portugueses? Quem eram seus inimigos? Lembra-se das leis sobre a escravidão indígena? De acordo com essas leis, os índios que resistiam à colonização eram considerados inimigos. Aqueles que viviam nos aldeamentos e trabalhavam para os colonos nas fazendas e vilas eram considerados aliados.

Tupi e Tapuia foram nomes usados pelos europeus para diferenciar os povos indígenas que habitavam o Brasil em 1500. Os Tupi eram considerados “domésticos ou mansos”, porque conviviam amistosamente com os estrangeiros. Os Tapuia eram chamados de “bravos” porque ocupavam os sertões, isto é, as terras que os europeus pretendiam explorar e colonizar.

No século XIX, muitas mudanças políticas aconteceram na relação entre a colônia brasileira e sua metrópole, Portugal. Na época da independência política do Brasil (1822), os Tupi foram transformados em símbolo da nacionalidade brasileira. O contraponto dos heróicos Tupi eram os ferozes Botocudo. Muito semelhantes aos Tapuia, os Botocudo também eram considerados obstáculos à colonização dos sertões e inimigos dos brasileiros e dos Tupi.

Será que as representações das populações indígenas se modificaram hoje? Como os índios são apresentados nos jornais, novelas e seriados da televisão, nos filmes?

Volte ao início deste texto. Repare no dado de que, atualmente, existem mais ou menos 280 povos espalhados pelo Brasil, que falam mais de 180 línguas. O que mudou, então, do tempo dos primeiros portugueses para hoje? O número de povos indígenas cresceu? Ou mudou a maneira de

entendermos as suas diferenças culturais? Mudou também a maneira pela qual a população e o governo brasileiros respeitam os índios e seus direitos? Repare que, ao longo de sua história de sobrevivência, luta e contato com os não-índios, as populações indígenas também mudaram. Volte, por exemplo à foto de Ailton Krenak, no início do capítulo, e escreva algumas reflexões no seu caderno sobre as mudanças entre os índios de hoje e de 500 anos atrás.



Conferindo seu conhecimento

1

Resposta (a).

2

Resposta (c).

4

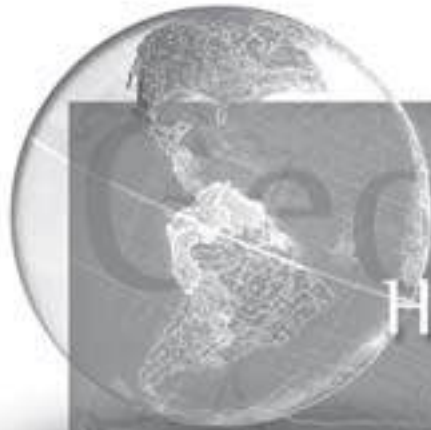
Resposta (d).

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar em diferentes documentos históricos e geográficos vários movimentos sociais brasileiros e seu papel na transformação da realidade.
 - Investigar criticamente o significado da construção e divulgação dos marcos históricos relacionados à história da formação da sociedade brasileira.
 - Interpretar o processo de ocupação e formação da sociedade brasileira, a partir da análise de fatos e processos históricos.
 - Analisar relações entre as sociedades e a natureza na construção do espaço histórico e geográfico.
 - Avaliar propostas para superação dos desafios sociais, políticos e econômicos enfrentados pela sociedade brasileira na construção de sua identidade nacional.
-





Geografia

História e Geografia

Ensino Fundamental

Capítulo VI

A CIDADE E O CAMPO NO BRASIL
CONTEMPORÂNEO

INTERPRETAR A FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO
ESPAÇO GEOGRÁFICO BRASILEIRO, CONSIDERANDO
DIFERENTES ESCALAS.

Roberto Giansanti

Capítulo VI

A cidade e o campo no Brasil contemporâneo

APRESENTAÇÃO

Para tomar decisões sobre investimentos, um governo precisa de informações sobre o país. Para isso, temos o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – um órgão encarregado de fazer pesquisas sobre características do Brasil, oferecendo um “retrato” de nosso país. Um exemplo é o Censo Demográfico, que pesquisa, a cada dez anos, dados sobre população, renda, trabalho e outros.

Nos últimos anos, no entanto, tem surgido um problema, tanto para o IBGE como para pesquisadores: como identificar quantos são os

brasileiros que vivem na cidade e quantos os que vivem no campo. Cada vez mais essas populações parecem se confundir. Por exemplo: muitos “bóias-frias” moram em cidades e trabalham no campo, no plantio ou na colheita. Por sua vez, há muitos trabalhadores exercendo ofícios durante meses, em São Paulo ou no Rio de Janeiro, retornando depois para seus sítios no Nordeste ou Minas Gerais.

Leia o que diz a reportagem de jornal sobre o problema:

Muito do movimento medido pelo IBGE é, na verdade, de produtores rurais que vão morar na sede do município, onde usufruem mais conforto e continuam trabalhando na sua terra. É o caso de metade dos agricultores paulistas e goianos.

Convictos de que essa gente virou urbana, os governos federal e estaduais repassam verbas, que entram no caixa das prefeituras e são empregadas em pavimentação ou iluminação pública, quando o que as pessoas podem estar precisando é de crédito e assistência agrícola.

Assim como há gente morando na cidade e trabalhando no campo, há gente morando no campo e trabalhando na cidade. Em Guararema (Estado de São Paulo), algo como dois terços dos moradores trabalham na capital paulista.

(...) Em Valente, no Estado da Bahia, inicialmente os produtores apenas cultivavam sisal. Construíram uma batedeira, que torna a fibra mais mole e permite vendê-la mais caro. Depois, montaram uma fábrica de tapete e carpete de sisal. A associação dos pequenos agricultores abriu uma escola rural, um supermercado e uma fábrica de sapatos de couro de bode e parte da receita foi investida em eletrificação rural por energia solar. Formou-se uma rede de atividades não-agrícolas, num cenário que é, para todos os efeitos práticos, rural.

SANT'ANNA, Lourival. Conceitos de rural e urbano imploram por revisão. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 dez. 2001.

bóia-fria

trabalhador assalariado do campo que recebe remuneração por tarefas realizadas em determinados períodos do calendário agrícola, como plantio ou colheita. Tem esse nome porque muitas vezes, durante a jornada em meio à plantação, come sua refeição sem ter como aquecê-la. Também é chamado de “volante”.

sisal

planta originária do México, com folhas estreitas e compridas. Produz fibra resistente, usada para fazer barbantes, cordas, tapetes e outros. Adapta-se bem a regiões semi-áridas, com solos rasos e poucas chuvas. No Brasil, que é o maior produtor mundial, é cultivado e processado em regiões como Valente (Bahia) e Picuí (Paraíba). Parte da produção é exportada para Europa e Estados Unidos, mas as regiões produtoras sofrem com a concorrência das fibras sintéticas e a falta de financiamento aos pequenos produtores. Há denúncias de trabalho infantil nas áreas sisaleiras.

- Do que trata a reportagem?
- Como distinguir a vida nas cidades e a vida no campo?
- Você conhece casos em que esses modos de vida se misturam?
- Escreva no seu caderno suas conclusões.

Como mostra a reportagem, saber quantas pessoas moram na cidade e quantas moram no campo, como vivem e quais problemas enfrentam, são dados importantes. Servem para auxiliar a tomada de decisões sobre o planejamento dos investimentos, como a distribuição de verbas para construção de escolas, saneamento básico, postos de saúde e outros.

Assim, como o IBGE e os pesquisadores devem enfrentar o problema? Como diferenciar a população do campo e a da cidade? Quais são os efeitos da urbanização ocorrida no Brasil? Quais são as perspectivas para quem vive e trabalha no campo atualmente? É o que veremos a seguir.

MUDANÇAS NA DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO URBANA E RURAL NO BRASIL

Observe a tabela abaixo:

POPULAÇÃO BRASIL (EM %)		
	Situação	
Anos	Urbana	Rural
2000	81,2%	18,8%
1991	75,5%	24,5%
1980	67,7%	32,3%
1970	56,0%	44,0%
1960	45,1%	54,9%
1950	36,2%	63,8%

Tabela 1
IBGE. Dados históricos dos Censos 1940-1996; Sinopse preliminar do Censo 2000.

O que a tabela nos informa? O que podemos afirmar a partir dela?

Leia novamente o título da tabela. Podemos dizer que a tabela procura caracterizar a população brasileira, distinguindo a população urbana da

rural? Pela leitura que você fez, você acha que, ao longo dos anos, há mais ou menos pessoas vivendo em cidades?

Uma tabela é uma forma de organizar dados e apresentá-los em **linhas** e **colunas**. Observe com atenção novamente o **título**. Ele se refere ao assunto. Observe as **colunas**. Nelas, há informações que nos ajudam a situar as informações no tempo (anos) e no espaço (no caso, o Brasil). Note que são apresentados os dados da população de 1950 a 2000. Repare se houve ou não crescimento da população brasileira nesse período. Examine, a seguir, os dados das outras duas colunas. Eles mostram a distribuição da população em porcentagens, segundo o domicílio urbano ou rural. Compare os dados apresentados nas linhas, de acordo com os anos e, nas colunas, de acordo com os locais de residência. Por fim, note que está assinalada a **fonte**, que é de onde se originaram os dados.

O que os dados da tabela nos mostram? O que podemos concluir?

Ela traz dados que são um primeiro passo para diferenciar quantos vivem no campo ou na cidade. Podemos afirmar que o Brasil passou por uma urbanização **intensa** nas últimas décadas. Observe que a população urbana cresceu sem parar, a partir de 1950. Em 2000, mais de 80% da população brasileira vivia em cidades. É como se, de cada dez pessoas, oito vivessem em núcleos urbanos. Além de intensa, a urbanização brasileira vem-se dando de forma **acelerada**. Em apenas 20 anos, já na década de 1970, a população urbana atingia mais da metade da população total. O Brasil passou de país rural e agrícola a urbano-industrial nesse período.

CAMPO E CIDADE, RURAL E URBANO

Quando faz o Censo Demográfico, o IBGE considera “urbanas” todas as sedes de municípios do Brasil, independente do seu tamanho. Alguns pesquisadores questionam esse critério e os números do IBGE. Assinalam que a maior parte dos 5.507 municípios do país tinha menos de 20 mil habitantes no ano 2000. Pequenos e de base agropecuária, tais municípios deveriam ser considerados rurais. Só com isso a população urbana do país cairia para cerca de 70%. Além do total de habitantes, esse argumento também leva em conta a idéia de **densidade demográfica**, ou seja, quantos habitantes por km² existem em cada município. Nessa visão, municípios com população mais “espalhada”, como alguns da Amazônia, seriam *essencialmente rurais*; de outro lado, o frenético movimento e concentração de pessoas em Copacabana, bairro do Rio de Janeiro, não deixaria dúvidas quanto ao seu caráter urbano. Mas, para considerar um município como “rural” ou “urbano”, antes é preciso responder a perguntas importantes. O que é, afinal, uma cidade? E o urbano? O que significam, por outro lado, **campo** e **rural**? De início, podemos afirmar que campo e cidade são *espaços* com características próprias, enquanto urbano e rural referem-se a **modos de vida**. Lembre-se também de que, em um município, a população se distribui entre o campo e a cidade.

A partir do momento em que os seres humanos passaram a fixar-se mais e produzir excedentes agrícolas, praticamente *todas as sociedades humanas* criaram *idades*. Há várias explicações para isso: trocas comerciais, conquistas militares, grupos exercendo a política e outras. No Brasil, a colonização contou muito, pois os primeiros núcleos no litoral foram fundados para proteger o território colonial e enviar produtos à Europa. Mas, ao criarem cidades, os seres humanos permitiram *maior proximidade* entre si, pela aglomeração de pessoas. Com as cidades, *eliminaram-se distâncias* e promoveram-se *contatos e interações mais intensos e freqüentes*. Pense com quantas pessoas você entra em contato todos os dias na cidade, mesmo que não as conheça. Ainda assim, não ficam excluídas

situações de isolamento, “quebras” das relações pessoais ou de vizinhança.

Desta forma, a cidade é um espaço onde se concentram pessoas e edificações, marcado por grande *diversidade social* e *diferentes atividades econômicas*. Essa concentração, muitas vezes, é sinal de *vitalidade* da cidade. Não é à toa que a cidade tornou-se *o meio geográfico mais rico, complexo e dinâmico criado pelo ser humano – lugar por excelência do modo de vida urbano*. Ela é o berço da política, das leis e da escrita, assim como de inúmeras manifestações artísticas. Por outro lado, é inegável que as cidades, como as grandes cidades brasileiras, têm muitos problemas hoje.

Outros pesquisadores afirmam que o **modo de vida** gerado nas cidades chega a outros lugares hoje, pela força dos *meios de comunicação e informação* – rádio, TV, *internet* etc. – e dos *transportes*. Habitantes de pequenos municípios estariam sendo influenciados a falar, comprar ou vestir-se como quem mora em grandes cidades. Nesse modo de ver, esses municípios seriam urbanos, mesmo sendo pequenos. Esse processo também é uma face da **urbanização**. Portanto, a urbanização seria algo mais que o crescimento do tamanho ou do número de cidades (**urbanização do território**) ou da população (**urbanização da população**). Seria também a *expansão do modo de vida urbano*.

O **campo**, por sua vez, caracterizou-se *tradicionalmente* por ser um **espaço** com predomínio de atividades agropecuárias, dispersão da população e certa dependência da natureza. Sua função principal era o abastecimento de alimentos e matérias-primas. Nele predominava o **modo de vida rural**, marcado por menor diversidade e freqüência nas interações sociais e relativa homogeneidade social, mas com vida do tipo comunitária, em que as pessoas e famílias se conheciam bem (incluindo aí laços de parentesco). Mas, como veremos adiante, tudo isso está mudando bastante no Brasil, pois *o campo está cada vez mais urbanizado*.

Mesmo com polêmicas sobre a urbanização no Brasil, parece não haver dúvida de que ela é

bastante elevada, comparável à de países desenvolvidos.

Mas o que isso significa? Quer dizer que, daqui a algum tempo, todos os brasileiros estarão vivendo em cidades? Quem então vai produzir alimentos no campo? As cidades irão “explodir” com tanta gente? Aqui se coloca uma outra importante questão, que pode estar indicando um *situação nova*.

Perguntados se pretendiam arrumar emprego na cidade e deixar a vida no campo, dois jovens de um assentamento conquistado pelo *Movimento dos Sem-Terra* declararam que pretendiam permanecer ali. Entre outras razões, porque teriam como garantir alimentação, fugir do desemprego na cidade e, como filhos de agricultores, recuperar as *raízes rurais* da família. Admitem, no entanto, trabalhar na cidade para ajudar no orçamento familiar.

Outras pessoas estão indo pelo mesmo caminho. Em recente pesquisa, descobriu-se que está

havendo um *crescimento – ainda que pequeno – da população acima de 10 anos de idade no campo*, em quase todo o Brasil. Além disso, vem crescendo, no campo, o número de trabalhadores ocupados em *atividades não-agropecuárias*. Ao mesmo tempo, diminui o número de trabalhadores ocupados em atividades típicas do campo, como lavoura e criação de animais.

Coloca-se, aqui, uma importante questão. Um desafio para aqueles que procuram compreender o que acontece hoje no Brasil: **como explicar que ocorram, ao mesmo tempo, uma forte urbanização e o aumento de pessoas e atividades no campo?** Mas o Brasil não é o país da urbanização intensa? Então, há gente voltando para o campo? Por que vem diminuindo a população ocupada em atividades agropecuárias? Pense um pouco sobre essas questões. Leve em conta, inclusive, sua *própria história de vida*. Talvez, ali, já apareçam algumas respostas.



Desenvolvendo competências

1

Examine as afirmações abaixo. Qual delas contribui melhor para explicar a combinação entre urbanização elevada e aumento da população rural?

- *A população rural vem aumentando porque se mantém ali a tradição de formar famílias com grande número de filhos.*
- *Muitos migrantes estão retornando às origens rurais porque os salários pagos na cidade são muito mais baixos que os do campo.*
- *Enquanto as máquinas modernas dispensam trabalhadores, atividades não-agropecuárias, como o turismo, vêm se expandindo para áreas rurais.*

Qual delas você escolheu? Sabemos que as faixas salariais na cidade são, em geral, mais altas. Também vem caindo o número de filhos por família no país. Então, parece que algumas respostas estão nas mudanças econômicas e sociais, tanto no campo quanto na cidade.

O CRESCIMENTO DAS CIDADES

Vamos recorrer aqui a aspectos importantíssimos do desenvolvimento econômico-social do Brasil, nas últimas décadas, para buscar explicações.

Após os anos 50, ocorreu, no Brasil, um processo que ficou conhecido como **modernização**, uma nova etapa do desenvolvimento capitalista no país. Mas o que significa tudo isso? Para você, o que é “moderno”? Essa palavra é entendida muitas vezes como sinônimo de “avançado” ou “recente”. Mas estamos usando, aqui, a palavra modernização para designar as grandes modificações sociais e econômicas ocorridas no Brasil naquele período: na produção industrial e agrícola, nos transportes, no crescimento de cidades etc. E tudo isso está ligado ao desenvolvimento do capitalismo no país. Por quê? Porque, com essas mudanças, muitas empresas puderam se expandir e ampliar seus lucros. O Estado brasileiro estimulou investimentos na indústria e atraiu empresas multinacionais, que se localizaram sobretudo no eixo Rio–São Paulo. Criaram-se empresas estatais, como as de siderurgia, petroquímica e extração mineral e construíram-se *infra-estruturas de transportes, comunicações e energia* – tendo as *rodovias* como “carro-chefe”. O território nacional foi sendo *integrado*, embora com muitas *diferenças sociais e regionais*. Organiza-se o *mercado consumidor interno*, com gente comprando mercadorias em mais lugares do país.

As cidades passaram a concentrar cada vez mais indústrias, comércio e serviços, atraindo trabalhadores de todo o país. Nos anos 70, a maior leva de migrantes dirigiu-se do Nordeste para as grandes cidades do Sudeste (sobretudo São Paulo e Rio de Janeiro), buscando emprego e melhores salários. No Planalto Central, ergue-se Brasília como sede do poder político e “ponte” para ocupar o Brasil central. A partir da ampliação dos transportes e das comunicações, mais *mercadorias, pessoas e informações* passam a circular no país, tendo por base as cidades e

sob o comando das metrópoles do Sudeste. Nos anos 80, os deslocamentos de pessoas tomam várias direções, como do sul para a Amazônia, expandindo *fronteiras agrícolas e gerando novas cidades*.

SINOP

Sinop é um município localizado no norte de Mato Grosso, a 505 km de Cuiabá, capital do Estado. Com a vinda de agricultores do Estado do Paraná para a região, em 1970, criou-se o município que hoje é um bom exemplo de rápido crescimento dos núcleos urbanos no Brasil. Na época, uma empresa com sede em Maringá (PR) comprou uma imensa área em Mato Grosso. Ali viria a ser fundada, em 1974, uma pequena vila, que recebeu o nome da sigla da empresa, SINOP – Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná. Em 1976, o pequeno povoado passa a pertencer ao município de Chapada dos Guimarães. Três anos depois, já era independente, com prefeitura e vereadores. O município cresceu aceleradamente. Segundo o IBGE, em 2000 – portanto, em menos de 30 anos – atinge cerca de 75 mil habitantes, a maior parte vivendo na cidade. Hoje, um dos grandes desafios em Sinop é evitar a redução de florestas e da fauna da região, retiradas para agricultura, criação de animais e exploração de madeira.

Disponível em: <http://www.sinop.mt.gov.br>

desenvolvimento capitalista

refere-se ao desenvolvimento social e econômico do capitalismo, forma de organização social marcada pela propriedade privada, divisão em classes sociais e apropriação de riquezas pelos setores dominantes. De forma geral, esse desenvolvimento supõe a ênfase em aspectos como o crescimento da produção de bens e riquezas, ampliação de mercados consumidores e, em alguma medida, a melhoria de índices sociais. Neste último caso, não é o que vem ocorrendo em países que vivem sob este sistema, como o Brasil e boa parte da América do Sul, África e Ásia, onde há profundas desigualdades sociais.

estado

há diferentes explicações sobre o que é Estado. É importante não confundir o Estado de que estamos falando com as unidades político-administrativas do Brasil (Estado do Ceará, Estado do Paraná etc) ou com o governo. O governo é representado por pessoas, em nosso caso eleitas, que vão ocupar o poder no Estado por algum tempo. E isso ocorre nos níveis federal, estadual ou municipal. O Estado refere-se assim ao poder político organizado nacionalmente, com os poderes executivo, legislativo e judiciário e seus órgãos administrativos. Ali se formulam políticas (sociais, econômicas) que irão afetar o conjunto da sociedade.

Os *pequenos municípios* (até 20 mil habitantes) multiplicaram-se entre 1950 e 1980. Municípios de *porte médio* (entre 100 mil e 500 mil habitantes) eram apenas 12 em 1940; em 1996, eram 175. Existiam apenas duas aglomerações com *mais de 1 milhão de habitantes* em 1960 (São Paulo e Rio de Janeiro); hoje são pelo menos 15. Há municípios médios fora das áreas metropolitanas que tiveram crescimento, enquanto os *pequenos vêm perdendo população*. Nas metrópoles, crescem especialmente os núcleos em torno do município central. Mas a urbanização brasileira não se deu sem conflitos e problemas. Com o crescimento rápido e concentrado, logo apareceram os dramas da *falta de habitação, saneamento básico e hospitais*, afetando *principalmente os mais pobres*.

A SITUAÇÃO DO CAMPO

O campo e as atividades agropecuárias foram *modernizados*. O que isso quer dizer? Privilegiando-se apenas um lado da modernização, a sua *face econômica* aumentou o uso de máquinas agrícolas, fertilizantes, agrotóxicos, irrigação e outros, *elevando a produtividade*. As tecnologias estão cada vez mais sofisticadas. Um exemplo atual é o da agricultura de precisão. Mas tudo isso beneficiou sobretudo as culturas de exportação (soja, laranja, cana, café, aves), produtores e empresas com capacidade de investir. Com a mecanização, muitos assalariados perderam empregos. A *concentração de terras* nas mãos de poucos proprietários, que já era grande, aumentou ainda mais. Pequenos agricultores e suas famílias foram expulsos das terras e dirigiram-se às cidades. Na

luta pela terra, acirraram-se os *conflitos no campo*, causando a morte de trabalhadores, sindicalistas ou indígenas. Nos anos 80, surgem novos movimentos sociais no campo que lutam por distribuição de terras mais justa. As técnicas modernas vêm causando *problemas ambientais*, como desmatamento, esgotamento de solos e contaminação de rios. Por fim, hoje, o campo tem oferecido novas oportunidades de emprego em *atividades não-agropecuárias*, especialmente em *turismo e lazer para a população urbana*, (ecoturismo, hotéis-fazenda, chácaras de lazer), *serviços públicos* ou *domésticos*, em *agroindústrias* e outras.

irrigação

técnica agropecuária que consiste em distribuir água artificialmente para regar culturas agrícolas e abastecer a criação de animais por meio de canais, tubos para gotejamento e outras técnicas.

produtividade

relação que indica geralmente quantas unidades de produção (de bens agrícolas, industriais etc) são obtidas a mais a partir da introdução de inovações nas técnicas produtivas.

agricultura de precisão

prática agrícola que adota sistema de coleta e tratamento de informações obtidas por satélites. Elas são passadas para um computador instalado na máquina agrícola, ajudando a definir a aplicação de fertilizantes ou a dosagem de grãos no plantio de cada pedaço de terra da propriedade rural.

multinacionais

empresas que atuam fora de seus países de origem, fazendo investimentos e instalando unidades produtivas. Um aspecto essencial é o comando de suas atividades pela sede central, para onde vão os lucros obtidos. Hoje, com a chamada globalização, as empresas adquirem um caráter transnacional, ou seja, produzem e vendem em todas as partes do mundo. Alguns produtos, como automóveis, motocicletas e computadores, são montados com peças fabricadas em várias partes do mundo. Em algumas dessas empresas, já é muito difícil identificar hoje seus vínculos com o país de origem.

metrópoles

grandes aglomerações urbanas formadas por um município principal e seus vizinhos, em situação de forte integração econômica, social e cultural. Concentram recursos financeiros, humanos, econômicos e técnicos, mas também grande número de pobres, no caso do Brasil. Entre elas estão São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife.



Desenvolvendo competências

2

Revise as novas informações vistas até aqui. Selecione as mais importantes para responder no seu caderno às seguintes questões:

- a partir do que os pesquisadores e o IBGE podem se guiar para identificar os brasileiros que vivem na cidade e no campo?
- o que aconteceu com as cidades e o campo e seus modos de vida?
- como a vida na cidade tem influenciado a vida no campo?
- o que significa a urbanização?
- podemos dizer que tem aumentado ou diminuído a população rural?

Podemos, então, a partir do que foi visto, relacionar as informações ao problema colocado para o IBGE e pesquisadores e oferecer algumas respostas.

Acompanhe as conclusões a seguir:

1. Grande parte de nossa população passou a viver em cidades. As cidades grandes e médias continuam a receber pessoas (em ritmo mais lento), enquanto muitas cidades pequenas perdem gente. Embora muitas cidades (especialmente as grandes) tenham problemas, é pouco provável que venham a “explodir”, pois a população está se distribuindo entre vários tipos e tamanhos de núcleos urbanos. Isso deve ser considerado na hora de aplicar o dinheiro público.

2. Mesmo pequeno, está havendo crescimento da população rural. Esse crescimento é explicado, em parte, pelo aumento da luta pela terra e pela expansão de atividades típicas da cidade para o campo. Tudo isso contribui para que mais pessoas permaneçam vivendo no meio rural. Alguns pesquisadores afirmam que *a urbanização é uma das grandes responsáveis pelo aumento do número de pessoas no campo.*

3. Para identificar quantos brasileiros vivem na cidade ou no campo, é preciso considerar que, hoje, muitos *vivem na cidade e trabalham no campo.* O inverso também acontece: membros de famílias de agricultores *trabalham parte do ano fora da propriedade*, seja na agropecuária ou não. Portanto, há parcelas da população que *transitam* entre o campo e a cidade. Esses fatos também

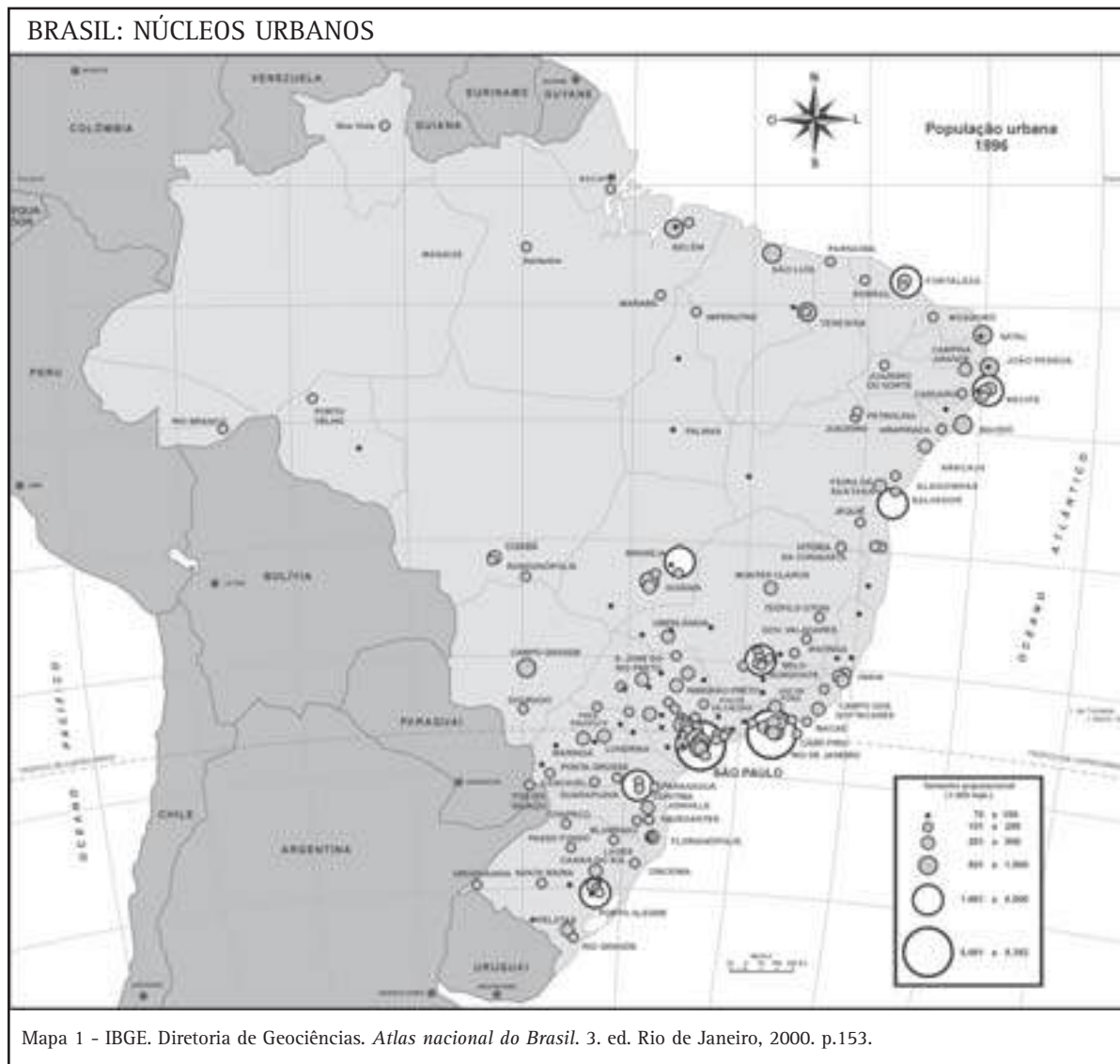
devem ser levados em conta na hora de planejar políticas públicas específicas.

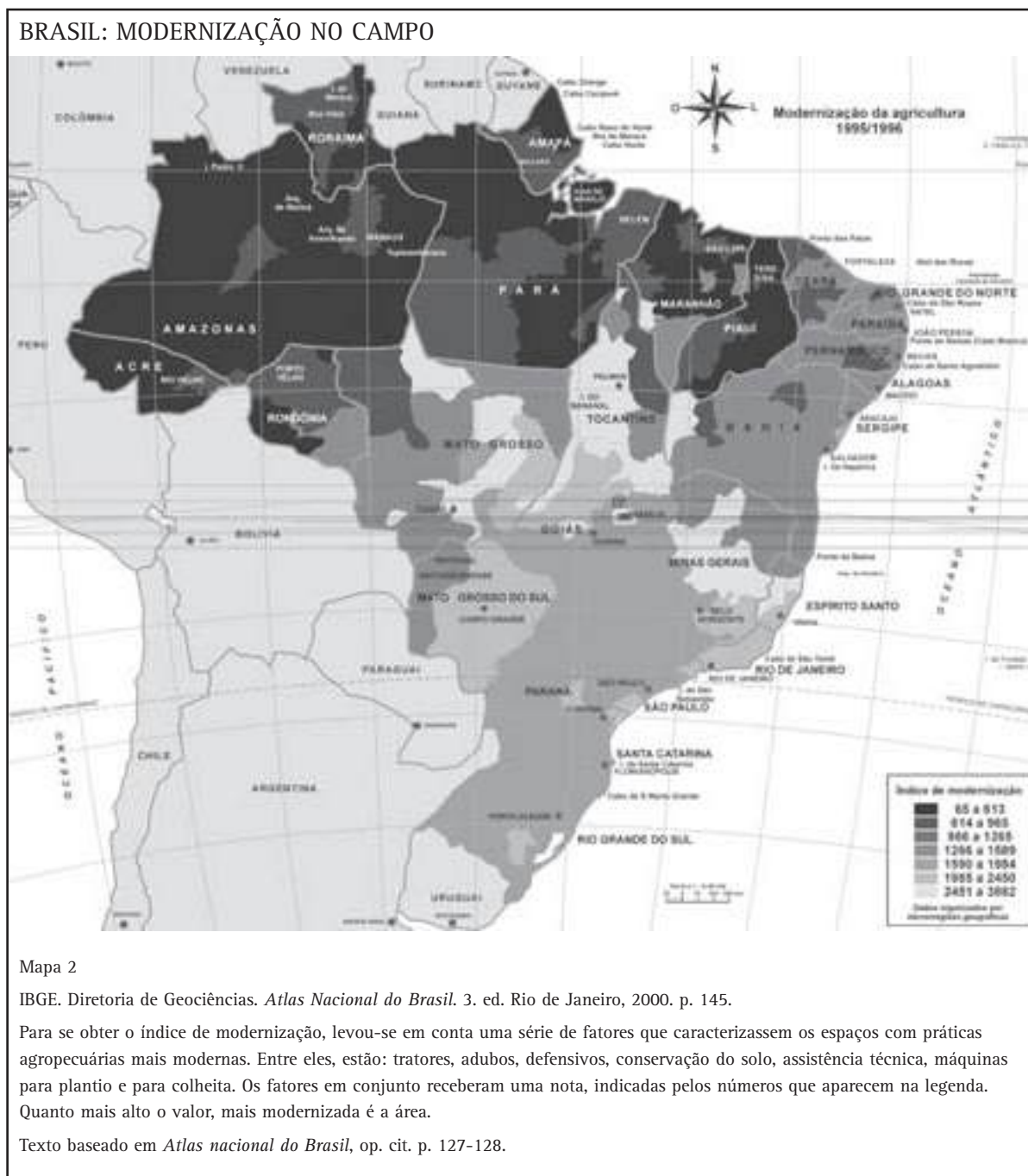
4. O uso de máquinas na agricultura moderna *contribui* para diminuir o pessoal ocupado na agropecuária, já que dispensa mão-de-obra. Mas há também outros fatores muito importantes: *crises econômicas e desemprego* no país, momentos de queda *nos preços dos produtos agrícolas* ou dificuldades dos pequenos agricultores para conseguir *créditos e assistência técnica.* É bom lembrar que, no campo, estão mais agudos os conflitos relativos à luta pela terra, o que exige políticas governamentais mais eficientes de distribuição das terras.

CIDADE E CAMPO NO BRASIL MODERNO: A DISTRIBUIÇÃO REGIONAL

Vimos, até aqui, mudanças na distribuição das populações urbana e rural no Brasil. Examinamos também mudanças espaciais, como o crescimento de cidades e a modernização do campo. Elas alteraram profundamente a face do Brasil. Mas a pergunta é: *quem vem se beneficiando de tudo isso?*

Sobre essa questão, observe os mapas a seguir:





O que os mapas nos informam? O que podemos extrair deles? Releia novamente o título de cada mapa. Observe tudo o que aparece em cada um deles. O que são os círculos no Mapa 1? A que se referem as tonalidades que vão do azul claro ao azul escuro no Mapa 2? Leia com atenção o texto do Mapa 2. Como se distribuem os fatos nele

apresentados? Você notou semelhanças e diferenças entre os dois mapas?

Lembre-se de que um mapa é uma *representação plana, simplificada e visual* do todo ou de parte da superfície da Terra. Usando símbolos ou cores, os mapas comunicam informações. Mas, atenção! O mapa nunca será uma representação tão fiel da

realidade quanto pode ser, por exemplo, uma fotografia. Por isso, ele é uma *representação simplificada*. Em geral, *selecionam-se* informações para serem representadas no mapa.

Agora, observe novamente os mapas 1 e 2. Repare que o *título* identifica o *assunto* e o *lugar*. Portanto, o que eles mostram? O Mapa 1 mostra a distribuição da população urbana. No Mapa 2, temos a modernização do campo. Os mapas sempre vêm acompanhados da *legenda*, um quadro colocado ao “pé” do mapa que mostra quais fatos estão representados. Como é a legenda do Mapa 1? Ela traz círculos de diferentes tamanhos. E o que eles mostram? Eles representam o *tamanho da população* – e não a área das cidades. Quanto maior o círculo, maior é a população da cidade (ou grupo de cidades). Muitos círculos juntos significam *grande concentração urbana*. Como é a legenda do Mapa 2? Ela traz quadrinhos com diferentes tons de azul. Mas o que significa cada uma das cores? Elas se referem a diferentes situações de modernização agropecuária. Observe que há “manchas” de cores diferentes, que mostram justamente a distribuição das áreas segundo seu grau de modernização agropecuária.

Como se distribuem as cidades e o campo modernizado no território nacional? Compare a distribuição desses fatos segundo as regiões brasileiras. Verifique, também, se há *concentração* ou *dispersão* (se estão mais espalhadas).

Os mapas trazem, ainda, *coordenadas geográficas* (paralelos e meridianos), linhas que se cruzam e indicam a posição dos lugares na Terra. Por fim, aparece a *escala*, para mostrar a *proporção entre a realidade e sua representação* no papel ou na tela do computador. Essa representação pode ser *numérica* (por exemplo 1: 150) ou *gráfica*. Nos Mapas 1 e 2, aparece esta última. Uma linha horizontal está dividida em “pedaços” de 1 centímetro. Assim, cada centímetro no mapa equivale a 75 quilômetros na realidade.

Para tirar conclusões sobre a distribuição de cidades e do campo modernizado, lembre-se da *posição* das regiões brasileiras. Oriente-se pela seta que indica a direção Norte. Do mesmo modo, a região Norte ocupa uma longa faixa na parte superior do mapa, enquanto a região Sul está na posição oposta.

Assim, estudando o mapa, procure responder:

- Como se distribuem as aglomerações urbanas no Brasil?
- Onde a modernização do campo é mais elevada?
- Há semelhanças na distribuição de cidades e do campo modernizado?
- Escreva no caderno suas conclusões.

Repare que, em ambos, há *concentração*. No Mapa 1, as maiores cidades estão concentradas no Sudeste e Sul do país, estendendo-se, também, em pontos ao longo da faixa litorânea. As maiores concentrações urbanas estão em São Paulo e Rio de Janeiro, seguidas das capitais dos Estados do Sul e do Nordeste. Do mesmo modo, no Mapa 2, o campo modernizado distribui-se pelos Estados das mesmas regiões, com algumas manchas no Centro-Oeste e litoral do Nordeste. Observe, também, que a área mais modernizada é relativamente menor que as demais. Do mesmo modo, grande parte do Brasil central e da Amazônia tem apenas alguns pontos com concentrações urbanas.

A que conclusão geral podemos chegar? Podemos afirmar que há uma *distribuição regional desigual*, tanto da concentração urbana quanto das áreas mais modernizadas do campo no Brasil. Aqui coloca-se, então, uma *questão-chave* para a interpretação desses dois fatos. *Por quais razões essa distribuição é tão desigual?* Em que medida essa desigualdade afeta a vida das pessoas? Quais medidas os governos, pesquisadores e a sociedade em geral podem propor a partir desta realidade?

Para responder, precisamos recorrer a novas informações.

Acompanhe:

As desigualdades regionais são um problema antigo no Brasil. E a modernização brasileira não contribuiu para superá-lo. A concentração regional de cidades e do campo modernizado é reflexo da *concentração regional das riquezas*. O Sudeste, e particularmente o *eixo Rio-São Paulo*, é o meio geográfico mais apto a receber inovações e novas atividades econômicas, aumentando sua posição de *comando* no país. Contribuíram para esse quadro as riquezas geradas pela *economia cafeeira*, desde a segunda metade do século XIX, e a nascente

industrialização nos primeiros anos do século XX. Auxiliaram na formação da rede de cidades do país períodos como a mineração nos séculos XVII e XVIII (do qual as cidades históricas de Minas Gerais são um testemunho) e a efetiva *ocupação do interior* do país após 1950. São Paulo e Rio não só são grandes cidades como também concentram *poder político, indústrias, serviços e agricultura* modernos, *informações*, sedes de *empresas e bancos* (estatais e privados), redes de TV, centros de *pesquisa*, alta densidade em transportes e comunicações etc. As demais regiões e cidades (como as metrópoles regionais Salvador, Porto Alegre ou Belém) têm um papel destacado, mas ele é complementar e de importância regional.

A FÁBRICA, O CAMPO E A CIDADE

Uma empresa estrangeira instalou-se no Brasil há muitos anos. Ela faz produtos que poucos dispensam: derivados de leite, chocolate e café, biscoitos, sorvetes e outros. Para que os produtos cheguem até nós, a empresa comanda atividades em uma grande rede de 100 municípios brasileiros. Todos participam de pelo menos um dos momentos da produção ou distribuição dos seus produtos.

Sua sede fica em São Paulo. Ali, tomam-se decisões que irão afetar muitos pontos do país, tanto no campo como nas cidades. Tudo começa com a produção do leite. Ele é produzido em fazendas no Vale do Paraíba e regiões de Campinas e Ribeirão Preto (Estado de São Paulo), no Triângulo Mineiro (em Minas Gerais), em Mato Grosso do Sul e Goiás. Das fazendas, o leite vai para pequenas e médias cidades onde é pasteurizado. Entre elas estão várias cidades de São Paulo, como Votuporanga, Tanabi, Morro Agudo e Birigui. A produção final das mercadorias, quando alimentos são combinados ao leite, acontece em fábricas como as de Três Corações (MG), Barra Mansa (RJ) ou Araraquara (SP).

O caminho se completa com pontos de distribuição nas metrópoles regionais de todo o país, como Manaus (AM), Belém (PA), Fortaleza (CE), Salvador (BA), Brasília (DF), Belo Horizonte (MG), Curitiba (PR), Porto Alegre (RS) e outras. Muitos produtos chegam até essas cidades de avião; outros, por rodovias. A partir delas, são distribuídos para cidades menores – normalmente, também se utilizando de rodovias.

Faltou alguma coisa? Claro! Os ganhos com toda essa operação retornam – através de agências bancárias das cidades médias e grandes – para o ponto onde tudo começou: a sede da empresa em São Paulo. O exemplo mostra como a empresa organiza e integra o seu próprio “território”. Como ela é estrangeira, mostra também como os interesses internacionais podem influenciar a vida das pessoas nos lugares e nas regiões, seja no trabalho ou no consumo.

Baseado em: CORRÊA, Roberto Lobato. Os centros de gestão do território: uma nota. *Território*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 23-30, 1996.

DESIGUALDADES

As desigualdades regionais vêm acompanhadas de *desigualdades sociais*. Embora o Brasil esteja entre as dez maiores economias do mundo, convivemos aqui com uma gigantesca *concentração de renda*: os 10% mais ricos ficam com 42,5% da renda, enquanto que os 40% mais pobres atingem apenas 12%. Os mais pobres do país formam uma massa de cerca de 54 milhões de pessoas. As cidades e o campo refletem essas desigualdades. Mais de 5,5 milhões de famílias do país viviam em *habitações precárias* em 1999. Neste mesmo ano, só em São Paulo, 2,5 milhões de pessoas viviam em *favelas*. No campo, *1% dos proprietários controla 45% das terras*; de outro lado, em 2000, pequenos agricultores recebiam menos de 10% do total dos

financiamentos agrícolas, destinados, em grande parte, a culturas exportáveis e mais lucrativas. Considere-se que propriedades com até 100 hectares (o que inclui as pequenas) respondem por 80% dos empregos agropecuários e pela maior parte dos gêneros alimentícios produzidos, como 79% do feijão ou 75% da banana. Comunidades rurais, em especial no Norte-Nordeste, estão em relativo isolamento e não dispõem sequer de escolas, eletricidade ou abastecimento de água, nem estradas para escoar a produção. Por fim, só em 2001, registraram-se quase 1.200 casos de trabalho escravo no Pará, também um palco de inúmeros conflitos na luta pela terra.



Desenvolvendo competências

3

Revise o que foi visto até aqui. Selecione as informações mais relevantes e responda às seguintes questões:

- *a quais conclusões você chegou sobre as desigualdades regionais e sociais e suas relações com o campo e a cidade?*
- *quem de fato se beneficia com isso?*
- *o que pode ser feito para reduzir essas desigualdades? Quem deve participar desse esforço?*

hectare
unidade de medida de área utilizada no campo que equivale
a 10 mil metros quadrados.

Vimos que as desigualdades têm raízes históricas. O processo de modernização, embora tenha trazido avanços, contribuiu para aprofundar as desigualdades. Seguramente, saíram ganhando, com a modernização, muitas empresas de grande porte e grandes proprietários rurais. Os espaços da cidade e do campo têm correspondências com essas desigualdades.

Existem perspectivas para eliminar ou reduzir os problemas? A quem cabe essa responsabilidade? Não são respostas simples e “mágicas”. Mas muitas propostas estão sendo debatidas hoje, no Brasil. Acompanhe algumas delas:

1. Dar prioridade a *políticas públicas* (federal, estaduais e municipais) de *investimentos sociais* em educação, saneamento básico, meio-ambiente, saúde, empregos, apoio ao pequeno agricultor familiar, segurança alimentar e outras, visando a

reduzir os efeitos da pobreza. A *reforma agrária* tem papel importante nesse conjunto de medidas.

2. Garantir a *participação da sociedade* em geral nas decisões e fiscalizar a aplicação do dinheiro público.

3. Valorizar e apoiar o *potencial econômico de municípios e regiões*, integrando os diversos setores de atividade econômica no campo e na cidade.

4. Conhecer, valorizar e apoiar *experiências de geração de emprego e renda*, feitas com parcerias entre entidades, poder público e comunidades, podendo-se citar, como exemplos, as cooperativas de pequenos proprietários rurais em vários pontos do país, a retirada de crianças de lixões, que vem sendo feita em Teresina (PI) e a coleta e reciclagem de lixo, experimentada em Belo Horizonte (MG).

FELIZ EM PRIMEIRO LUGAR

O desconhecido município de Feliz, a 87 quilômetros de Porto Alegre, atingiu o mais alto índice de desenvolvimento humano (IDH) no Brasil. Essa foi a revelação surpreendente de relatório publicado em 1998. A surpresa aumentou muito quando analistas perceberam que mais sete municípios bem parecidos estavam entre os dez primeiros colocados: Indaial, Gaspar e Videira (em SC) e Parai, Nova Prata e Salvador do Sul (no RS). O mesmo tipo de município – desconhecido, rural e nesses dois Estados – ocupava metade das 50 melhores colocações. Seria possível acreditar que lugarejos tão acanhados, sem shopping centers, teatros, cinemas ou faculdades pudessem rivalizar com Curitiba, que pegou o 18º lugar, ou o Rio de Janeiro, que ficou em 45º?

A resposta é simples: quem tem saúde, educação e renda tem oportunidade e capacidade de ser bem-sucedido e conseguir todos os outros itens daquilo que se chama qualidade de vida – sem precisar migrar. Estudos mostram também que as melhores dinâmicas de desenvolvimento ocorrem em regiões como a de Feliz, com forte agricultura familiar combinada a processo de urbanização e industrialização próprio e mais descentralizado. Gera-se emprego em muitas atividades, empregando grande parte da mão-de-obra rural local. A produção agrícola e industrial é variada, criando grande volume de produtos exportáveis e para o mercado local (pessoas e empresas) e usando de forma razoável os recursos. Existe um vasto rol de atividades não-agrícolas e características urbanas no meio rural dessas regiões.

Adaptado de VEIGA, José Eli. Cidade com mais alto índice de desenvolvimento humano mostra a vantagem da agricultura familiar. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 set. 1998. Crescimento mais dinâmico ocorre em região com agricultura familiar, urbanização e industrialização. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 nov. 1998.

IDH

118

índice elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para medir condições de desenvolvimento nos países. Leva em conta a esperança de vida da população (quantos anos vivem, em média, os seus membros), a escolaridade (que combina alfabetização de adultos e taxas de matrícula em todos os níveis de ensino) e a renda ou PIB per capita (que é o total da renda ou da produção do país dividido pelo número de habitantes). O Brasil ficou em 68º lugar em 1998, com IDH de 0,809, índice considerado de médio desenvolvimento humano.

O USO E A APROPRIAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS NO CAMPO E NA CIDADE

Vimos a importância de valorizar investimentos sociais e experiências bem-sucedidas que melhorem as condições de vida, especialmente dos mais pobres. No entanto, ainda há muito por fazer. Vamos examinar, agora, alguns problemas

decorrentes do uso e apropriação do espaço nas cidades e no campo.

Sobre isso, observe com atenção as fotos a seguir:



Foto 1 - Córrego poluído na Zona Leste de São Paulo (SP).
Disponível em:
<http://www.socioambiental.org/.../edição55/img/mananciais3.jpg>



Foto 2 - Voçorocas em área de pastagem em Morro do Ferro (MG).
Disponível em: <http://www.dcs.ufla.br/morrodoferro> - Universidade Federal de Lavras-MG.

- O que mostram as fotos?
- Quais sensações elas provocam?
- Como podemos melhor observá-las e extrair informações?
- Registre suas conclusões no caderno.

É importante lembrar que uma fotografia registra *em um dado momento* objetos, cenas, pessoas,

paisagens, formando assim, um *conjunto*. Para melhor observá-la, é fundamental identificar os *elementos* que a compõem e suas características. Igualmente, os que estão em primeiro plano (à frente) e ao fundo.

Agora, observe as fotos com atenção. O que você vê em cada uma? Compare pessoas e objetos. Onde eles estão? Anote essas observações. Em seguida, crie um *título* para cada foto.

Pense nas seguintes questões:

- Esses problemas são comuns em cidades?
- E no campo?
- Por que você acha que eles ocorrem?
- Quais as conseqüências?

Note que as fotos mostram uma paisagem de cidade (Foto 1) e uma paisagem do campo (Foto 2). Em cada uma, aparecem sinais da presença humana e um certo tipo de *uso e apropriação* dos espaços. O que mais chama a atenção na Foto 1? Observe que as águas do rio estão comprometidas pela poluição (esgotos e dejetos), tendo habitações pobres ao lado. E a Foto 2? Ela mostra *desmoronamento* em encosta situada numa pastagem. Essas grandes valas são conhecidas como *voçorocas*. Com a presença de uma pessoa, podemos ter uma idéia de sua profundidade. Ao fundo, estão árvores, vegetação rasteira e culturas agrícolas.

Estas fotos mostram formas bastante problemáticas de *uso do espaço geográfico* pelos seres humanos. Mas por que isso ocorre? Ao utilizar recursos naturais, os seres humanos, inevitavelmente, comprometem os espaços? Existem usos mais adequados? Com o que você viu nas fotos, quais soluções você proporia para resolver esses problemas?

Refleta sobre as afirmações a seguir e escolha aquela que melhor explica por que esses problemas vêm ocorrendo:

- Os seres humanos comprometem os espaços movidos pela ganância, falta de consciência e possibilidade de lucro fácil e imediato.
- Os espaços degradam-se porque países como o Brasil não dispõem de recursos financeiros para evitar o seu comprometimento.
- Ao incorporar a natureza para construir novos espaços, os seres humanos, inevitavelmente, vão comprometer os recursos naturais disponíveis.

- Certas opções de uso do espaço inviabilizam outros usos e decorrem de medidas tomadas pelas elites dirigentes, afetando, em especial, os pobres.

Qual delas você escolheu? Qual lhe pareceu mais acertada? Procure justificar sua resposta.

Para respondermos, é preciso clarear um pouco mais as idéias. Em primeiro lugar, lembre-se de que há *diferenças entre os homens*. Nem todos os seres humanos agem da mesma forma ou pelos mesmos motivos. Vivemos em sociedades e *as sociedades atuais possuem grandes diferenças internas*, como é o caso da brasileira. Assim, existem os que detêm o poder político-econômico e maior possibilidade de tomar decisões. Mas isso também *não é imutável*. Vem aumentando muito no Brasil a participação da sociedade nas decisões políticas, seja votando, seja reivindicando, seja fiscalizando o poder público.

A disponibilidade de recursos depende muito das políticas que direcionam os investimentos. Por exemplo, estima-se que governos estaduais e municipais gastaram cerca de 20 bilhões de reais no final dos anos 90, para atrair empresas. Entre elas, as automobilísticas, que hoje geram poucos empregos. Mas esses recursos poderiam ter sido aplicados em habitação ou saneamento básico, que geram muitos empregos e melhoram as condições de vida da população pobre. Então, parece que o problema não é exatamente a falta de recursos.

Costuma-se dizer hoje que, ao construir seus espaços de vida, os seres humanos *destroem a natureza*. Evidentemente, o caminho possível para satisfazer necessidades humanas é o uso dos recursos naturais. E são poucos os lugares em que a natureza original foi mantida. Entretanto, *alguns usos são muito mais nocivos* que outros. E usos inadequados ocorrem por decisões das elites dirigentes, que sempre “apostaram” na baixa participação da sociedade.

SANEAMENTO E DESMATAMENTO

Vamos voltar às fotos para exemplificar. A Foto 1 é um exemplo de como rios, córregos e lagoas vêm sendo usados nas cidades. Os rios e seus afluentes recebem a maior parte dos esgotos domésticos e industriais, além de lixo composto por plásticos, madeira, metais, borracha etc, que demoram para se decompor. Como os rios de uma bacia hidrográfica estão ligados a outras bacias ou ao mar, outros rios e córregos sofrerão as conseqüências. E as populações também, especialmente aquelas que não têm opção a não ser viver ao lado desses canais de água. Um dos efeitos do problema é o *assoreamento*, ou seja, o preenchimento do leito dos rios com detritos. Quando vêm as chuvas fortes, o rio transborda mais facilmente e provoca enchentes em áreas densamente ocupadas, causando transtornos à população. Esse fato sempre ocupa os noticiários no período de verão, no Brasil.

Por que isso ocorre? O motivo principal é a falta de saneamento básico. Essa realidade toma conta da maioria dos municípios brasileiros. Segundo o IBGE, no ano 2000, apenas 52% deles tinham redes de esgoto. Na região Norte, apenas 7% das localidades tinham redes desse tipo. Dos 2.875 municípios que têm o sistema, apenas 575 tratam os esgotos antes de despejá-los nos rios ou no mar. A partir daí, vêm as doenças contagiosas, morte de peixes e outros males. Usar o rio como rede de esgotos *impede outros usos*, como abastecimento de água e alimentos, navegação, turismo e lazer, funções já cumpridas em passado recente.

Como resolver problema tão grave? O mais urgente é dotar os municípios de redes de esgoto, acompanhadas de estações de tratamento. Esse sistema deve acompanhar as futuras ações de planejamento da ocupação da cidade, decididas democraticamente pelo conjunto da sociedade. Por fim, cabe a todos (governos, empresas, comunidades) responsabilizar-se e propor soluções para a destinação do lixo e dejetos produzidos às toneladas, todos os dias, nas cidades.

A Foto 2 nos permite examinar outro problema. Ela mostra um desmoronamento em terreno

aberto para pastagem e com certa **declividade** (inclinação), resultando em perda de solos aproveitáveis. A grande vala que se formou é resultado da **erosão**. Mas o que é a erosão? Trata-se de um *processo natural*, caracterizado pelo *desgaste* de topos de morros, encostas, pela força das chuvas, dos rios, do vento e outros agentes. As partículas retiradas do solo ou das rochas vão se depositar em pontos mais baixos, como os leitos dos rios.

Ocorre que certas atividades humanas podem *acelerar* a erosão. A voçoroca pode ter sido causada pela *retirada da vegetação original*. As plantas cumprem o papel de proteger os solos. E como elas fazem isso? Por exemplo, quando há chuvas, as plantas impedem que as águas atinjam o solo diretamente e se formem as *enxurradas*. Estando os solos desprotegidos, a força das águas remove as partes superficiais (que têm nutrientes) e desfaz as estruturas dos solos, causando desmoronamentos. Com o desmatamento, já não há raízes profundas das plantas para manter os solos.

Estão mais sujeitas à erosão as encostas mais inclinadas, mas também margens de rios que foram desmatadas. No Rio São Francisco, por exemplo, esse segundo tipo de problema é cada vez mais comum. Como os detritos são carregados para o leito, o “Velho Chico” está ficando cada vez mais raso em alguns pontos. Lembre-se ainda de que esse rio abastece reservatórios de usinas hidrelétricas (caso do lago de Sobradinho) e projetos de irrigação. Por todas essas razões, e também porque provoca a morte de animais e o desaparecimento de plantas, o desmatamento indiscriminado *nunca é recomendável*.

Então, como resolver ou amenizar esses problemas? Aqui também não existe nenhuma fórmula mágica. Mas há muitas recomendações feitas por técnicos e agricultores, como *manter a vegetação* nos topos ou encostas muito inclinadas de morros. As pastagens são indicadas para áreas de inclinação mais suave, com número adequado de cabeças de gado para

evitar que o solo seja compactado e impeça o aprofundamento das raízes. Outra medida é combinar plantios principais e secundários, para não deixar o solo exposto.

Assim, a questão é *optar por usos mais adequados e compatíveis para a sociedade como um todo*, aproveitando o potencial que os sistemas naturais oferecem – tanto no campo quanto na cidade.

A partir do que estudamos, você consegue fazer uma reflexão sobre o uso e a apropriação dos recursos no lugar onde vive? Observe se os usos predominantes dos recursos naturais são os mais

adequados. O que é possível fazer para resolver os problemas da comunidade? Como garantir maior participação das pessoas nas decisões? Para finalizar nosso trabalho, elabore uma redação sobre os principais assuntos vistos neste capítulo. É importante não esquecer que decisões *coletivas e mais adequadas* para os problemas apontados *são possíveis*. E isso já vem acontecendo em muitos pontos do país (leia os quadros). Elas podem ajudar a garantir desenvolvimento mais *equilibrado, compatível e sustentável*, mantendo os recursos para as *gerações futuras*, tanto nas cidades como no campo.

PROJETO AGROFLORESTAL DO RIO CAPIM

No Pará, a 320 quilômetros de Belém, fica o município de Paragominas. Às margens da rodovia Belém-Brasília, ele é “porta de entrada” da Amazônia. Nos últimos anos, a exploração de madeira provoca desmatamento e diminuição da fertilidade dos solos. Mas em comunidades como Nazaré, Quiandeua e São Sebastião, novos projetos vêm mudando essa realidade. É um sistema que aproveita os recursos da floresta sem precisar derrubá-la, os cultivos agroflorestais. Trata-se do plantio de espécies nativas da região, como cupuaçu e caju, no meio da lavoura ou das matas baixas. Após a colheita da mandioca, milho e arroz, a área continua gerando renda para o agricultor, evitando a derrubada da mata para novas lavouras. As comunidades também têm granjas, criam abelhas e processam e vendem mel e castanhas de caju. Esses projetos vêm contribuindo para evitar o desmatamento e melhorar a renda das famílias.

Adaptado de <http://www.wwf.org.br>

ORÇAMENTO PARTICIPATIVO EM PORTO ALEGRE

Desde 1989, a capital gaúcha implementa o orçamento participativo, sistema pelo qual a população decide diretamente a aplicação de recursos municipais em obras e serviços. Em 2001, cerca de 45 mil pessoas participaram de reuniões com essa finalidade. Ali definiram prioridades para o saneamento, pavimentação, esporte, cultura e lazer, transporte e outras necessidades, segundo as carências dos bairros. Experiência com muitos prêmios internacionais, é reconhecida pela Organização das Nações Unidas como uma das 40 melhores práticas de gestão pública urbana no mundo. Cidades de outros países vêm adotando a experiência de participação popular criada em Porto Alegre, como Saint-Denis (França), Barcelona (Espanha), Bruxelas (Bélgica) e Rosário (Argentina), além de Belo Horizonte, São Paulo e inúmeras cidades no Brasil.

Adaptado de <http://www.portoalegre.rs.gov.br>

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar representações do espaço geográfico em textos científicos, imagens, fotos, gráficos etc.
 - Caracterizar formas espaciais criadas pelas sociedades, no processo de formação e organização do espaço geográfico, que contemplem a dinâmica entre a cidade e o campo.
 - Analisar interações entre sociedade e natureza na organização do espaço histórico e geográfico, envolvendo a cidade e o campo.
 - Discutir diferentes formas de uso e apropriação dos espaços, envolvendo a cidade e o campo, e suas transformações no tempo.
 - A partir de interpretações cartográficas do espaço geográfico brasileiro, estabelecer propostas de intervenção solidária para consolidação dos valores humanos e de equilíbrio ambiental.
-





Geografia

História e Geografia

Ensino Fundamental

Capítulo VII

AS SOCIEDADES E OS AMBIENTES

PERCEBER-SE INTEGRANTE,
DEPENDENTE E AGENTE
TRANSFORMADOR DO AMBIENTE.

Hugo Luiz de Menezes Montenegro

Capítulo VII

As sociedades e os ambientes

APRESENTAÇÃO

O Brasil possui um grande litoral. São quase oito mil quilômetros entre os estados do Amapá e do Rio Grande do Sul, abrigando diversos ambientes, como **praias arenosas, costões rochosos, mangues e dunas**. Alguns lugares ainda estão preservados, outros estão mais modificados pela ação humana.

O litoral brasileiro já era ocupado por diferentes povos indígenas antes da descoberta de nosso país em 1500. No período colonial, certos trechos de nosso litoral foram mais intensamente ocupados e utilizados. Desde então, a distribuição da população ocorreu de forma desigual.

Hoje, muitas áreas litorâneas vêm sendo ocupadas pela expansão das cidades, das atividades industriais e do turismo. Cinco das nove

principais **regiões metropolitanas** do Brasil localizam-se à beira-mar e mais da metade da população brasileira vive em suas proximidades. Algumas áreas são superpovoadas, como Salvador, na Bahia; Baía de Vitória, no Espírito Santo; a Baía de Guanabara, no estado do Rio de Janeiro; e a Baixada Santista, no estado de São Paulo. Nessas áreas, concentram-se também os grandes portos; além disso, são também pólos industriais, químicos e petroleiros de nosso país.

De que modo as atividades humanas transformam os ambientes **litorâneos**? Para investigar essa questão, é preciso conhecer os ambientes **naturais** e seus processos de transformação. Quais transformações são parte dos processos naturais? Quais são promovidas pelas atividades **humanas**?



Desenvolvendo competências

1

Inicie a investigação sobre essas questões, realizando a atividade seguinte.

1 - Observe as imagens abaixo e leia as legendas que apresentam informações sobre alguns ambientes do litoral.

1- As praias arenosas

As praias arenosas predominam na maior parte de nosso litoral. Esse tipo de praia é determinado por alguns fatores, como a proximidade de costões rochosos, proximidade de rios e estuários e frequência de ressacas, quando a maré fica muito alta e o mar avança nas praias.

2- Os costões rochosos

É um ambiente litorâneo formado por rochas, situado no limite entre o oceano e o continente, sob influência das marés, dos embates das ondas e dos raios solares, abrigando diferentes formas de vida animal e vegetal. É um ambiente muito bom para a pesca.

3- Os manguezais

Grande parte de nosso litoral é ocupado por um tipo de ambiente chamado manguezal ou mangue. É formado por certos vegetais que crescem próximos aos rios, que deságuam no mar. O solo está freqüentemente inundado pelas águas doces dos rios e pelas águas salgadas que avançam com as marés. Ele é escuro, mole, com grande concentração de sais e poucas espécies de vegetais estão adaptadas a essa característica. Muitos animais marinhos buscam no mangue alimento e abrigo, e ali se reproduzem. Por esse motivo, os mangues são conhecidos como os “berçários do mar”.

Na sua opinião, por que os ambientes apresentados nas imagens são tão diferentes entre si? Quais são os motivos dessas diferenças?



1

Ilha de São Francisco do Sul (SC) - Praia arenosa
Embratur. *Pontos turísticos do Brasil*. São Paulo: EPPE, 2000. p. 141.



2

Vitória (ES) - Costão rochoso
Embratur. *Pontos turísticos do Brasil*. São Paulo: EPPE, 2000. p. 94.



3

Barreirinhas (MA) - Manguezais do Rio Preguiça

DIFERENTES FORMAS DE OCUPAÇÃO DOS AMBIENTES

Os grupos sociais dão sentido e finalidade aos lugares, valorizam o ambiente e os recursos naturais de diferentes maneiras, podendo realizar pequenas ou grandes modificações nele e na paisagem.

Você viu que existe uma variedade de ambientes em nosso litoral. Todos têm componentes como água, solo, animais e plantas, em diferentes quantidades e com diversas características. Essa diversidade de ambientes, e seus elementos característicos têm origem na própria história do planeta. Os ambientes vão se formando, ao longo de milhares de anos, conforme vão sendo

modificados o solo e as rochas que os sustentam. Essas modificações dependem das variações de temperaturas durante o ano, das chuvas, dos ventos e da ação dos seres vivos ali presentes.

Os seres humanos desempenham um papel significativo nesse conjunto de relações. Atuam sobre o ambiente, mas a forma como utilizam ou preservam os recursos da natureza não é igual em todos os lugares. Além disso, as relações entre a sociedade e o ambiente são também relações que se estabelecem entre os diversos grupos humanos, envolvendo situações de cooperação ou de conflitos.



Desenvolvendo competências

2

Investigue algumas relações entre os ambientes e os seres humanos pela análise de um exemplo, apresentado em texto de Fernando Gabeira.

- 1. Você vai trabalhar com um artigo intitulado “O mar não está mais para a família Peixe”. O título de um artigo de jornal deve ter poucas palavras e anunciar a informação principal do texto. Neste caso, em sua opinião, qual é o assunto que vai ser tratado nesse artigo de jornal?*
- 2. Agora leia o artigo.*

Aracaju, para quem não conhece, ainda é uma tranquila capital do Nordeste. Novos e imponentes edifícios foram erguidos nos últimos anos, *shoppings centers* brotaram aqui e ali, como de resto, aconteceu em todas as principais cidades do país.

Só que grande parte da Aracaju moderna foi conquistada aterrando os manguezais. As multidões que atravancam as galerias climatizadas das butiques, na verdade, são os vencedores pisoteando o túmulo de uma paisagem dilacerada para sempre.

A família Peixe, Zé e Rita, irmãos que nasceram nas primeiras décadas do século 20 [...] contemplam assustados o rumo que o progresso tomou, soterrando as imagens da infância à beira-mar.

Zé Peixe ainda mora na orla. Mergulha todas as manhãs, mas reconhece que a água está poluída pelo esgoto. Rita, que aos quinze anos salvou, ao lado do irmão, uma tripulação de um barco do Rio Grande do Norte, hoje só nada na piscina de sua casa.

A história da família Peixe é ligada aos manguezais de Aracaju. Zé conhece todos e previu o desequilíbrio que os aterros iriam provocar. Mas não conseguiu impedi-los. Num casarão velho, em Aracaju, Zé Peixe costuma olhar os grandes edifícios e se lembrar dos manguezais da infância.

Agora, não só os manguezais da infância foram embora. Os próprios navios foram desaparecendo, a partir do grande impulso rodoviário da década de 50. [...] Zé Peixe ainda ensina ao seu neto os mistérios da barra do rio Sergipe, mas sabe que, há algumas décadas, o mar não está mais para peixe em Aracaju.

GABEIRA, Fernando. O mar não está mais para a Família Peixe. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 out. 2000. *Folha de Turismo*, p. G-14. Fornecido pela Agência Folha.

3 - *Para analisar o artigo, siga o roteiro abaixo. Depois compare sua resposta com nossos comentários.*

- a) *O que aconteceu nesse lugar?*
- b) *Quando aconteceu?*
- c) *Onde aconteceu?*
- d) *Por que aconteceu?*
- e) *Quem está envolvido no assunto apresentado?*

A expressão “nos últimos anos” presente no artigo não define uma data fixa, mas mostra que é um fato recente que continua acontecendo nos dias de hoje. O fato não é um acontecimento isolado, mas um conjunto de acontecimentos interligados: o **crescimento urbano** e as modificações de uma cidade, as modificações que esse tipo de crescimento provocaram no ambiente e os impactos dessas modificações sobre o modo de vida das pessoas e dos diferentes grupos sociais desse lugar.

Apesar de o artigo definir os acontecimentos e modificações em um lugar específico, ou seja, a cidade de Aracaju, no estado de Sergipe, ele também nos dá a idéia de ser um processo mais amplo que vem acontecendo, com características próprias, na maioria das principais cidades do país. O lugar dos acontecimentos é a “*orla*”, palavra usada no lugar da expressão *orla marítima*, que nada mais é do que uma área de contato e união entre o mar e a faixa de terra. A palavra “*orla*” também significa beira ou borda, portanto, *orla marítima* refere-se, também, à conhecida expressão “*beira-mar*.”

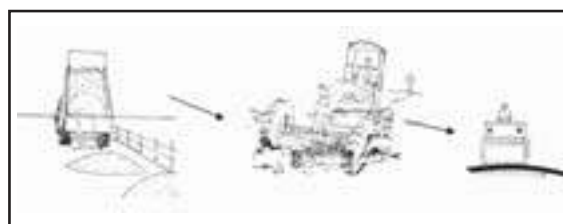
As causas para as transformações apontadas no artigo são várias. Isso porque as transformações da cidade de Aracaju são devidas a um conjunto de fatores interligados, tais como: o crescimento populacional, o modo de vida urbano que vem se expandindo e as novas funções da cidade, com o crescimento do turismo e a infraestrutura a ele associada.

Assim, o artigo descreve mudança radical no estilo de vida dos moradores das cidades, a partir

da história de uma família tradicional de antigos moradores do lugar, que vivia bastante integrada ao ambiente natural original. A partir da história da família Peixe, em Aracaju, podemos perceber que as pessoas criam identidade e vínculos com os lugares e com o ambiente. No caso da família Peixe, os manguezais tinham um significado próprio em suas vidas: nas lembranças da infância, nas formas de garantir seu sustento, em sua sobrevivência. O processo de crescimento da cidade, às custas do aterro e destruição dos manguezais, interferiram nas relações e vínculos estabelecidos entre os moradores e o lugar.

O que são aterros? Por que os aterros provocam o desequilíbrio nos manguezais?

Aterro significa cobrir com terra, nivelar e aplinar um terreno com terra retirada de outro lugar.



Vimos que os manguezais são ambientes com solo de baixa consistência (solos frágeis, moles), freqüentemente inundados. Entre as conseqüências e impactos ambientais do aterro sobre os manguezais, destaca-se a modificação no escoamento das águas das chuvas e dos rios, ficando a água empoeçada em valetas ou nas áreas

não aterradas. Além disso, o impacto das marés vai continuar ocorrendo, afetando agora a área de aterro e as construções existentes sobre ela.

Já em relação ao solo, verifica-se que, sendo pouco consistente, ou seja, mole demais para suportar as construções, o solo vai cedendo e abaixando. Prejudica as construções, que ficam trincadas e inseguras.

Em relação à vegetação e aos animais, ocorre a destruição dos “berçários naturais”, comprometendo a procriação e a renovação de inúmeras espécies de plantas, aves e animais marinhos, além do desmatamento ou soterramento das plantas desse ambiente natural.

Em outras atividades humanas, os aterros também trazem conseqüências para os ambientes, contribuindo para sua deterioração. A mineração feita a céu aberto, por exemplo, modifica a paisagem: desmonta montanhas, remove extensas coberturas de vegetação e de solos, formando grandes buracos. E a retirada de areia e argila, ao longo dos rios, provoca a destruição das margens e modifica a qualidade da água com o aumento da concentração de terra e areias (sedimentos), prejudicando os animais e comprometendo o abastecimento de água da população.

Outras alterações provocadas pela ação humana podem causar efeitos negativos sobre o ambiente e sobre o conjunto de relações existentes entre os animais, as plantas, o solo, o ar e as águas, prejudicando também a qualidade de vida das pessoas e interferindo no modo de vida e nas relações e vínculos das pessoas com o ambiente e com o lugar. Esse efeito negativo sobre o ambiente e sobre a qualidade de vida, resultado das alterações humanas, é também conhecido como **impacto ambiental**.

DIFERENTES TRANSFORMAÇÕES DOS AMBIENTES

O crescimento urbano de Aracaju e as modificações nos ambientes não aconteceram de forma isolada de outros acontecimentos e processos ocorridos em nosso país. Podemos verificar esse fato no seguinte trecho do artigo de Fernando Gabeira:

Agora, não só os manguezais da infância foram embora. Os próprios navios foram desaparecendo a partir do grande impulso rodoviário da década de 50. A escolha do automóvel como símbolo da liberdade individual e dos shoppings centers como espaço de comércio e convivência mudou o horizonte.

GABEIRA, Fernando. O mar não está mais para a família peixe. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 out. 2000. Folha de Turismo, p. G-14.

O automóvel possui relação com o processo de crescimento industrial ocorrido no país, a partir de 1955. A partir dessa época, o sistema de transporte rodoviário foi substituindo outros meios de transporte, favorecendo os deslocamentos para São Paulo e para o Rio de Janeiro. Essa mudança fez com que o sistema de transporte marítimo e as antigas cidades costeiras e portuárias fossem reduzindo sua influência sobre antigas áreas de atuação. Apesar de as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro liderarem o crescimento econômico do país com o crescimento e expansão de indústrias, elas acabaram também interferindo no crescimento de diversas cidades e regiões brasileiras. Por meio de intenso intercâmbio e relações comerciais, integraram diferentes lugares, unificando o mercado interno do país, o campo, as cidades e as metrópoles.

No caso da cidade de Aracaju, seu crescimento é mais recente e esteve integrado ao crescimento econômico das cidades de Recife e Salvador e aos novos papéis e funções relacionados a uma ou mais atividades econômicas, entre elas o comércio, o turismo, os serviços públicos, a modernização do serviço portuário.

Porém, não foram apenas o ambiente onde cresceu a cidade de Aracaju (SE) e sua população que sofreram os efeitos das transformações recentes ocorridas na região Nordeste e no restante de nosso país. Investigue outros exemplos na próxima atividade.



Desenvolvendo competências

3

Observe e compare as fotografias da cidade de Fortaleza, no estado do Ceará, com a cidade de Natal, no estado do Rio Grande do Norte. Siga as orientações para observação e depois leia nossos comentários.



1

Imagem 1 – Orla marítima da cidade de Fortaleza (CE).



2

Imagem 2 – Fotografia panorâmica em perspectiva oblíqua da cidade de Natal (RN).

Embratur. *Pontos turísticos do Brasil*. São Paulo: EPPE, 2000. p. 71.

1. Observe a paisagem de cada cidade separadamente. Atenção aos detalhes localizados à frente e ao fundo de cada uma, para verificar como estão distribuídos:

- os **componentes naturais** (água, solo, vegetação etc.);
- os **elementos sociais** que aparecem: tipos de construções, onde estão localizadas (próximas ou afastadas do mar), a altura das construções, a distribuição dos imóveis na paisagem.

Anote, no quadro abaixo, o que você observou e percebeu em cada cidade.

Cidades	Características Ambientais	Características da Ocupação Humana
Fortaleza		
Natal		

2. Agora, compare as duas cidades.

- Onde as construções aparecem mais concentradas e onde estão menos concentradas?
- Onde predominam casas e construções baixas?
- Onde predominam prédios e construções mais altas?

Anote, em seu caderno, o que você percebeu de semelhante ou de diferente nas formas de ocupação humana entre as duas cidades.

Que diferenças são percebidas entre a orla marítima da cidade de Fortaleza (CE) e a de Natal (RN)?

No caso da cidade de Fortaleza, notamos uma grande presença de prédios uns muito próximos aos outros, em frente à orla marítima, enquanto a cidade de Natal apresenta uma menor concentração de prédios. Esses estão mais afastados da orla marítima. Por que isso acontece?

Para compreender as diferenças de ocupação entre essas duas cidades, podemos levar em consideração um conjunto variado de fatores econômicos, políticos, sociais e ambientais.

Um dos estados que mais receberam investimentos industriais, na década de 1990, foi o Ceará, tornando-se o mais novo pólo industrial do Nordeste. As novas indústrias, instaladas no Ceará, concentraram-se em sua maioria nas proximidades da cidade de Fortaleza. Houve também grandes investimentos em obras de infra-estrutura nas proximidades da cidade, tais como, a construção do porto e do terminal marítimo de Pecém, modernização do aeroporto local e inúmeras obras viárias. A concentração industrial e os novos investimentos financeiros fizeram com que a cidade de Fortaleza (CE) crescesse em ritmo mais acelerado e intenso e exercesse maior número de funções em relação à cidade de Natal (RN).

Em relação aos fatores ambientais, vimos que a diversidade de ambientes depende de alguns fatores, tais como a distribuição das chuvas ao longo do ano, a disponibilidade de água na superfície do solo ou no subsolo, as diferenças de solo e de altitudes dos terrenos, as temperaturas e a localização geográfica.

Apesar de Fortaleza (CE) e Natal (RN) estarem localizadas junto ao litoral do Nordeste, elas apresentam diferenças na constituição do solo. Na cidade de Natal (RN), temos a presença de dunas em meio às casas e construções da cidade.

As dunas são um tipo de relevo formado pelo acúmulo de extensas camadas de areia. Essas areias são transportadas e carregadas pela ação constante dos ventos. As dunas podem ser fixas (estacionárias ou estáticas) e permanecerem muitos anos no mesmo lugar, ou podem ser **migratórias**, deslocando-se continuamente de um lugar para outro. Elas aparecem na paisagem do litoral em diferentes estados do Brasil: no Maranhão, no Piauí, no Ceará, no Rio Grande do Norte, no Rio de Janeiro, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

A cidade de Natal (RN) foi construída e se desenvolveu num ambiente onde existem os dois tipos de dunas. A migração de dunas, na cidade, causa alguns problemas, entre eles, o de **assoreamento** do porto, isto é, as areias depositam-se no fundo do mar e no canal, junto à barra do Rio Potengi. Isso exige serviços de **retirada constante das areias do fundo do mar** (dragagem), para evitar riscos ao tráfego de navios. A consistência das dunas é também obstáculo natural para a realização de construções muito altas, de grandes edifícios, que demandam mais gastos com estrutura e fundações das obras.



Desenvolvendo competências

4

Observe a paisagem de uma duna em detalhe.



Foto – Ambiente de dunas.

Embratur. *Pontos turísticos do Brasil*. São Paulo: EPPE, 2000. p. 73.

Agora responda.

- *Que elementos estão presentes?*
- *Como eles estão distribuídos?*
- *Que tipos de relações e interações existem entre esses elementos?*

As dunas costeiras formaram-se durante os últimos 11 mil anos pela interação entre o mar, o vento, a areia e a vegetação. No caso específico da dunas da cidade de Natal (RN) e de suas proximidades, a vegetação favorece a retenção e a manutenção da umidade local, barrando os ventos, dificultando o processo de transporte e de deslocamento da areia, colaborando para que as dunas sejam fixas e permaneçam estacionárias. As dunas servem de barreira natural à invasão da água do mar e da areia em áreas interiores e balneários. Também protegem o lençol de água doce, evitando a entrada de água do mar. Nas dunas, como em qualquer ambiente, cada componente, cada elemento participa da dinâmica e das transformações, que nunca param.

O CLIMA E OS RECURSOS NATURAIS

Vimos que em um ambiente interagem vários fatores. As relações e as combinações entre o tipo e a constituição do solo, a vegetação e o clima exercem grande influência na formação desse ambiente e nas suas características originais.

Mas o que é clima? Como o conhecimento sobre o clima pode nos ajudar a compreender melhor o ambiente natural e as interferências sobre a vida humana?

Para pensar melhor sobre o que é o clima, leia o poema *Seca D'água* feito pelo poeta cearense Patativa do Assaré, que foi musicado e cantado por diferentes artistas populares de nosso país.

Ao ler o poema, procure perceber os ritmos e os processos naturais que ocorrem no sertão do Nordeste e como eles atingem diferentemente os lugares e as pessoas.

Seca D'água

É triste para o Nordeste
o que a Natureza fez
mandou 5 anos de seca
uma chuva em cada mês
e agora, em 85
mandou tudo de uma vez.

A sorte do nordestino
é mesmo de fazer dó
seca sem chuva é ruim
mas seca d'água é pior.

Quando chove brandamente
depressa nasce o capim
dá milho, arroz e feijão
mandioca e amendoim
mas como em 85
até o sapo achou ruim.

Maranhão e Piauí
estão sofrendo por lá
mas o maior sofrimento
é nessas bandas de cá
Pernambuco, Rio Grande
Paraíba e Ceará.

O Jaguaribe inundou
a cidade de Iguatu
e Sobral foi alagado
pelo rio Acaraú
o mesmo estrago fizeram
Salgado e Banabuiú.

Ceará martirizado
eu tenho pena de ti
Limoeiro, Itaiçaba
Quixeré, Aracati
faz pena ouvir o lamento
dos flagelados dali.

Meus senhores governantes
da nossa grande Nação
o flagelo das enchentes
é de cortar o coração
muitas famílias vivendo
sem lar, sem roupa e sem pão.

PATATIVA DO ASSARÉ. *Digo e não peço segredo*.
São Paulo: Escrituras, 2001. p.117-118 (Pesquisa e texto Tadeu Feitosa).

No começo do poema, o autor descreve o ritmo de alternância de estações, indicando a ocorrência de um período prolongado de seca e outro período mais curto, com intensa concentração de chuvas. Está descrevendo uma característica importante do clima: a alternância de períodos com diferentes características.

A seguir, o poema permite perceber que o clima interfere na paisagem natural e na vida humana, criando condições para o desenvolvimento de diversas atividades associadas à produção econômica (*depressa nasce o capim, dá milho, arroz e feijão, mandioca e amendoim*).

Nos versos seguintes, percebemos que o clima e as condições do tempo atmosférico possuem uma extensão, ou seja, atuam sobre uma extensa região, interferindo em um conjunto de cidades e estados. Nos últimos versos, notamos que o clima atua na vida das pessoas, porém, a condição de vida e existência dos habitantes e os transtornos ou privações vivenciadas estão relacionados a outros fatores que não são apenas de ordem natural, como os de responsabilidade e compromisso político, que não se justificam pela condição do meio-ambiente ou pela dinâmica climática.

A alternância de períodos de seca e umidade, mais calor ou mais frio, forma o clima característico dos diferentes lugares do planeta. Em cada lugar, o clima é definido por um conjunto de fatores, tais como:

- A posição geográfica desse lugar (próximo ou afastado do litoral).
- As diferenças de aquecimento do planeta – quanto mais longe do Equador é uma região, mais fria ela é e vice-versa; esfriando, conforme se afasta da linha do equador em direção aos pólos; esquentando, na direção contrária.
- A circulação dos ventos e das massas de ar.
- As formas de relevo, pois as elevações criam obstáculo ao deslocamento das massas de ar e da umidade atmosférica e nos lugares planos aumenta a velocidade desse deslocamento, canalizando e direcionando a passagem dos ventos.

Na formação dos ambientes, o clima é um dos principais fatores que determinam a distribuição

das plantas, dos animais e da água doce sobre o nosso planeta. As atividades humanas relacionadas com a agricultura também dependem das condições do tempo atmosférico (chuvas, seca). A produção de energia hidrelétrica, tão importante no Brasil para a vida doméstica e para a economia industrial moderna, depende da quantidade de chuvas, para que se mantenha o nível de água das represas. Desse modo, o clima está diretamente relacionado aos recursos naturais necessários às sociedades.

O conjunto de todas as coisas de que as pessoas precisam, de tudo que existe na natureza e que serve como um recurso ou como um bem para elas é o que chamamos de recursos naturais. Os recursos naturais como as águas, os solos, as matas, os minérios, os animais e as plantas formam o Patrimônio Ambiental da humanidade, para hoje e para o futuro.

PROBLEMAS AMBIENTAIS NAS CIDADES E NO CAMPO

Vimos que existe um conjunto de fatores, tanto humanos quanto naturais, que atuam na diferenciação e na caracterização dos lugares e das paisagens. Na paisagem natural, predominam as combinações e relações entre o solo, a constituição geológica, o clima e a vegetação. Na paisagem humana, predominam as relações e combinações entre os elementos sociais, econômicos e políticos. Porém, apesar do predomínio desses elementos em uma ou outra paisagem, vimos que as relações entre os aspectos humanos e os naturais não podem ser considerados de forma separada uns dos outros.

Em atividade anterior, você pôde observar a construção de prédios altos na orla de Fortaleza. O conjunto de construções em uma cidade também modifica a dinâmica dos ventos, podendo dificultar ou barrar a circulação de ventos nas partes mais internas na cidade e interferir na temperatura e no clima urbano. No caso da cidade de Fortaleza, a intensa verticalização junto à orla marítima é um exemplo dessa interferência.

Nos grandes aglomerados urbanos, em geral, a dinâmica climática é alterada, produzindo o

fenômeno das “Ilhas de Calor”. Este fenômeno provoca modificações na temperatura do ar das cidades transformando-as em lugares quentes. Investigue esse fenômeno na atividade seguinte.



Desenvolvendo competências

5

1. Localize no mapa a seguir as cidades de Fortaleza (CE) e de Porto Alegre (RS) e depois responda às questões abaixo:



- Qual das duas cidades fica mais distante e qual fica mais próxima do Equador?
- As distâncias em relação ao Equador provocam diferenças no clima? Como?
- Onde o clima seria mais quente e as temperaturas mais elevadas? Onde o clima seria mais ameno?

2. Observe as fotografias e compare as diferenças de ocupação entre a área central e um bairro da cidade de Porto Alegre (RS).

BRASIL: político. In: SIMIELLI, Maria Elena Ramos. *Geoatlas*. 31. ed. ampl. atual. São Paulo: Ática, 2002. p.79.



Foto - Bairro Assunção, Porto Alegre (RS). MENEGAT, Rualdo et al. (Coord.). *Atlas ambiental de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001. p. 149.



Foto - Área Central de Porto Alegre (RS). MENEGAT, Rualdo et al. (Coord.). *Atlas ambiental de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001. p. 149.

É possível observar que, no centro da cidade de Porto Alegre, aparece uma grande concentração de construções *altas* e ausência de vegetação, enquanto no bairro Assunção, nos arredores da cidade, aparece maior quantidade de casas e de árvores nas ruas, sendo esse bairro mais arborizado.

Como essas diferenças de ocupação interferem no aquecimento do ar e no clima urbano de uma cidade? Escreva sua hipótese, o que você imagina que acontece no aquecimento das áreas centrais e no bairro de Porto Alegre.

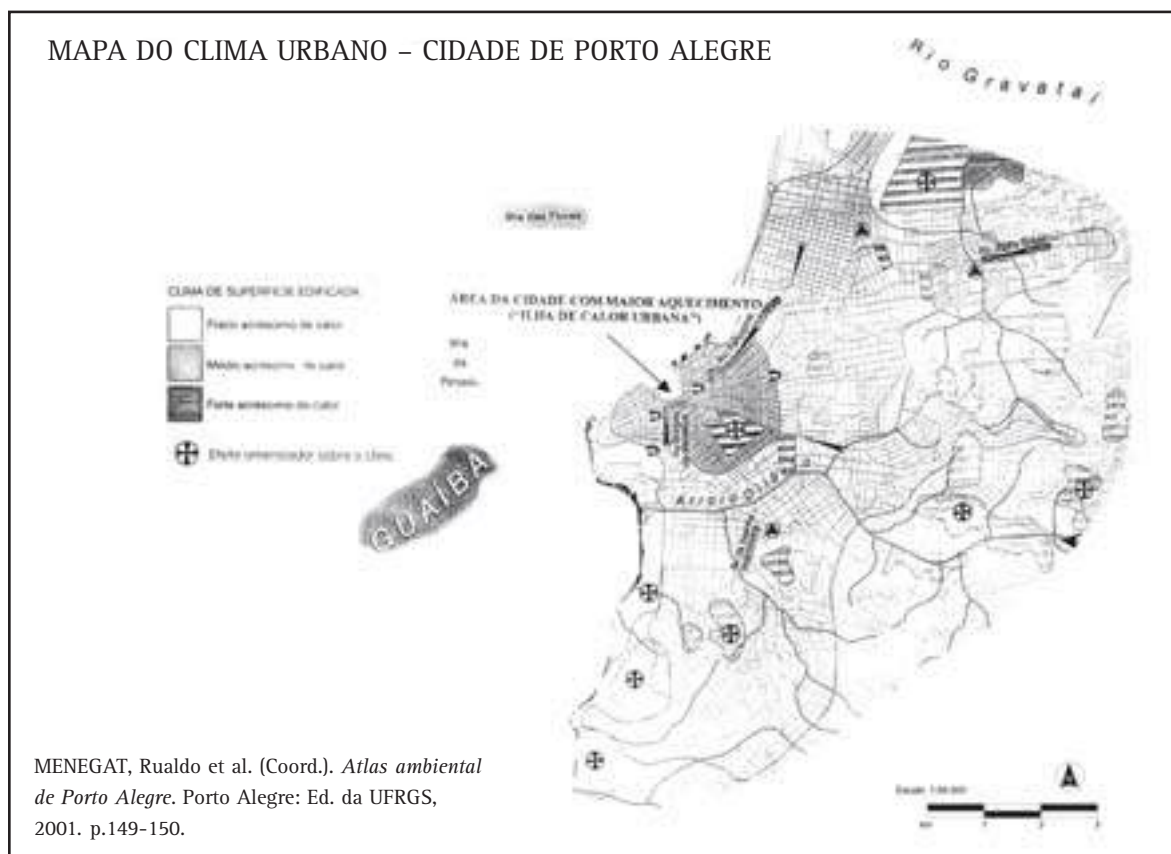
3. Observe, no mapa do clima urbano de parte da cidade de Porto Alegre, as diferenças de temperatura existentes na cidade.

Para interpretar o mapa, siga as seguintes orientações:

- observe primeiro todos os elementos que fazem parte do mapa.

Depois, localize e analise, separadamente:

- o título do mapa e o seu significado;
- os elementos que aparecem representados na legenda e as diferenças que você percebe entre eles;
- observe novamente o mapa, procurando reconhecer os elementos da legenda e como eles aparecem distribuídos;
- localize onde ficam os bairros observados nas fotografias;
- verifique as diferenças de aquecimento e de acréscimo de calor que eles apresentam;
- identifique a ilha de calor, local de maior temperatura, sua localização e sua extensão na cidade.



A forma de ocupação e utilização do espaço, os tipos de construções, a sua localização e distribuição na cidade, a altura dos edifícios e os materiais utilizados em suas construções podem provocar forte acréscimo de calor e aumento de temperatura ao longo de todo ano. O calor é a forma de energia que o vidro, o concreto, o asfalto e outros diferentes materiais absorvem (armazenam) e depois irradiam pelas áreas centrais de uma cidade. Esse calor, somado com o

calor provocado pela emissão de gases, de escapamentos de veículos ou através de indústrias, causam um maior aquecimento da camada de ar local. Esse processo de aquecimento do ar origina as chamadas ilhas de calor.

A formação de ilhas de calor é um dos problemas ambientais das cidades, que se soma a outros bastante conhecidos, como a poluição do ar, o acúmulo de lixo e inundações. Leia mais a respeito nos boxes.

ALGUNS PROBLEMAS AMBIENTAIS NAS ÁREAS URBANAS

- São muito importantes os problemas do lixo e da poluição das águas em áreas urbanas. O rápido crescimento urbano não foi acompanhado da oferta de serviços de saneamento básico – coleta de lixo, abastecimento de água tratada e coleta de esgotos.
- O solo coberto por asfalto se torna impermeável: a água das chuvas não entra no chão asfaltado, fica empoçada na sua superfície. A impermeabilização dos solos em uma cidade aumenta as chances de ocorrerem enxurradas e inundações nos períodos de chuvas mais prolongados.
- O problema da moradia relacionado com a questão da valorização dos terrenos (especulação imobiliária) ou falta de políticas públicas interfere, também, nas condições ambientais das cidades. Muitas vezes, ocorre uma ocupação irregular do solo, em áreas de mangue, vale de rios e encostas íngremes. Isso aumenta os riscos de deslizamentos de terra, inundações, poluição ou destruição das águas utilizadas para o abastecimento da população.

PROBLEMAS AMBIENTAIS NO MEIO RURAL

A crescente modernização da agricultura vem provocando diversos problemas ambientais, entre eles:

- Aumento do desmatamento, pela mecanização e o aproveitamento de grandes extensões de terra para a produção agrícola.
- A perda de variedade de plantas e animais, pelo aumento dos desmatamentos e como efeito de poluição.
- Perda de solo bom para a agricultura, pois as matas e os solos ficam desprotegidos e frágeis diante da ação dos ventos e das chuvas.
- Os rios ficam mais rasos, pois o leito se torna mais raso, devido ao transporte e a deposição das partículas de solo arrancados pelas chuvas e ventos: diz-se, então, que houve assoreamento dos rios.
- A poluição do solo e das águas, causada por agrotóxicos, compromete o abastecimento de água para uso humano e provoca também a morte de várias espécies de aves e animais.
- A utilização de técnicas predatórias, tais como: queimadas, abertura irregular de estradas, destruição de nascentes e das margens dos rios.

O crescimento populacional, relacionado com a concentração das atividades industrial e comercial, provocaram várias transformações em muitas cidades brasileiras, como pudemos estudar até aqui.

A expansão do comércio nas cidades está ligada a um processo de produção, de circulação e distribuição de mercadorias e alimentos voltados para o consumo da população, cada vez maior.

As áreas rurais assumem, nesse processo, o papel de produzir matérias-primas e alimentos, para garantir o abastecimento das indústrias, da população das cidades e para manter o comércio internacional. As atividades agropecuárias modernas são cada vez mais avançadas do ponto de vista tecnológico, empregando menos mão-de-obra, utilizando cada vez mais máquinas, adubos químicos e agrotóxicos, produtos também chamados defensivos agrícolas. São substâncias tóxicas que eliminam as pragas agrícolas (insetos, fungo etc.), mas são perigosas para a saúde dos seres humanos e demais animais.

Percebemos que o uso e a ocupação inadequada dos espaços urbanos e rurais podem provocar vários desequilíbrios e modificações do ambiente, prejudicando a qualidade de vida de suas populações.

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS

A conservação da natureza depende de uma forma planejada de utilização dos recursos naturais, em que devem ser considerados não apenas os diferentes benefícios que esses recursos podem fornecer, como também a manutenção dos mesmos.

Os impactos sobre o ambiente, relacionados com o uso e a ocupação do território, devem ser considerados de forma ampla. Vimos que o crescimento das cidades, ao longo do litoral, está relacionado a diferentes processos, como o crescimento industrial e comercial, o turismo, os transportes e as comunicações.

O turismo é uma atividade econômica que cresce a cada dia. A necessidade de estar ao ar livre e de

conhecer novos lugares, à medida que se torna uma necessidade da população em geral, atrai também o interesse de diferentes empresas e empreendimentos, com a construção de novos condomínios, hotéis, parques aquáticos e a abertura de estradas. Esses novos empreendimentos requerem infra-estrutura, como abastecimento de água, distribuição de energia elétrica, serviços de coleta e tratamento dos esgotos, além do aumento da circulação e da distribuição de mercadorias e alimentos, o que amplia e pressiona a capacidade do ambiente em fornecê-los.

Vimos que os problemas ambientais estão interligados com diversos processos e acontecimentos. Esses problemas estão amplamente distribuídos pelo Brasil e afetam a todas as pessoas. Atualmente, são comuns a contaminação dos cursos de água, a poluição atmosférica, a devastação das florestas, a caça indiscriminada e a redução ou mesmo destruição dos diversos ambientes naturais. Isso tudo culmina numa forte pressão exercida sobre os recursos naturais.

A preocupação com a conservação dos recursos e da natureza, porém, está presente na legislação e no conjunto de leis existentes em nosso país.

Como podemos contribuir para criar espaços mais adequados de vida?

Conhecendo algumas leis ambientais e sabendo a quem encaminhar as denúncias em caso de agressão ou interferências de má fé na utilização dos recursos da natureza que acontecem no lugar em que você vive. Pense sobre algumas das principais leis ambientais de nosso país:

Constituição da República Federativa do Brasil - Artigo 225:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

A Constituição da República determina que todos têm direito ao meio ambiente. Para assegurar esse direito, determina ainda que é tarefa do poder público, entre outras, definir, em todos os estados da federação, espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidos.

Outras leis estabelecidas a partir da Constituição de 1988 também contribuem para a conservação ou recuperação do ambiente, destacando-se, entre elas:

Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257, de 10 de Julho de 2001).

O Estatuto da Cidade é uma lei federal em vigor desde 2001, obrigatória para todos os núcleos populacionais com mais de 20 mil habitantes. Ele dita que deverá ser objeto de planejamento não apenas o perímetro urbano (área ocupada pela cidade), mas toda a área do município, englobando a cidade, o campo, as reservas naturais, a água, a potencialidade dos solos, o relevo e a paisagem, fazendo com que o espaço construído, a área rural, os espaços naturais e as atividades humanas sejam pensados e planejados em conjunto, garantindo também a proteção, a preservação e a recuperação do meio ambiente natural e construído, do patrimônio cultural, histórico, artístico, paisagístico e arqueológico. Com isso, procura-se evitar e corrigir as distorções do crescimento urbano e seus efeitos negativos, de forma a evitar o uso excessivo ou inadequado em relação à infra-estrutura urbana, à poluição e à degradação ambiental.

Zoneamento Costeiro e Lei de Proteção aos Manguezais

Além do Zoneamento Ambiental Urbano, temos também o Zoneamento Costeiro, que protege a costa brasileira. Essa proteção especial é justificada pela grande extensão territorial de nosso litoral, bem como pela enorme diversidade de ecossistemas nele encontrados. Assim,

diferentes espaços e ambientes litorâneos são protegidos pela legislação constitucional.

Os mangues, por exemplo, são protegidos por legislação federal desde a Constituição de 1988, devido à importância que representam para o ambiente marinho. Como vimos, são fundamentais para a procriação e o crescimento de vários animais e alimentação de várias espécies de peixes. Portanto, os mangues estão relacionados à manutenção de boa parte das atividades pesqueiras nas costas brasileiras. Contudo, mesmo protegidos por lei, estes ambientes continuam sendo degradados pela ação e pela ocupação humana.

Criação de áreas de preservação e de parques ecológicos

Todas as áreas naturais protegidas oficialmente são chamadas de **Unidades de Conservação**. Unidades de Conservação são porções do território nacional, incluindo as águas territoriais, com características naturais de relevante valor, de domínio público ou propriedade privada, legalmente instituídas pelo Poder Público, sob regimes especiais de administração e às quais se aplicam garantias de proteção. Existem chances de aproveitamento dos recursos ambientais e paisagísticos para a formação de parques e reservas públicas de recreação e de conservação.

Iniciativas de proteção ambiental: alguns exemplos

A proteção ambiental pode ser feita pelos órgãos de governo em conjunto com a sociedade.

A conservação de áreas protegidas pode incluir ações e atividades diversificadas, como administração, proteção, recreação, educação, pesquisa e manejo dos recursos. A criação de parques tem sido uma forma de defender ou de recuperar o ambiente natural.

Nas áreas de Dunas de Natal (RN), oficialmente foi criado um parque ecológico, conhecido como **Parque das Dunas**. O Bosque dos Namorados é o portão de entrada do Parque. Nele, se encontram as áreas de lazer e educativas abertas ao público e aos turistas, existindo trilhas apropriadas para caminhadas, mirantes panorâmicos, oficinas de arte, biblioteca, auditório, *play-grounds* e lanchonetes. O restante do Parque (80%) é destinado à preservação das Dunas, ao ensino e à pesquisa.

Em uma área de mangues, em Fortaleza (CE), foi criado o **Parque Ecológico do Cocó**. Construído às margens de um dos rios da cidade, sua implantação buscou preservar esse ambiente e integrá-lo à cidade, oferecendo equipamentos para atividades culturais, esportivas, de recreação infantil e de contemplação.

Vimos que, para superar alguns problemas ou desafios em relação à conservação da natureza e com relação à questão ambiental, diversas ações

são necessárias, entre elas uma nova consciência em relação à utilização dos recursos naturais e à capacidade do ambiente em fornecê-los. Não se trata de reduzir a questão ambiental apenas à análise da relação homem–ambiente ou considerar apenas as agressões ou desequilíbrios provocados pela ação humana.

Os aspectos econômicos, políticos, tecnológicos, culturais devem ser analisados e compreendidos, à medida que se relacionam com os diferentes problemas vivenciados pela nossa sociedade atual. A participação e a pressão da população podem ajudar a criar espaços mais adequados de vida para os habitantes, nas cidades e nas áreas rurais (campo), ajudando a rever e a repensar um conjunto de práticas e atividades hoje desenvolvidas, evitando prejudicar ou colocar em risco a qualidade de vida humana, os recursos da natureza e os diferentes ambientes.

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Associar as características do ambiente (local ou regional) à vida pessoal e social.
 - Identificar a presença dos recursos naturais na organização do espaço geográfico, relacionando transformações naturais e intervenção humana.
 - Relacionar a diversidade morfoclimática do território brasileiro com a distribuição dos recursos naturais.
 - Analisar criticamente as implicações sociais e ambientais do uso das tecnologias em diferentes contextos histórico-geográficos.
 - Selecionar procedimentos e uso de diferentes tecnologias em contextos histórico-geográficos específicos, tendo em vista a conservação do ambiente.
-



Geografia

História e Geografia

Ensino Fundamental

Capítulo VIII

A ORGANIZAÇÃO ECONÔMICA DAS SOCIEDADES NA ATUALIDADE

COMPREENDER A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E ECONÔMICA
DAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS.

Sonia Maria Vanzella Castellar

Capítulo VIII

A organização econômica das sociedades na atualidade

APRESENTAÇÃO

Neste capítulo, você vai estudar as mudanças nas técnicas de produção de alimentos e transportes ao longo do século XX e também como essas mudanças se relacionam com a organização das cidades.

O QUE MUDOU E O QUE PERMANECEU NA ORGANIZAÇÃO DAS CIDADES AO LONGO DO SÉCULO XX

Você já deve ter notado que as cidades possuem lugares que sofrem mudanças e outros que permanecem como eram antigamente, como, por exemplo, uma praça, o centro histórico da cidade, a estação de trem ou curso de um rio.

Para analisar como acontecem essas transformações, você vai observar as fotos e reparar nas mudanças das construções das casas, nos transportes, nas ruas e nas roupas.

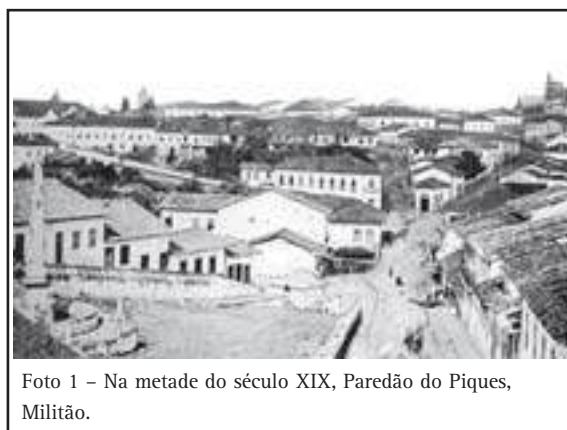


Foto 1 – Na metade do século XIX, Paredão do Piques, Militão.

Na foto 1, a rua é de terra, não tem via de passagem de carro, não tem postes de eletricidade, há poucas pessoas na rua. As casas foram construídas com a técnica de taipa, ou seja, barro amassado. Há, ainda, construções baixas e grandes descampados.

As transformações da cidade estão relacionadas com as diversas modificações históricas e geográficas. A partir das fotos, é possível observar que ocorreram mudanças na produção dos objetos, na organização das cidades, no modo de vida das pessoas e no uso que as pessoas fazem dos lugares.

Você deve reparar que, na foto do Paredão do Piques (1865), existe um local onde as mulas paravam para beber água. Era um local de repouso das tropas de mulas, que eram conduzidas por tropeiros carregando mercadorias para vilas, aldeias e cidades do interior de São Paulo e outras regiões.



Na Foto 2, você percebe que as construções são de tijolo e cimento. Já existem postes de eletricidade feitos de madeira, as ruas estão calçadas, há via de pedestre e via de automóveis.



Na Foto 3, você pode observar que o mastro está cercado por concreto e azulejo pichado, há algumas pessoas no largo, postes de iluminação e construções no entorno.



Desenvolvendo competências

1

Observe as fotos. Qual retrata a época atual e quais são mais antigas? Quais os elementos que você observou nelas que diferenciam os tempos? Faça algumas anotações no seu caderno sobre as impressões dessas diferenças no tempo. Veja se há mudanças em relação à construção, aos transportes, ao tipo de calçamento, ao vestuário, à arborização e a outros fatores.

Essas fotos foram tiradas de um mesmo lugar, da cidade de São Paulo:

- 1) na metade do século XIX, Paredão do Piques;
- 2) no início do século XX, Ladeira e Largo do Piques; e
- 3) em 2000, Largo da Memória.

Leia o texto abaixo sobre aquele local em 1865.

Feito quase todo de alvenaria, o chafariz do Piques, ou da Memória, tinha aspecto próprio da casinha acachapada da primeira metade do século XIX (...)

Pode-se dizer que o chafariz do Piques representou papel importante na história do trânsito em São Paulo.

E eis por quê:

Até o ano de 1865, os ranchos de tropeiros eram o que são hoje as estações rodoviárias ou ferroviárias. É claro que não tinham café expresso nem reclames salpicando-lhes as paredes. Enchia-os, porém, uma dolência romântica. E, a fazer as vezes dos ônibus, locomotivas e vagões, lépidas bestas, sonolentos bois, carros de rodas tôscas e chiantes, (...)

GASPAR, Byron. *Fontes e chafarizes de São Paulo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1970. p.39-41.

O que diz o texto? O que ele conta sobre como era o local? Como ele descreve as construções? O que comenta sobre os transportes?

Você reparou que o autor compara aquela época com um outro tempo? Ele faz referência, por exemplo, aos reclames. Você sabe o que é isso? Era a maneira de as pessoas, até 1970, se referirem às propagandas como as de hoje. Na época dessas fotos (1865 e 1910), você observa a presença de cartazes e propagandas? O autor está aí diferenciando dois períodos: um, em que não era costume ter propagandas pelas ruas; e outro, semelhante ao tempo em que vivemos, quando “a propaganda é a alma do negócio”. Tais características revelam mudanças no modo de vida e na paisagem. Sabemos, também, que o uso

da propaganda está relacionado ao crescimento do comércio e ao tipo de mercadoria.

Por volta de 1865, o transporte utilizado em São Paulo e em outras cidades eram a mula e os carros de boi. De lá para cá, muita coisa mudou. Podemos comparar, por exemplo, os ranchos dos tropeiros daquela época às estações rodoviárias e ferroviárias de hoje. Atualmente, essas estações servem como paradas onde as pessoas descansam e se alimentam; servem para levar as pessoas a outros lugares e também para as trocas de mercadorias. Nos ranchos, os tropeiros faziam as mesmas coisas que fazemos nas estações.

De maneira geral, a organização de muitas cidades está relacionada com as trilhas, os trajetos, os caminhos, as estradas, as ruas e os meios de transporte utilizados pelas pessoas. Podemos dizer, então, que todas as cidades são dependentes dos seus meios de transportes, seja de passageiros, de cargas (mercadorias e outros bens materiais), ou mesmo, atualmente, do transporte de informação (como a *Internet*, os fluxos bancários etc.).

tropeiros

integrantes de tropas de mulas de carga, que compram e vendem gado ou trabalham na lavoura.

dolência

sentimento de dor, de aflição, moleza, uma certa preguiça.

lépidas

rápidas.

tôscas

que não foram lapidadas, rústicas.

chiantes

que chiam ou fazem ruído.

fluxo Bancário

transferência de dinheiro de um credor para um tomador de empréstimo.

O credor é aquele que empresta o dinheiro. Por essa transformação, são cobrados juros, que seriam a remuneração pelo empréstimo. O banco cobra por esse serviço.

alvenaria

qualquer obra de tijolo, pedra, cal (uma parede, por exemplo).

ranchos

grupos de pessoas reunidas para determinado fim em marcha ou jornada.

A CIRCULAÇÃO E OS MEIOS DE TRANSPORTE: A FERROVIA E A HIDROVIA



Desenvolvendo competências

2

Observe o mapa. Repare que a linha azul contínua representa a rodovia, a linha recortada por pequenos traços representa a ferrovia e as hidrovias são representadas por traços bem finos.



Observe as legendas. Analise as suas informações, registrando no caderno o que se segue:

- escreva o nome das regiões onde há mais concentração dos transportes ferroviário, rodoviário, marítimo e hidroviário.
- é possível notar, no mapa de circulação do Brasil, que as regiões Sul e Sudeste possuem maior concentração não só de ferrovias, mas também de rodovias, hidrovias e portos para escoamento de mercadorias. Por que isto acontece?

Procure dar uma resposta pessoal antes de continuar a leitura.

A concentração das vias de circulação ocorreu em função da história dessas regiões. O Sudeste e o Sul do país tiveram, durante muito tempo, a função de abastecer de alimentos o interior, inicialmente, na época da exploração do ouro, de Minas Gerais e Goiás, e, depois, com o cultivo do café, do Estado de São Paulo.

O transporte por tropas de mulas, que saíam do Rio Grande do Sul em direção a São Paulo, além de estar mais sujeito aos roubos e aos desvios, também sofria muito com as chuvas. O açúcar, por exemplo, por várias vezes se estragava quando era transportado para as cidades portuárias. Nesse sentido, a construção das ferrovias acabou por melhorar o deslocamento das mercadorias, por ser um meio de transporte mais rápido e seguro.

O crescimento econômico da região Sudeste impulsionou o desenvolvimento do comércio e dos investimentos em indústria de alimentos e têxteis, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Desde o final do século XIX, São Paulo e Rio de Janeiro se tornaram importantes centros econômicos. Nessas cidades, atualmente, estão os centros financeiros e comerciais do país, além dos diversos setores industriais, como as montadoras de automóveis e siderúrgicas (Volta Redonda-RJ e Cubatão-SP). Dos estados que pertencem às regiões Sudeste e Sul, saem inúmeras mercadorias para outros lugares, dentro do país e fora dele.

Na região Norte, a ferrovia é, em relação a outras regiões brasileiras, inexpressiva e a hidrovia se destaca em função da facilidade de transporte fluvial, como o rio Amazonas (AM).

Na região Nordeste, há predomínio das rodovias. As ferrovias localizam-se no litoral, principalmente em função da produção agrícola e da fruticultura voltadas para a exportação, além de alguns produtos minerais como petróleo e sal. Mas não se pode esquecer a importância da navegação fluvial do Rio São Francisco (de Minas Gerais a Pernambuco).

Já na região Centro-Oeste, as vias de circulação

são poucas, mesclando rodovias, hidrovias e ferrovias até a divisa do Brasil com a Bolívia. Assim, ao ler um mapa, podemos identificar quais meios de transportes estão vinculados aos sistemas de circulação de mercadorias e de pessoas.

AS FERROVIAS E AS HIDROVIAS

No Brasil, a introdução da ferrovia começou no século XIX. Em São Paulo, as primeiras ferrovias foram construídas para transportar o café do interior até o litoral e, a partir daí, ser exportado para a Europa. Em Pernambuco, a ferrovia se espalhou pelo litoral atendendo às necessidades da produção canavieira no Estado. Em Minas Gerais, já no século XX, os trens passaram a levar até o litoral do Espírito Santo o minério de ferro.

A construção de trilhos e estações pelo Brasil representou uma mudança no meio físico, na circulação de mercadorias, no modo de as pessoas se locomoverem entre as cidades e, conseqüentemente, na alteração da paisagem. Representou também o domínio pelas Companhias Ferroviárias das novas técnicas de construção. Foram as companhias inglesas que construíram as primeiras ferrovias no Brasil. Sabiam produzir locomotivas, bitolas e trilhos, dominando técnicas de engenharia para construção de pontes, estações, túneis, e analisar a topografia de um terreno, para o reconhecimento dos terrenos apropriados para implantar os traçados das ferrovias. Muitas cidades foram organizadas em função da produção agrícola do café, das estações ferroviárias e do comércio gerado a partir da implantação deste sistema.

As ferrovias passaram a ser o principal meio de transporte de pessoas e de mercadorias com um custo menor e com uma rapidez inimaginável até então. Além disso, davam todas as garantias de que a carga transportada chegaria em segurança e sem nenhum dano.



Ferrovia Madeira e Mamoré. In: *TRILHAS e sonhos*.
São Paulo: USP: Museu Paulista, 2000.

Observe a foto. Que lugar é esse? Qual a mudança na paisagem para a construção da ferrovia?

Esta é uma foto da ferrovia Madeira e Mamoré, construída dentro da floresta Amazônica, em 1910, na anexação do Acre ao Brasil, no acordo feito entre o Brasil e a Bolívia. Você deve ter percebido que houve um desmatamento, que possivelmente alterou o meio físico.



Ferrovia Madeira e Mamoré. In: *TRILHAS e sonhos*.
São Paulo: USP: Museu Paulista, 2000.

Observe esta outra foto da mesma construção. Repare que o trilho está caído, houve uma erosão do terreno. Como é uma região de muita chuva, com o desmatamento, o solo ficou mais sujeito à ação das chuvas, do vento e das alterações de temperatura, contribuindo para o desgaste (erosão).

meio físico

aqui no texto este termo é utilizado para as modificações que ocorreram na natureza quando houve a implantação de um empreendimento. Para o caso da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, por exemplo, essa mudança pode ser percebida na destinação de uma área voltada para o cultivo de eucaliptos. Esses eucaliptos eram usados para a própria construção de dormentes.

dormente

qualquer madeira estendida no chão para servir de base a um edifício ou trilhos do trem.

Compare os mapas a seguir: Brasil e África. Quais são as semelhanças entre os trajetos das ferrovias do Brasil e da Nigéria? Existe relação entre estes trajetos e a economia de exportação? É interessante perceber que, em ambos, as ferrovias partem do interior para o litoral.



BRASIL: circulação. In: SIMIELLI, Maria Elena Ramos. *Geotlas*. 31. ed. ampl. atual. São Paulo: Ática, 2002. p.94.



MÉRENNE, F. *Géographie des transports*. [S.l.]: Nathan, 1995.

Observe que, assim como no Brasil, o sistema ferroviário africano atendeu aos interesses voltados para a exportação de mercadorias (agrícola e mineral), acarretando economias dependentes do comércio internacional. No início do século XX, por exemplo, o Brasil exportava, para a Europa, o café; a Nigéria, cacau e a Namíbia, diamante e prata.

Leia novamente o mapa de circulação. Preste atenção nos trajetos dos rios e compare com os percursos das rodovias e ferrovias. Observe que, em vários estados brasileiros, a rede hidrográfica é mais intensa, favorecendo o transporte fluvial, como ocorre na região amazônica. É possível

notar também que as ferrovias muitas vezes têm seus traçados próximos aos rios e às rodovias.

Quanto ao transporte hidroviário, ele apresenta uma característica interessante: as principais hidrovias do globo não coincidem necessariamente com os rios mais propícios à navegação. Muitas delas foram implantadas nos locais onde a intensidade do fluxo, o volume e a escala da produção exigiram que os rios se tornassem vias, mesmo que não fossem originalmente navegáveis.

Retome os traçados dos rios. No caderno, descreva o trajeto dos Rios São Francisco, Araguaia, Paraná e Tietê. Repare onde esses rios

deságuam e onde nascem. Você notou que eles passam por várias cidades? Além de serem vias de transportes, os rios também sofrem alterações nos seus cursos com as construções de barragens para as usinas hidrelétricas, com a finalidade de gerar energia.

Para pensarmos mais um pouco sobre as vias de circulação no Brasil, vamos analisar dois casos. O primeiro é o porto de Santos, um dos maiores do Brasil, que contribuiu em muito para o escoamento do café produzido no interior de São Paulo. Ao mesmo tempo em que ele foi construído, houve a necessidade de se fazer estradas de apoio à ferrovia que vinha do interior de São Paulo. A estrada, a ferrovia e o porto fazem parte de um sistema de transporte para circular as mercadorias.

Isso fica mais claro ao analisarmos o segundo caso: o porto de Paranaguá (PR), que recebe as mercadorias a partir da hidrovia Tietê/Paraná. Esses rios integram todos os sistemas de transportes, criando o que se chama de corredor de exportação especializado em grãos. Observe que há portos relacionados com os principais rios que são navegáveis e outros que foram estruturados independentemente do transporte fluvial. Como você viu antes, os tropeiros utilizaram-se desses trajetos.

Ao observarmos esses sistemas de transportes, notamos a relação entre o meio físico e a organização das cidades, pois em diferentes tempos as sociedades foram criando técnicas para se comunicar e transportar suas mercadorias. Por exemplo, as hidrovias são utilizadas como via de transportes dependendo das condições dos próprios rios e das técnicas para as construções das embarcações. Isso significa, portanto, que todas as atividades humanas interferem na paisagem.

Você se lembra de que, desde o início do capítulo, mostramos que, na organização das cidades, ocorreram várias alterações na paisagem original, como as construções das casas e das estradas de ferro.

Essas mudanças na produção dos objetos interferiram no modo de vida das pessoas. Assim como nas construções que aparecem nas fotos no início do capítulo, em cada período ou época as pessoas vão conhecendo novos objetos e técnicas. Essas mudanças também ocorreram durante as construções das vias de transportes e dos portos. Você já estudou a importância dos transportes e constatou que eles são os meios pelos quais as mercadorias chegam em todos os lugares para serem consumidas. De que modo as mercadorias chegam em sua cidade?



Desenvolvendo competências

3

Teste seus conhecimentos

Retome o mapa da pág. 150, do Brasil, e observe os meios de transportes representados nele. De acordo com o mapa os estados com maior concentração de ferrovia e rodovia são, respectivamente:

- a) São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.
- b) Mato Grosso do Sul, São Paulo e Bahia.
- c) São Paulo, Goiás e Rio de Janeiro.
- d) Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul.

AS MUDANÇAS DAS TÉCNICAS NO CAMPO

Em todos os lugares e tempos, a alimentação humana é importante. A produção agrícola de alimentos e a sua comercialização contribuíram para a organização do espaço e a formação das cidades.

Leia uma lista de alimentos básicos para uma família brasileira atualmente (2002) que contém os seguintes itens:

- 5kg de arroz
- 2kg de feijão
- 2 pacotes de macarrão
- 3kg de açúcar
- 1kg de café
- 1 lata de óleo de soja
- 1kg de trigo
- 1kg de farinha de mandioca
- 1kg de sal
- 1 lata de molho de tomate

Verifique se são estes também seus alimentos cotidianos. Há outros alimentos que você consome diariamente que não estão nesta lista? Anote em seu caderno os que são consumidos por você e sua família.

Agora, leia a lista de alimentos que poderia ser consumida pela maioria da população na década de 30 do século XX.

- Arroz
- Farinha de milho
- Banha
- Sal
- Feijão

Comparando as listas, você deve ter notado que ocorreram muitas mudanças. Mas será que só os alimentos mudaram com o tempo? Será que a forma de produzi-los também não sofreu transformações? Será que a forma como temos acesso a eles, como são embalados, processados e vendidos também não mudou?

Ao anotar as diferenças e semelhanças dos alimentos consumidos antigamente e os de hoje, você pode notar que alguns produtos não existiam naquela época e outros, sim. Podemos dar o exemplo do óleo ou gordura, que antigamente era a banha de porco e hoje é o óleo de soja, muito comum nas atuais cestas básicas.

Os estados do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Paraná apresentam extensas áreas ocupadas pelo cultivo de soja, destinado ao preparo de vários tipos de alimentos, como biscoitos, macarrão, queijos e óleo, além da ração animal.

A produção da soja, destinada principalmente para a exportação, é realizada em grandes propriedades e com intensa mecanização (uso de tratores, colhedoras, sistema de irrigação mecanizado, uso de fertilizantes e adubos).

De modo semelhante a essas áreas, vários lugares do mundo tornaram-se especializados num único produto, como é o caso dos grandes cinturões dos Estados Unidos (EUA) que se especializaram na produção de algodão e de cereais, entre outros produtos.



Preparo da terra em curvas de nível. Cascavel, PR.
(Delfim Martins. Agência Pulsar).

Ao ler a foto, você nota as mudanças que ocorreram na produção do campo. É possível observar que há um número muito pequeno de pessoas trabalhando. A partir desse exemplo, pode-se entender que, à medida que as técnicas utilizadas no campo tornaram-se mais intensivas e mecanizadas, houve um aumento na produção de alimentos e, conseqüentemente, uma mudança nos hábitos alimentares e uma nova forma de organização do espaço. Ou seja, menos pessoas vivendo no campo, mais trabalhadores sem terra e assalariados.

O interior do Brasil é um grande produtor de alimentos. Em diferentes regiões, as técnicas de plantio variam de acordo com a cultura local, o poder aquisitivo dos proprietários, o acesso à terra, o tamanho das propriedades, os projetos de investimentos dos governos municipais, estaduais e federal, entre outros fatores socioeconômicos. Portanto, essas regiões têm escoamento pelas estradas e transportes, como vimos anteriormente.



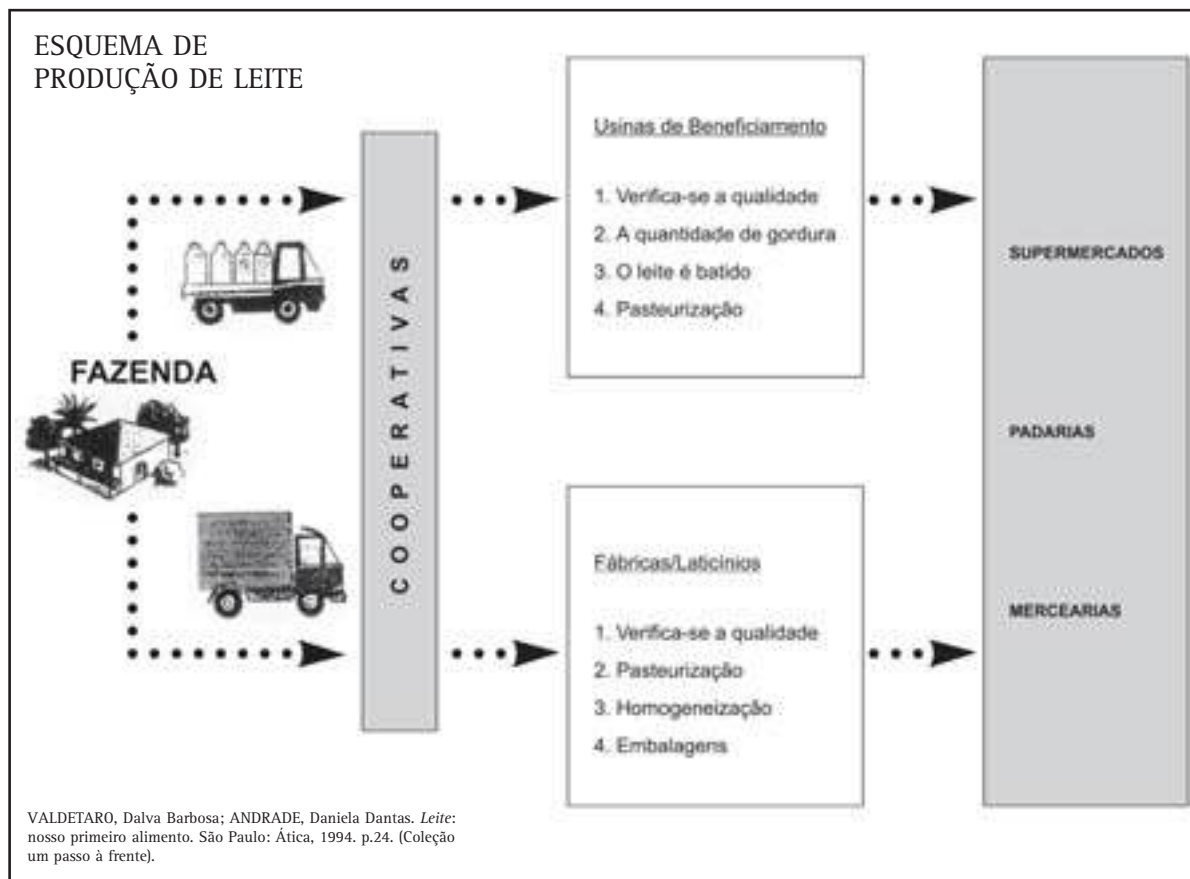
Desenvolvendo competências

4

Retome a leitura da foto (p.153). Escreva em seu caderno as atividades que estão presentes. Qual o objeto técnico que aparece? A cidade onde você vive tem atividade agrícola? Se tiver, qual a produção que predomina?

PRODUÇÃO E CONSUMO

Pense na cidade onde você mora e em todas as mercadorias que você consome. Pense nos alimentos e nas roupas que você utiliza. De que maneira esses produtos chegam até você? Qual a influência que eles têm na sua vida? Você deve ter notado que todos esses produtos são fabricados em lugares diferentes, por vários trabalhadores envolvidos na produção, desde a pessoa que extrai a **matéria-prima** até o motorista que os transporta e o comerciante que os vende. Observe o esquema:



matéria-prima

esta palavra nasceu com o surgimento das fábricas, justamente para diferenciar entre o produto bruto e o industrializado. Como exemplo, podemos nos lembrar do algodão. Se ele ainda não foi trabalhado na fábrica para ficar branco e limpo, ele está em sua forma ao natural, como saiu da planta. Ou seja, ele é a matéria-prima para a produção dos fios e tecidos nas fábricas.

O esquema da página anterior mostra as etapas e as diferentes atividades realizadas pelos trabalhadores. Podemos acompanhar a transformação da matéria-prima em produto industrializado, como resultado do emprego de técnicas e do desenvolvimento tecnológico existente na produção dessa mercadoria.

A NOÇÃO DE OBJETO TÉCNICO

Há objetos que compõem o espaço geográfico criados pelo próprio homem, isto é, são objetos artificiais. Podemos chamar esses objetos artificiais de objetos técnicos.

Devemos destacar esse conceito, pois é a partir da invenção de novos objetos que o homem altera suas possibilidades de desenvolvimento. A um meio geográfico natural, composto de objetos naturais, a humanidade vai acrescentando novas ferramentas, novas construções, novos equipamentos produtivos, todos artificiais, que vão tornando o meio geográfico cada vez menos um meio natural e cada vez mais um meio técnico, artificial.



Desenvolvendo competências

5

Registre no caderno as mudanças que você observou na elaboração dos produtos. Quais atividades estão presentes nesse esquema?

Todas as etapas mostram que ocorreram transformações na produção da mercadoria. Em cada uma dessas etapas, os trabalhadores participam, de forma especializada, no processo de fabricação de um único produto.

Essa mudança no modo de produzir os bens de consumo acelerou a busca de conhecimentos tecnológicos cada vez mais específicos.

Voltando para o estudo da lista de alimentos, observe que, se fôssemos voltar para o início do século XX, a maneira como as pessoas consumiam era bem diferenciada da que conhecemos hoje. Naquele período, a população, na sua maioria, vivia no campo, não havia geladeira, a carne era conservada em tigelas com banha e grande parte dos alimentos era plantada no local e consumida ao natural. Atualmente, esses produtos saem do campo e passam por algum processo de transformação industrial.

Antigamente, por exemplo, o feijão e o arroz eram comprados por quilo, passavam pelo beneficiamento, mas não eram ensacados e nem tinham marcas; o macarrão e o biscoito eram caseiros; não havia óleo enlatado; as pessoas usavam banha para cozinhar. Isso significa que os alimentos consumidos eram naturais, sem nenhum processo de conservação e industrialização. Hoje, na lista de alimentos básicos, todos os produtos são industrializados: massa de tomate, sardinha em lata, pacote de macarrão, café moído e embalado, lata de óleo e todos que passaram por algum tipo de

transformação nas indústrias.

Note que a quantidade de embalagens que sobra no final do consumo de alimentos é um dos fatores do aumento da quantidade de lixo. Esse é um problema que aflige a população urbana das sociedades contemporâneas, e que era muito menor antigamente.

Você pode notar, também, que todas as transformações na vida da sociedade brasileira estão expressas nas modificações dos alimentos que consumimos.

Os produtos da década de 30, como o feijão e o arroz de nosso exemplo, eram consumidos pelas pessoas que não viviam no campo. Esses alimentos, se, por um lado, eram naturais, por outro, não duravam quase nada. À medida que crescia o número de pessoas na cidade, o ritmo de vida ficava mais intenso. Com isso, o comércio se intensificou e as pessoas passaram a não ter mais tempo para produzir tudo em casa. Daí surgiram os alimentos processados, enlatados e embalados pelas fábricas, o que fez ampliar a circulação de dinheiro.



Desenvolvendo competências

6

Obtenha o rótulo de pelo menos cinco produtos que são consumidos por você ou sua família e registre:

- o nome do produto;
- o local de origem do produto (onde é produzido);
- a data de validade e de fabricação;
- o tipo de produto (vegetal, laticínio, cereal etc.);
- os tipos de trabalho envolvidos nas etapas de produção dessa mercadoria.

Observe, em sua casa, como os alimentos estão embalados. Por exemplo, o plástico dos saquinhos de arroz e feijão, a caixa do leite e o óleo que vem enlatado ou em garrafas plásticas mostram como as técnicas e os instrumentos foram desenvolvidos.

A partir dessas questões, uma relação maior entre os produtores e o comércio foi estabelecida. Além disso, o uso de matéria-prima aumentou, as fábricas dinamizaram a produção e foi necessário

melhorar a forma de transportá-la para agilizar o fluxo ou circulação de mercadorias.

Até esse momento você estudou:

- as mudanças que ocorreram na produção;
- as mudanças no consumo dos alimentos e os hábitos alimentares;
- as etapas das transformações da matéria-prima em produto industrializado.

O CONSUMO MUNDIAL E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Nas grandes cidades brasileiras, como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Fortaleza, por exemplo, podemos observar os cartazes e as propagandas de diversos produtos consumidos pela maioria da população mundial. Isso transmite a idéia de um mundo globalizado, onde um produto de uma mesma marca pode ser vendido ao mesmo tempo em diferentes países. Por exemplo, um produto vendido no Brasil pode ser encontrado em supermercados ou lojas nos Estados Unidos, na Argentina e em outros países.

Observe, nas ruas da cidade onde mora e nos meios de comunicação, as propagandas dos produtos industrializados. Note que eles podem ser consumidos em vários lugares. Quais são os motivos que você daria para explicar esse fato?

Durante séculos, o comércio se manteve estruturado em necessidades básicas, como alimentação e vestuário. Hoje, ele está fundamentado no desejo e no estilo de vida adotado pelas pessoas. As mudanças no modo de vida, nos hábitos de consumo, bem como os produtos que são consumidos em quase todos os países são características que revelam uma necessidade das empresas mundiais, que querem ter seus produtos circulando pelo mundo. Esse processo recebe o nome de globalização.

A era do consumo é a explosão da procura ou da solicitação mundial por produtos, que chegam rapidamente a todas as nações, das mais ricas às mais pobres. Independentemente dos níveis de desenvolvimento, o que mais se deseja é mergulhar no mundo das compras.

As indústrias articulam-se com as agências de publicidade para influenciar cada faixa do mercado consumidor: crianças, adolescentes, adultos e idosos. A influência da publicidade veiculada pela televisão é grande e já existem diversos estudos que mostram, por exemplo, a grande participação de adolescentes na compra de alimentos e carros. Cada faixa do mercado consumidor é estimulada a consumir determinados produtos, mesmo sem necessidade, alimentando a economia capitalista e criando um hábito, cujo objetivo principal é o lucro.

Leia a seguinte seqüência que relata o processo de produção e de consumo de um produto eletrônico:

Um rádio pode ser produzido na China, ser vendido na Coréia e no Brasil, ser comprado em Manaus por um paraense que pode levá-lo para a sua família em Carajás, a qual poderá inteirar-se do que acontece no mundo todo.

Esse relato pode ocorrer com qualquer produto que consumimos. Esse processo caracteriza como os lugares vão sendo organizados a partir da produção e da circulação de mercadorias. As formas de trabalho nos diferentes períodos históricos caracterizam a cultura e a técnica das sociedades.

Durante a leitura do capítulo você pode notar que o desenvolvimento tecnológico influencia o modo de vida das pessoas. Os seres humanos aprimoraram cada vez mais as técnicas de cultivo, de transporte, de manufatura, que requeriam maior especialização. Por exemplo, em uma fábrica, cada setor era especializado em uma parte do produto.

Atualmente, em função do desenvolvimento tecnológico, encontram-se robôs na linha de produção, e os trabalhadores passam a ter um maior conhecimento do processo de fabricação do produto. Essas mudanças estimularam o deslocamento das pessoas para os lugares onde havia trabalho nas indústrias e no comércio, concentrando as populações nas partes do globo em que estas técnicas estavam mais desenvolvidas.

O século XX caracterizou-se pelo desenvolvimento industrial e tecnológico, principalmente, a partir de 1950. No século XXI, esperam-se mudanças cada vez mais rápidas em consequência das novas descobertas e dos avanços nas pesquisas científicas.

Os países em desenvolvimento, por exemplo, estão intensificando o processo de industrialização, implementando novidades nas linhas de produção. Já os de economia desenvolvida, como os Estados Unidos, Canadá, Japão e os países da Europa Ocidental, vêm substituindo a tecnologia industrial pela que é estruturada no conhecimento tecnológico mais avançado, na biotecnologia e na inteligência artificial. Esse países, de acordo com a função que exercem na economia mundial, denominada de **divisão internacional do trabalho**, controlam as pesquisas em relação à tecnologia industrial. No entanto, atualmente, esses mesmos países investem em tecnologia de ponta nos chamados **tecnopólos**, áreas industriais onde se localizam as maiores empresas mundiais de tecnologia na área de informática, engenharia e pesquisas científicas.



Desenvolvendo competências

7

Observe o mapa. As áreas com um círculo indicam países que possuem inovação científica e tecnológica. Leia a legenda e registre em seu caderno o nome dos países que possuem maior concentração industrial e áreas dos tecnopólos.

Não foram apenas os equipamentos que se modernizaram, mas também aconteceram mudanças no modo de vida das pessoas e alterações na ordem econômica mundial. Além disso, o comércio necessitou organizar-se para atender à competição do mercado mundial e as empresas se articularam para dinamizar o mercado consumidor, aumentando a disputa entre elas.

A reorganização do espaço e a mundialização da economia com a interferência de muitas empresas

e blocos econômicos que modificaram o modo de vida e as formas de trabalho configuraram uma nova ordem da divisão do trabalho. Isso pode ser observado na organização das indústrias e do sistema financeiro, na produção agrícola, nos meios de comunicação e no desenvolvimento tecnológico, sempre sob influência dos países ricos e industrializados.

Pensar a globalização é repensar a importância de ser cidadão, à medida em que se fala numa

bloco econômico

conjunto de países que estão organizados em função de interesses econômicos comuns. Os países que fazem parte de um bloco disputam a hegemonia por meio da concorrência comercial. Por exemplo, Área de livre comércio (ALCA E NAFTA); União Aduaneira (MERCOSUL); Mercado Comum (União Européia).

A Organização Mundial de Comércio – OMC define que uma área de livre comércio só se constitui quando 85% do comércio é livre. Cada país estabelece o imposto de importação para os produtos de países não signatários do acordo, ou seja, os países que não assinaram o acordo comercial, e também as regras para a circulação de dinheiro, serviços e pessoas. Dinamizar o mercado consumidor e estabelecer uma nova reorganização espacial das empresas são fatores que permitem uma dimensão maior para a economia mundial na atualidade, conhecida como uma das etapas da globalização.

globalização da mercadoria, do mercado financeiro e não do homem como cidadão do mundo.

Nessa última parte do capítulo, você estudou como as mudanças tecnológicas influenciaram o modo de vida das pessoas, como o comércio se organiza

mundialmente e as mercadorias são consumidas, como se localizam os pólos industriais em todo o mundo. No conjunto desse capítulo, você pôde estudar como as sociedades contemporâneas foram organizando o espaço geográfico.



Desenvolvendo competências

8

Teste seus conhecimentos:

1. *Retome o mapa dos Espaços Industrializados da página 158. As áreas mais desenvolvidas encontram-se:*

- a) *no continente Americano e Europeu, que constituem hoje as áreas mais desenvolvidas e que passaram por um processo de industrialização recente.*
- b) *em todos os países que investem na rápida substituição das máquinas industriais por robôs.*
- c) *nos locais que investem na sofisticação da produção industrial.*
- d) *no Japão e nas Filipinas, porque ambas são regiões densamente industrializadas.*

2. *Leia o trecho da música Pela Internet, do cantor e compositor Gilberto Gil.*

Eu quero entrar na rede para contactar

Os lares do Nepal, os bares do Gabão

E o chefe da polícia carioca avisa pelo celular

Que lá na praça Onze tem um videogôquer para se jogar.

GIL, Gilberto. *Quanta gente veio ver*. [S.l.]: WEA, [19--]. 1 CD.

O acesso à informação no Nepal, no Gabão e no Brasil foi possível:

- a) *com a substituição das matérias-primas utilizadas pela indústria tradicional e, conseqüentemente, com a ampla utilização do sistema de transporte desses países.*
- b) *quando os países investiram na modificação da forma de produção, fator este que contribuiu para a mudança do modo de vida das pessoas.*
- c) *com a manutenção das atividades industriais desenvolvidas, desde o início do período industrial.*
- d) *quando os países especificados passaram a se organizar em blocos econômicos e a ter um desenvolvimento semelhante ao dos países europeus.*



Conferindo seu conhecimento

3

Resposta correta: (a).

4

1. *As atividades presentes estão relacionadas às práticas agrícolas: preparar a terra para o plantio e organização do terreno em curva de nível.* 2. *O objeto técnico que aparece é o trator.*

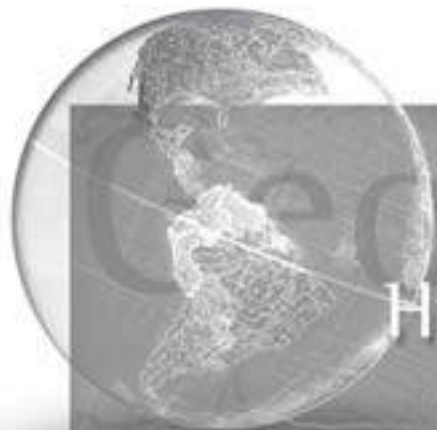
8

Resposta: 1(c); 2(b).

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar aspectos da realidade econômico-social de um país ou região, a partir de indicadores socioeconômicos graficamente representados.
 - Caracterizar formas de circulação de informação, capitais, mercadorias e serviços no tempo e no espaço.
 - Comparar os diferentes modos de vida das populações, utilizando dados sobre produção, circulação e consumo.
 - Discutir formas de propagação de hábitos de consumo que induzam a sistemas produtivos predatórios do ambiente e da sociedade.
 - Comparar organizações políticas, econômicas e sociais no mundo contemporâneo, na identificação de propostas que propiciem equidade na qualidade de vida de sua população.
-



Geografia

História e Geografia

Ensino Fundamental

Capítulo IX

ESTADO E DEMOCRACIA NO BRASIL

COMPREENDER OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DAS
INSTITUIÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS A PARTIR
DE DIFERENTES FORMAS DE REGULAMENTAÇÃO DAS
SOCIEDADES E DO ESPAÇO GEOGRÁFICO.

Jaime Tadeu Oliva

Capítulo IX

Estado e democracia no Brasil

ONDE COMEÇA A ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE

Em nossa sociedade, os governantes são escolhidos pela população. Essa possibilidade faz parte de nosso regime político e se denomina democracia. Desde quando a democracia está instituída entre

nós? Quais são suas bases, vantagens e dificuldades? Qual o papel de cada cidadão num regime político e social orientado pela democracia? Observe o cartaz abaixo.



Figura 1 - Charge política sobre o voto de cabresto. RETRATO do Brasil. Partido Democrático: 1928. [S.l.]: Política Ed., 1984. p. 249. Cartaz.

Esse desenho não parece um tanto estranho? Aparecem dois homens, mas um deles está caricaturado como se fosse um cavalo. Suas orelhas são grandes e, sobre seu rosto, há um **cabresto**. Você sabe para que se usa cabresto nos cavalos? Olhando o que está escrito dá para se notar sua finalidade? Afinal, por que representar um homem como um cavalo sendo guiado por outro? Você vê graça nessa propaganda? Você notou a data do desenho?

Você já ouviu a expressão “voto de cabresto”? E “curral eleitoral”? Mesmo que não tenha ouvido, dá para pensar nelas a partir das seguintes observações:

- 1) o cabresto é usado no cavalo para dirigi-lo;
- 2) no desenho, alguém está depositando seu voto, guiado por um cavaleiro;
- 3) no curral aprisionam-se cavalos, para que seus donos os controlem. Dá para saber agora o que é um “voto de cabresto”? Esse desenho é uma **charge política**. As charges políticas são formas cômicas e irônicas de criticar os costumes e as práticas políticas.

O VOTO DE CABRESTO

A primeira Constituição republicana (1891) estabeleceu o voto direto para eleitores alfabetizados. E a exigência da alfabetização excluía a maioria da população do direito de votar. Além disso, o voto continuou aberto e o poderio dos coronéis latifundiários, que comandavam seu “curral eleitoral” por meio da troca de favores e da violência, permaneceu. Afinal, os camponeses eram dependentes de terra para viver e por isso se submetiam à sua vontade sendo fiéis eleitoralmente. Como o voto não era secreto, podia ser facilmente controlado. Esse voto ficou conhecido como voto de cabresto. Eis um relato a respeito do voto de cabresto: No dia das eleições, a Mesa Receptora dos Votos interferia em todos os sentidos sobre o eleitorado. Quando se apresentava um analfabeto para votar, os próprios componentes da Mesa preenchiam as cédulas e assinavam as listas de presença. Aos indesejáveis, sob qualquer alegação, mandavam prender. (...) A interferência policial era notória e os amedrontados eleitores faziam muitas vezes questão de mostrar claramente a quem se destinava seu voto, para evitar futuras complicações. Dessa forma, nada havia de livre ou de secreto na maneira de votar; sempre existiu a coerção, inclusive com a presença maciça de capangas do Coronel.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. *O coronelismo: uma política de compromissos*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p.51. (Tudo é história; 13).

Foi o Código Eleitoral de 1932, no governo Vargas, que trouxe importantes alterações. O voto tornou-se obrigatório e secreto, em pleitos regulados pela justiça eleitoral.

Agora vamos pensar numa cena atual. Quem ainda não viu, nas épocas das eleições políticas, cenas como os candidatos pedindo votos em lugares pobres, abraçando as pessoas, beijando crianças e comendo em bares bem modestos?

Quem nunca viu isso ao menos já deve ter ouvido muita gente comentar que, na política atual, *os políticos aparecem na época das eleições para pedir nosso voto e nesse momento eles nos tratam muito bem. Beijam crianças, distribuem cestas*

básicas e outros brindes, conseguem os votos a troca de presentes, de favores e de promessas, e depois das eleições somem.

Para pensar nessas situações apresentadas (na charge política e no comentário popular), estudaremos alguns aspectos de nossa sociedade. Você sabe o que é a **Constituição brasileira**? Você sabe que nela estão as leis principais que servem para organizar a vida no Brasil? Como foram feitas essas leis, como funcionam e o que significam são

os assuntos que vamos estudar. Vamos ver o que aparece na Constituição logo no seu início:

“Todo poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou indiretamente, nos termos desta Constituição”.

Título 1 – Dos Princípios Fundamentais – Parágrafo único do Artigo 1º.
In: BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988; atualizada até a Emenda Constitucional nº20 de 15-12-1998. 21. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

A CONSTITUIÇÃO

Ser parte do primeiro Artigo da Constituição mostra a importância desse parágrafo. A Constituição brasileira possui 250 Artigos, que são divididos em nove partes, ou melhor, nove títulos.

O Artigo 1º encontra-se no Título 1, que é “Dos princípios fundamentais”. Como você sabe, **princípio** quer dizer início, o que vem primeiro, o que começa. **Fundamental** vem do verbo fundar. Você já ouviu falar das fundações de um edifício, de uma casa? Ou então dos alicerces, que quer dizer a mesma coisa que fundações? É possível construir um prédio de vários andares sem alicerces? Caso se faça uma casa sem alicerces, o que pode acontecer com ela?

Assim, os princípios fundamentais, que compõem o Título 1 da Constituição, têm o mesmo papel dos alicerces em uma construção. Eles são os alicerces da sociedade brasileira. O Artigo 1º, portanto, é a primeira pedra com a qual se inicia o processo de construção de nossa sociedade.

O que quer dizer esse parágrafo do Artigo 1º? Qual a palavra mais importante? Quais as palavras que você não entende? É sempre bom, quando não entendemos alguma palavra de uma leitura, consultar um dicionário. Por exemplo: o que quer dizer a palavra **emana**? Dizer que algo emana do povo, quer dizer que **vem** ou **sai** do povo. Esse Artigo 1º está dizendo que o que vem do povo é o **poder**. Essa é a palavra mais importante, o poder: o poder de decidir o destino e a vida em geral da sociedade brasileira.

Todo poder emana do povo! Quer dizer: todos nós juntos temos esse poder. Mas, será que cada um de nós diretamente decide sobre o que tem de ser

feito em cada comunidade, em cada cidade, no país de um modo geral? Ou são outras pessoas que fazem isso em nosso lugar? Mas como essas pessoas, que têm o poder de decidir o nosso destino, conseguiram esse poder? Quem deu? Se você reler o parágrafo do Artigo 1º da Constituição, lá encontrará a resposta.

Depois de entender bem esse Artigo 1º da Constituição, vale pensar em algumas questões: Será que, de alguma forma, ainda existe voto de cabresto hoje em dia? Se o voto de cabresto ainda permanece no Brasil, será que o que a charge política sobre o voto de cabresto mostra está de acordo com o Artigo 1º da Constituição brasileira atual? E entregar votos a candidatos que “compram” nossos votos com brindes, cestas básicas e com outros agrados faz justiça à idéia de que **todo poder emana do povo**?

Quando formos votar, como podemos saber se nosso voto é um tipo atual do voto de cabresto ou é um “voto vendido”? Como avaliar as consequências dessas formas de corrupção do voto? Como evitar essa situação?

O VOTO DE CABRESTO HOJE

Observe o trecho do artigo abaixo:

Quando se trata de grotão, no Brasil o voto é mesmo de cabresto, como o trabalho do grupo de Cesar Romero – o Novo Atlas Eleitoral do Brasil – deixa claro. Há municípios e regiões que votam exclusivamente em quem o chefe político local mandar. E o chefe é sempre dependente dos poderes estaduais e centrais.

O voto obediente do interior, JB online. Acesso em 20 maio 2002.

Deu para notar, lendo o Artigo 1º, que o poder que emana do povo será entregue a pessoas que nos **representarão** nas instituições que usam esse poder? Os candidatos que estão “comprando” os votos estão sendo nossos representantes. Mas, se formos obrigados a votar em alguém, ou então vendermos nosso voto, os políticos que forem eleitos dessa forma serão nossos legítimos **representantes**?

Sabemos que são muitos os candidatos que querem nos representar. Os candidatos nos pedem

os votos de várias formas. Algumas são legítimas e outras não garantem uma relação legítima entre nós e nossos representantes. Observe algumas formas abaixo. Aproveite e classifique-as em legítimas e inconvenientes:

- Propaganda nas rádios e nas televisões.
- Distribuição de objetos de propaganda (camisetas, fotografias, canetas, por exemplo).
- Oferta de pequenos brindes à comunidade (bolas e jogos de camisas de futebol, cestas básicas etc).
- Distribuição de papéis escritos, cartazes, dizendo o que defendem, a que partidos pertencem e o que vão fazer como nossos representantes.
- Promessa de benefícios para a comunidade (aumento de empregos, instalação de rede de água e esgoto, construção de escolas etc.).

- Atendimento no gabinete para lhes fazer favores pessoais (um emprego, promoção em cargo público; ajuda para se aposentar; uma vaga para internação no hospital etc.).

TODO PODER EMANA DO POVO?

Não basta a Constituição brasileira dizer que todo poder emana do povo. É preciso verificar se é o povo realmente que está exercendo o **poder de conduzir o destino da sociedade**. Se não sabemos o que fará o nosso representante, como então ele pode ser nosso representante?

Um exemplo pode ser encontrado no quadro O Voto de Cabresto Hoje. É comum as pessoas obedecerem à ordem dos chefes políticos locais e votar em quem eles mandam. Como um candidato escolhido por um voto de cabresto pode ser nosso representante?



Desenvolvendo competências

1

Vamos discutir melhor essas questões e, para tal, vamos propor algumas atividades. Procure responder às questões propostas e solucionar os problemas que vamos colocar:

1. *Considerando a Figura 1, por que o texto do cartaz diz: “Vamos acabar com essa vergonha”? Escreva a seu modo o que é o voto de cabresto. Você acha que em nossos dias ainda existe quem vote sob ameaça ou coação, apesar de o voto ser secreto?*
2. *Examine essa situação: Época de eleição num bairro pobre. Chega um caminhão de cestas básicas da prefeitura. Aí o aviso: elas serão distribuídas pelo candidato a prefeito apoiado pelo prefeito atual. Escolha abaixo a afirmação que está errada:*
 - a) *Quem vota em troca de uma cesta básica está vendendo seu voto, como numa relação vendedor e cliente.*
 - b) *Quem vota num candidato que oferece algum brinde, acaba não sabendo o que o seu candidato vai defender se for eleito.*
 - c) *Quem vota num político por que ele prometeu arrumar emprego e facilitar a aposentadoria do eleitor, está vendendo seu voto.*
 - d) *Se tivéssemos que escolher um nome para a situação de quem vota em troca de uma cesta básica, clientelismo político seria um bom nome.*
 - e) *Antes de votar num candidato devemos pedir benefícios pessoais. Se não for assim, o político some depois de conseguir nosso voto.*

*Se você respondeu que a errada é a (e), você acertou, pois não é função do voto conseguir benefícios pessoais. Isso é uma forma de **corrupção do voto**.*

PARA PENSAR...

1. Se você trabalha numa empresa privada, ou num órgão público, e na época da eleição o seu chefe diz que você tem que votar em alguém, e que, caso você não vote, as coisas podem não ficar bem para você, o que você faz? Como é chamado esse tipo de voto?
2. Quando um político promete uma série de benefícios para nossos bairros, (por exemplo, que vai trazer o asfalto, posto de saúde etc) como saber se podemos confiar nele ou não?
3. Você concorda que os políticos, depois que conseguem nossos votos, esquecem-se do que prometeram? Que é impossível confiar neles, pois, na verdade, **usam seus cargos políticos** para seu benefício pessoal?

Pense nas conclusões a que chegou. Veja a afirmação seguinte: especialistas em política dizem que aqueles que votam em troca de um favor, ou são obrigados a votar, conforme a vontade de um chefe político, estão numa **relação denominada clientelismo político**.

Agora que você sabe o que é o clientelismo político, procure responder:

- O que você acha do comportamento de pessoas que dizem que político bom é aquele capaz de lhe arrumar emprego?
- Você acha normal ignorar o que o **político** eleito por nós anda fazendo com o cargo que lhe demos?
- Numa situação de clientelismo político, há desperdício de quem vota? Como participar da vida política do país sem ser na forma de clientelismo político?
- O que precisamos saber e como devemos nos comportar para não sermos tratados apenas como **clientes** e sim como **cidadãos**?
- Você acha que sua vida e a sociedade brasileira de um modo geral seriam melhores se eliminássemos o clientelismo político?

QUAL A EXTENSÃO DO CLIENTELISMO POLÍTICO NO BRASIL?

Quando alguém deixa que seu patrão decida em quem ele vai votar, porque se sente ameaçado, está numa situação que atualiza o tradicional voto de cabresto. Esse é um caso clássico de clientelismo político.

Você percebeu que a Figura 1, sobre o voto de cabresto, é de 1928? É algo de 74 anos atrás. Na época que a Figura 1 retrata, a maioria da população brasileira vivia no campo, ligada a sítios e fazendas, trabalhando em agricultura. É comum dizer-se que quem vivia no campo tinha menos informação, se interessava menos por política e por isso podia ser uma vítima mais fácil do clientelismo político. Mas, atualmente, uma boa parte da população vive nas cidades. Nelas, as pessoas teriam mais informações e a política seria algo mais presente em suas vidas.

Você acha que, com a transferência da maioria da população para as cidades, não existe mais clientelismo político? Caso exista, onde acontece mais? Lugares pobres, lugares ricos? Cidades pequenas, cidades grandes?

Evitar o clientelismo político é algo muito difícil. Todavia, para ser **cidadão consciente** e dono de sua vontade, é necessário fazer valer o Artigo 1º, que diz que todo poder emana do povo. Para isso, é indispensável que saibamos mais sobre as relações políticas e suas funções na sociedade. Afinal, boa parte do que acontece no país e em nossas vidas depende disso.

Vamos dar um exemplo dessa necessidade: quando um candidato a **deputado** ou a **vereador**, na época da eleição, promete para a nossa comunidade que vai trazer asfalto, água encanada, pontes, postos de saúde, escolas, polícia e outras coisas mais, se votarmos nele, será que ele está nos prometendo algo que ele pode fazer? Mandar asfaltar e construir escolas

não é algo que quem tem o poder de fazer é o prefeito, ou o governador?

Quais são as verdadeiras funções de um deputado ou de um vereador? O que ele pode fazer para nos representar? Quando votamos num candidato, temos que saber o que ele deve fazer, para não termos falsas expectativas. Ao saber que um deputado não pode construir pontes, por exemplo, estamos menos sujeitos a ser enganados. Estamos mais preparados para combater o clientelismo político.

A POLÍTICA: ELEMENTO ORGANIZADOR DA SOCIEDADE

Você consegue imaginar uma sociedade funcionando sem regras? Cada pessoa fazendo o que quer? Como seria a convivência entre as pessoas? Viver em sociedade é estabelecer algumas regras de convivência sem as quais não pode haver sociedade.

Somente pensando no que significa uma sociedade podemos definir qual é o **papel da política**. Afinal, o que é a política e para que ela serve? Quando num grupo humano é preciso tomar decisões sobre qualquer coisa, está se exercendo o poder de decidir. Por isso, o primeiro passo para transformar um grupo humano numa sociedade é organizar a maneira de exercer o poder. Definir como o poder vai ser organizado é a **função da política**.

Pense na sociedade na qual você vive: quem vai dirigir sua cidade? Quem vai decidir se vai asfaltar uma rua ou não? Quem tem o poder de arrecadar dinheiro para construir um hospital? Para decidir se um país entra numa guerra contra outro país? As sociedades, ao longo de sua história, foram definindo essas questões do poder de várias maneiras. E definir isso é um dos passos fundamentais na formação da sociedade.

Algo tão importante quanto saber quem vai exercer o poder numa sociedade é saber como fazer para que essas pessoas sejam respeitadas.

Como fazer para que as pessoas que exercem o poder sejam aceitas como aqueles que têm o poder. A **política** é exatamente a atividade que deve resolver as questões da **legitimidade do poder**. Se o poder não for respeitado, ele não será legítimo.

O modo como nossa sociedade faz política tem origem na Grécia Antiga. Entre os séculos VIII a VI a.C., fundavam-se, na civilização grega, as primeiras cidades. Em grego, a palavra cidade é *polis*. Justamente dessa palavra surge a palavra **política**. Entre outras razões, porque tomar decisões sobre os rumos da sociedade – quer dizer, **exercer o poder** – era algo feito na cidade. Na *polis*.

Exercer o poder, como diz o Artigo 1º da Constituição, por meio de **representantes escolhidos** é uma forma de organizar a política da sociedade.

Vamos refletir sobre um aspecto fundamental, que é um alicerce dessa forma de organizar a política. Como se tomam decisões na sociedade, desde as questões cotidianas de nossas vidas, passando pelo trabalho, pela escola, chegando até o nível do poder político geral?

Vejamos um exemplo: imagine uma família em que o casal tenha filhos trabalhando e estudando e que a mulher também trabalhe. O marido recebe uma boa oferta de emprego, só que numa cidade bem distante daquela em que eles moram. Sem conversar com ninguém, ele decide aceitar o emprego e quer que toda a sua família vá com ele. Ele decidiu considerando somente suas necessidades. Não considerou nem os interesses de sua mulher, nem os de seus filhos. Essa é uma decisão **autoritária**. Essa palavra é de origem grega: *autós* que quer dizer *por si próprio, de si mesmo*.

Agora, imagine, numa escola, os diretores tomando decisões autoritárias. E nos ambientes de trabalho, proprietários e chefes fazendo o mesmo e igualmente no campo do poder político. Podemos falar, nesse caso, que uma sociedade que funciona assim é uma **sociedade autoritária**. Até que ponto uma sociedade pode funcionar bem desse modo?

Imagine um país inteiro funcionando como a família daquele pai autoritário?

Mas, se a Constituição brasileira diz, no seu Artigo 1º, que todo poder emana no povo, as decisões têm de alguma maneira de sair do povo. Na língua grega, existe uma palavra, *demos*, que quer dizer povo. E existe outra *krátia*, que quer dizer poder. Se juntarmos *demos + krátia*, teremos a palavra **democracia**. Podemos concluir então que poder que emana do povo é a mesma coisa que democracia? Você está de acordo que democracia quer dizer que, ao tomar decisões, ao fazer suas escolhas na vida social, você deve levar em consideração mais do que o *autós* (interesse próprio)?

Mais uma vez, o parágrafo único do Artigo 1º da Constituição brasileira deve ser lido. Notem que ele diz que a **democracia** será exercida por meio de representantes eleitos. Por isso o regime político, que é um dos alicerces de nossa

sociedade, é chamado de democracia representativa. Mas será que o princípio da democracia colocado no Artigo 1º de nossa Constituição já garante que nossa sociedade seja democrática? Ou será que se trata de um princípio, mas ainda há muito que fazer para nossa sociedade ser de fato democrática?

Pelo que você conhece do mundo, há outros países que organizam as questões de poder na sociedade por meio da democracia representativa? Como dá para saber se há democracia representativa nos outros países? O fato de existirem eleições num país já é um indicativo de que pelo menos em alguma medida há democracia na sociedade? Você acha que a maioria das sociedades do mundo atual baseia-se na democracia representativa? Se uma sociedade não se baseia na democracia representativa, baseia-se no quê?



Desenvolvendo competências

2

Para aprofundar essa discussão, vamos fazer agora mais uma atividade:

Observe o quadro que vem a seguir. Observe diretamente seu conteúdo visual para ver se você sabe o que ele está retratando. Tente responder às questões que vamos colocar a seguir:



Figura 2

Obviamente, seu olhar vai se dirigir antes de tudo para a pessoa que está num primeiro plano. Você sabe quem é ela? Mesmo que você não saiba, dá para perceber que é um rei, um imperador, alguém desse tipo? Por quê?

Quais são os elementos presentes no quadro que permitem afirmar-se que se trata de um rei, de um imperador? Tente descrevê-los.

E como você sabe que os elementos descritos (por exemplo, a roupa e a coroa) são típicos de um rei?

O que será que esse quadro está retratando? Parece ser uma situação especial? Por quê?

As pessoas que ali estão parecem ser pessoas comuns do povo ou não?

Feita a descrição e depois de tirar suas conclusões, leia as informações da legenda do quadro.

QUADRO de MELO E FIGUEIREDO, Pedro Américo de. *D. Pedro II na Abertura da Assembléia Geral.*

Esse quadro representa o imperador na Assembléia Geral que se reunia duas vezes ao ano. A cerimônia retratada teve lugar em 3 de maio de 1872. No quadro, aparecem também figuras importantes do cenário político do império: Visconde de Abaeté, o Marquês (depois Duque) de Caxias, Visconde do Rio Branco, a Imperatriz D. Teresa Cristina, a Princesa Isabel, o Conde d'Eu e o Marquês de Tamandaré.

Esse quadro diz respeito à história do Brasil, num momento em que o Brasil já era independente de Portugal. Nesse período, o poder político no Brasil estava nas mãos de uma monarquia. Numa monarquia, o poder fundamental é do rei, ou do imperador como no caso do Brasil. Esse é um quadro que retrata D. Pedro II, Imperador do Brasil. Mas por que o poder era de D. Pedro II? Quando um imperador é substituído? Ele é substituído por quem? Pelo seu filho ou por alguém escolhido pelo povo? Se ele for substituído pelo seu filho, podemos dizer nesse caso que todo poder emana do povo?

Você certamente conhece muitas histórias de povos e sociedades comandadas por reis e rainhas, com príncipes, princesas, duques e condes. Vários países europeus, por exemplo, tiveram seus destinos comandados por monarquias. Notem que, no quadro de D. Pedro II, estão presentes marqueses, viscondes, condes, imperatriz, princesa etc. Quer dizer, o Brasil também já foi assim. Será que as monarquias vêm sendo substituídas por regimes de democracia representativa em muitos lugares do mundo? Desde quando?

Agora, uma questão muito importante: se o poder pertencia a uma família real e aos seus descendentes, conseqüentemente ele não vinha do povo. Mas, como o povo aceitava que as decisões sobre suas vidas fossem tomadas por um homem que ele não escolheu? Como aceitava que alguém tivesse o poder só porque era filho do rei anterior?

Se a população aceitava, era porque ela respeitava as regras de funcionamento da monarquia, algo que pertencia às tradições da sociedade. A família do rei, em geral, era aceita como a dona do poder porque sua história se confundia com a história do próprio país. A família real era tratada como algo sagrado. Reparem nas roupas de D. Pedro II. Ele não está vestido como alguém muito diferente dos outros seres humanos? Não parece alguém sagrado?

Por outro lado, organizar a vida política a partir do poder que emana do povo, com base na democracia, é ao mesmo tempo, construir uma característica de um outro tipo de sociedade: as sociedades modernas.



Desenvolvendo competências

3

Considerando a formação da sociedade a partir da organização do poder político, vamos sugerir uma atividade que reflita e procure solucionar os problemas que vêm a seguir:

Considerando o Artigo 1º da Constituição brasileira e o quadro de D. Pedro II, qual das duas situações ocorre numa sociedade moderna? E qual ocorre numa sociedade tradicional?

Qual é a fonte do poder do rei? E numa sociedade moderna, qual é a fonte do poder dos dirigentes políticos?

*Comente as situações abaixo, considerando o que você entendeu por **democracia representativa**.*

- *Votar num candidato em troca de uma bola de futebol significa dizer que quem faz isso está abrindo mão de sua função política.*
- *Se procurarmos saber o que o político eleito fará no seu cargo, se não aceitarmos dar nosso voto em troca de favores, e somente após decidirmos se vamos votar nele ou não, estamos, nesse caso, exercendo melhor nossa função política. Como conseguir informar-se melhor?*

Leia o texto a seguir:

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), D. Jayme Henrique Chemello, 69, fez um apelo ontem por um voto consciente... 'Eu peço um voto consciente, que o eleitor não brinque porque depois vai pagar quatro anos, vai amargar'... 'A única coisa que já fizemos foi entrar em contato com o Tribunal Superior Eleitoral no sentido de não permitir a corrupção eleitoral, para que não se vendam votos'... 'Há quem pense: Não vou ganhar nada, um saquinho de leite já é alguma coisa. Quando a gente está na fome mesmo, não dá para pensar muito. Orientamos as pessoas para que conheçam os candidatos e os partidos...'

FARAH, Paulo Daniel. Povo será enganado de novo, diz CNBB. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p.A11. 20 abr. 2002.

*Escolha a alternativa que está **errada**:*

- O Bispo da CNBB está alertando os eleitores para que eles não caiam numa situação de clientelismo político.*
- D. Jayme H. Chemello está dizendo que não vender o voto é dar um voto consciente.*
- O Bispo está dizendo que dar o voto em troca de um saquinho de leite é a melhor coisa que um eleitor pode fazer, quando está com fome.*
- O líder religioso está dizendo que não dar um voto consciente, e vender o voto, é algo que depois vai trazer prejuízos ao eleitor e à sociedade.*
- Pode-se deduzir que a opinião do Bispo é a de que combater o clientelismo político é algo que o eleitor tem que fazer.*

É lógico que o Bispo não está defendendo o que está na resposta (c). Ao contrário, o texto do Bispo Chemello é um alerta contra os males do clientelismo político. É um apelo para que o eleitor, quando votar, não tenha como referência apenas sua necessidade imediata e que pense no futuro, que pense na política como algo que está construindo o país e que deve ser feito em benefício da população como um todo. Por isso, ele não está de acordo que se venda um voto por um saquinho de leite. Por isso, ele pede que as autoridades tomem providências para que as pessoas em condições de fragilidade (em situação de miséria, por exemplo) não sejam assediadas por políticos que praticam a corrupção política na forma de clientelismo político.

O ESTADO: CONSOLIDAÇÃO DAS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DAS SOCIEDADES

Na maioria das sociedades atuais, está mais ou menos estabelecido que, diante de problemas como as dificuldades econômicas da população, o desemprego, a criminalidade, a falta de água, a falta de escola etc., devemos cobrar providências do Estado ou, dito de uma maneira mais popular, do governo.

O que é o **governo**? Como ele se constitui e quais são suas obrigações? Por que podemos e devemos cobrar de um governo que solucione problemas como os que foram mencionados?

Agora já sabemos que, no mundo atual, a maioria das sociedades procura se organizar com base na democracia representativa. Isso quer dizer que elas procuram se constituir como sociedades modernas. Porém, ter democracia representativa é apenas uma das características de uma sociedade moderna. Para entender quais são os **elementos que organizam sociedades** desse tipo, é preciso conhecer alguns aspectos da história dessas sociedades.

Como já vimos, as sociedades européias se organizavam com base na monarquia. Você sabe por que elas foram abandonando essa forma de poder e foram assumindo a democracia representativa? E por que, no Brasil, isso aconteceu também? É necessário saber que **mudanças na vida política das sociedades** costumam se dar no interior de um conjunto de **mudanças de outros elementos que compõem as sociedades**. Nas sociedades européias, as transformações que ocorreram não dizem respeito apenas à mudança de monarquia para democracia representativa. Na verdade, o que ocorreu foi um conjunto de transformações ligadas entre si. Essas transformações vêm ocorrendo na Europa desde o

século XV. A própria colonização do Brasil é um produto dessas transformações.

Anteriormente às transformações, as sociedades européias eram sociedades de poucas variedades de atividades econômicas (praticamente só agricultura) e com a maioria de suas populações morando no campo. A ampliação nas relações comerciais, o desenvolvimento da indústria, a migração das pessoas para as cidades e o surgimento de classes sociais que antes não existiam, como os donos de empresas industriais e os trabalhadores assalariados, provocaram importantes mudanças. Os novos interesses econômicos e os das novas classes acabaram assim por **se chocar** com os interesses ligados à monarquia, por exemplo. Foi neste contexto – ao longo dos séculos XVII e XVIII – que ocorreram mudanças políticas na Europa. As monarquias foram perdendo **poder**, e esse poder foi sendo lentamente transferido a grupos e classes sociais que estavam lutando para fazer valer seus interesses. Este foi o caso, por exemplo, da França, onde, por meio de uma revolução popular, foi implantada uma **democracia representativa**.

É preciso notar que essas **transformações políticas** (da monarquia para a democracia representativa) foram desiguais, em vários aspectos, nos diversos países europeus. Os ritmos das mudanças foram distintos, os choques de interesses entre novas classes e a monarquia tradicional provocaram conflitos de graus diferentes, o tempo dessas mudanças variou. Houve mesmo situações nas quais a monarquia sobreviveu e passou a conviver com formas de democracia representativa – caso da Inglaterra,

por exemplo. E houve outras, nas quais a própria monarquia foi a principal impulsionadora das mudanças socioeconômicas.

Mas, tendo em conta uma escala de tempo mais larga, o que se constata é que, de um modo geral, o poder tradicional das monarquias desapareceu. Isso porque as sociedades sofreram tantas transformações que o poder político não pode mais continuar baseado na preservação de tradições.

Foi no interior desse processo que começou a se estruturar o Estado moderno, com uma máquina administrativa e política, organizada em vários níveis de atuação, que se equipará com um conjunto cada vez maior de instituições especializadas. Desse modo, sua presença na vida das sociedades se ampliará enormemente.



Desenvolvendo competências

4

Vamos propor uma atividade na qual vocês devem procurar responder os problemas que serão colocados.

Vamos caracterizar o que eram as sociedades européias do século XV e o que são as sociedades modernas atuais. Você deve ler atentamente as afirmações e separá-las em dois grupos: grupo 1 – sociedades do século XV; grupo 2 – sociedades modernas atuais.

- () Poder fixo e nas mãos de uma família real (monarquia).*
 - () Estado de grande envergadura, funções especializadas e atuação intensa na vida social e econômica.*
 - () Atividades econômicas com base na indústria, que emprega um número elevado de empregados em regime de assalariamento.*
 - () Sucessão política do líder do poder político somente após a sua morte, pelo seu filho mais velho.*
 - () Regime de democracia representativa com mudança de poder político constante, a cada período eleitoral.*
 - () Estado reduzido, sem grandes responsabilidades de atuação, sem a obrigação de construir obras, desenvolver serviços etc.*
 - () Atividades econômicas pouco diversificadas, quase que inteiramente baseadas em atividades agrárias.*
 - () Maioria da população vivendo no campo; cidades pouco habitadas e pouca importância econômica.*
-

COMO SE ORGANIZA O ESTADO BRASILEIRO

Imagine agora que você está diante do seguinte problema:

- Período de eleição. O assunto principal dos candidatos em suas propagandas é a questão do aumento da **criminalidade no Brasil**.
- O candidato A disputa uma vaga de **deputado estadual** e defende que, para diminuir a criminalidade no Brasil, é preciso **mudar a lei** e instalar a **pena de morte** no país. Defende também policiais que são acusados de violentos e de não respeitarem os direitos humanos, dizendo que bandido deve realmente morrer, que a população não deve sustentar bandido irrecuperável na cadeia.
- O candidato B a **deputado federal** diz que, para diminuir a criminalidade, deve-se, antes, combater suas causas, que elas são causas sociais ligadas à questão da pobreza e à falta de educação. Diz ser **contra a pena de morte**, que já votou contra por ocasião da promulgação da Constituição de 1988.

Você está diante de **duas posições contrárias** a respeito do mesmo problema. Vale a pena examinar as duas opiniões, porque elas vão nos ajudar a entender a estrutura do Estado brasileiro. Vão nos ajudar, também, a entender melhor qual nosso papel diante de um assunto tão grave.

Antes de definirmos se concordamos com o candidato A ou com o candidato B, é recomendável fazer algumas análises preliminares das duas posições. Nesse caso, o que significa analisar? É examinar parte por parte de cada argumento. Depois de feita a análise, é que se volta a pensar no todo.

Vamos separar primeiro o que deve ser analisado: 1) o que é o cargo político de **deputado**; 2) o que significa se candidatar a **deputado federal** ou a **deputado estadual**; 3) por que motivos os policiais que são extremamente violentos em suas ações estão violando os direitos humanos.

A análise desses três pontos nos dará uma visão do funcionamento do Estado brasileiro. Vamos ao primeiro. Os representantes eleitos, a quem damos nosso poder, vão exercer esse poder em que

lugar? Nas **instituições** que formam o Estado brasileiro. Agora você deve estar se perguntando: o que são **instituições** e como se organizam essas instituições?

Certamente, na cidade em que você mora, há um prefeito ou uma prefeita. Esse prefeito foi eleito. Ele tem um poder que **emanou** do povo. Durante o mandato, a cidade sofre com uma epidemia de dengue. O que a prefeitura pode fazer? Será que todas as prefeituras possuem Secretaria de Saúde? Admitamos que sua cidade não tenha. Diante da epidemia, funda-se, então, uma **Secretaria de Saúde**. Isso significa que:

- 1) a prefeitura tem agora uma nova **instituição** – a Secretaria da Saúde; 2) agora pode praticar **ações regulares** que formam uma **política de saúde**.

São **instituições do Estado**: secretarias diversas, como de transportes, de educação, de segurança; delegacias, escolas e universidades públicas; outros órgãos, como **Assembléia Legislativa**, **Câmara de Vereadores**, o **Congresso Nacional**, fóruns, tribunais de justiça etc. Para saber quais são todas as instituições do Estado, como se organizam, como funcionam, que serviços devem prestar à sociedade e quem terá o **poder de comandá-las**, é preciso conhecer a **lógica de organização do Estado**.

Qual a diferença entre um deputado e um prefeito? Entre um governador e um vereador? Entre o presidente da República e um Senador? Você sabe que existem muitos deputados num Estado, mas só há um governador? Como diferenciar esses cargos políticos? Dois aspectos são fundamentais para se saber a lógica de um Estado moderno:

- O poder será dividido no Estado em três esferas: **executivo, legislativo e judiciário**. Vejam como é o Artigo da Constituição brasileira que estabelece esse princípio: “**São Poderes da União, independentes e harmônicos entre si, o Legislativo, o Executivo e o Judiciário**”. (Título 1 – Dos Princípios Fundamentais – Art. 2º da Constituição Federal de 1988);

direitos humanos

É comum a acusação de desrespeito aos direitos humanos feita contra policiais, visto a enorme quantidade documentada de mortos em diligências policiais.

- O poder do Estado será exercido junto a toda população brasileira que está distribuída num vasto território em três níveis geográficos: Federal (nacional), Estados (regional) e Municípios (local). Observem o Artigo da Constituição brasileira que estabelece esse princípio: “A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado democrático de direito...” (Título 1 – Dos Princípios Fundamentais - Art. 1º da Constituição Federal de 1988);

Esses dois aspectos-chave estão no Título I da Constituição brasileira “Dos Princípios Fundamentais”. São, na verdade, desdobramentos do princípio da democracia. São partes dos alicerces do país. Sendo assim, podemos tirar duas conclusões:

- Nada do que está escrito nos outros títulos e Artigos da Constituição brasileira pode contrariar esses Princípios Fundamentais.
- E nada do que ocorre em nossas vidas pode entrar em desacordo com esses Princípios Fundamentais.

Por que o Estado moderno brasileiro possui tantas subdivisões? O que isso tem a ver com o princípio da democracia representativa? Você já pensou nisso? Você já ouviu alguém dizer que essas subdivisões só servem para aumentar o número de políticos que vão enriquecer no exercício do poder? Mas será mesmo? Você não acha que numa sociedade tão populosa, distribuída num território imenso, com tanta diversidade de interesses e com tantas necessidades e carências como a nossa, o

Estado deve ser muito bem organizado e presente em todas as situações e regiões?

Para se exercer o poder numa sociedade qualquer, é preciso: 1) que existam regras e leis; 2) que se promovam políticas e ações para organizar e estimular a economia, promover a saúde, difundir a educação e a cultura, equipar as cidades e o espaço de um modo geral de infra-estrutura (estradas, portos, rede de água e energia, telecomunicações etc.); 3) que todos os conflitos e as quebras de lei sejam julgados para que as regras sociais sejam mantidas.

Se pegássemos, do parágrafo anterior, os números referentes ao exercício do poder, que palavras você atribuiria a cada um deles, dentre essas três que se seguem? executivo (aquele que executa políticas e ações); legislativo (o que legisla, quer dizer cria leis); judiciário (o que julga, garante a justiça).

Quando, em sua cidade, após uma tempestade, constata-se que houve uma enchente que destruiu 4 casas e derrubou uma ponte, não é normal esperar que o governo faça alguma coisa? Mas que governo? O presidente da República? O governador do Estado ou o prefeito? E se o país sofrer uma invasão por parte de um exército estrangeiro numa parte da Amazônia? Devemos igualmente esperar que o governo faça alguma coisa? Mas que governo? O prefeito de nossa cidade ou o presidente da República?

Ao responder às questões acima, você verá que realmente é preciso que o Estado moderno se organize em níveis geográficos de atuação. Dito de outra maneira: as escalas de atuação são de vários níveis. A escala maior de poder é a Nacional, a escala intermediária é a Regional e a escala menor é a Local. Você está de acordo que o prefeito é poder local e o presidente é poder nacional?



Desenvolvendo competências

5

Que tal você experimentar um exame detalhado do Estado moderno brasileiro? Mas, antes, você deve tomar dois cuidados para evitar confusões:

- No Brasil, a escala de poder intermediário, que é a regional, é chamada oficialmente de **estado**. Por exemplo: estado do Amazonas e estado de Santa Catarina. **Atenção:** esse uso não deve ser confundido com o uso da palavra “Estado”, que é aquilo que designa o conjunto de instituições que a sociedade constrói para organizar suas vidas numa sociedade moderna. Nesse último sentido, o estado como nome da escala de **poder regional** é apenas uma das instituições do Estado nacional;
- Aquilo que chamamos de **governo** não é o **Estado brasileiro inteiro**. Trata-se apenas do poder executivo (o presidente, o governo do estado e o prefeito). Às vezes confundimos o Estado inteiro com o governo, porque é o **poder executivo** o responsável por ações diretas que afetam imediatamente nossas vidas. Mas o estado tem outros poderes que não são governo, mas são igualmente importantes para as sociedades.

Considerando esses cuidados, procure agora resolver os problemas que serão apresentados:

- Abaixo, você vê um mapa de Divisão Política do Brasil. A escala de poder nacional é representada pelo mapa inteiro e pela **capital federal**, que está assinalada com a sigla DF. A escala de poder local está representada apenas por um ponto em cada estado. Examine o mapa com atenção e liste todos os estados (escala de poder regional) tentando dar seus nomes (no mapa encontram-se apenas as siglas). Faça, por fim, uma contabilidade de quantos estados temos no Estado nacional.



*Considerando os três poderes (legislativo, executivo e judiciário) e os níveis de organização do Estado (nacional, regional e local), examine os cargos listados abaixo e diga a que **poder** pertence cada um deles e em que nível geográfico de organização do poder ele atua.*

- Senador
- Prefeito
- Juiz do Supremo Tribunal
- Desembargador da Vara Criminal do Paraná
- Deputado Federal
- Vereador
- Governador
- Deputado Estadual

• *A seguir, procure explicar quais são as funções de cada um dos cargos mencionados. Por fim, de todos os cargos apresentados, quais os que são ocupados por pessoas eleitas (nossos representantes) e quais não são? Você sabe dizer por que alguns dos cargos da lista não são preenchidos por eleição?*

VOLTANDO À QUESTÃO DA PENA DE MORTE

Você se lembra do candidato A e do candidato B e de suas posições sobre o combate à criminalidade? Lembra que o candidato A defende a pena de morte? Leia, a seguir, o Artigo 5º da Constituição brasileira do título “Dos princípios fundamentais”:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade...

A pena de morte não contraria a “inviolabilidade do direito à vida”? Mesmo uma pessoa que foi condenada por ser criminosa tem direito à vida, isso porque esse Artigo da Constituição diz que “todos são iguais perante a lei”. O que isso quer dizer? Não está claro que, para instituir a pena de morte no Brasil, é preciso mudar esse Artigo da Constituição? E quem pode mudar?

Vamos ler o Artigo 25 da Constituição:

Os Estados organizam-se e regem-se pelas Constituições e leis que adotarem, observados os princípios desta Constituição.

Esse Artigo refere-se à escala de poder regional, o estado. E o que está dito nesse Artigo? Que cada estado deve ter constituição própria, mas essa não pode ferir os princípios da Constituição federal (da escala de poder nacional). A **inviolabilidade do direito à vida** é um dos princípios fundamentais da Constituição federal. Logo, a pena de morte não pode ser instituída num estado. Para isso, seria preciso, antes, mudar a Constituição federal. Essa conclusão lhe parece correta?

Agora que você sabe o que é um Deputado estadual, você acha que o **Candidato A**, que defende a pena de morte, está se candidatando para o cargo correto? Ele não teria que se candidatar a Deputado Federal, já que é nessa escala de poder legislativo que se decide sobre mudanças na Constituição? O que, então, esse candidato está querendo? Não é estranha sua posição? Não é estranho ele defender a pena de morte num nível de poder em que nada disso pode ser feito e, ao mesmo tempo, defender a ação violenta da polícia?

O que você acha da afirmação favorável à eliminação de “bandidos” pela polícia como, por exemplo, ocorreu no caso da Casa de Detenção do Carandiru, em São Paulo, onde 111 presidiários foram assassinados. Muitos deputados estaduais de São Paulo defenderam essa ação como defendem outras semelhantes da polícia daquele Estado.

Fiquemos com o caso de mortes de pessoas nas ruas em confrontos com a polícia. O que importa aqui não é se a morte foi necessária: por legítima defesa do policial, ou por legítima defesa de uma vítima, de um refém. E sim que, seja em que circunstância for, a morte na ação policial é sempre defendida por certos personagens da vida política e da imprensa.

Para pensar sobre isso, veja mais um trecho da Constituição brasileira, ainda do seu Artigo 5º, Parágrafo XXXVIII, *é reconhecida a instituição do júri... assegurados: a) a plenitude de defesa...*

Há, ainda, um outro parágrafo (XXXIX), do Artigo 5º que vale a pena ser discutido: *não há crime sem lei anterior que o defina, nem pena sem prévia comunicação legal.*

Uma pessoa acusada de ter cometido um crime será encaminhada para o poder judiciário e lá deverá ter pleno direito de defesa. Uma pessoa só

será considerada criminosa se houver lei que diga que aquilo que ela fez é crime e depois de julgada oficialmente.

Concluindo essa trajetória da qual você participou, buscando compreender como se formam e como funcionam as instituições políticas de uma sociedade moderna, que tal uma questão final? quando um policial – com apoio de pessoas poderosas, muitas vezes eleitas – resolve executar um suposto criminoso nas ruas, o que acabou de acontecer? Não aconteceu um desmoronamento total dos princípios (dos alicerces) sobre os quais nossa sociedade deve se construir? Vejamos: ele julgou a pessoa e decidiu que ela era criminosa – quer dizer, cumpriu o papel do **poder judiciário**; ele decidiu aplicar a pena de morte – uma lei que não existe, que ele acabou de fazer, quer dizer, ele virou também o **poder legislativo**. E como membro do poder executivo que ele é, agiu contra todas as leis existentes. Então para que democracia representativa, se um policial pode concentrar tanto poder? Esse poder que ele está usando emanou do povo? Contra quem esse **poder ilegal** será usado? Contra que segmentos da sociedade? Para quem serão reservados os procedimentos legais e contra quem serão usados esses poderes não democráticos e ilegais?

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar os processos de formação das instituições sociais e políticas que regulamentam a sociedade e o espaço geográfico brasileiro.
 - Estabelecer relações entre os processos de formação das instituições sociais e políticas.
 - Compreender o significado histórico das instituições sociais considerando as relações de poder, a partir de situação dada.
 - Discutir situações em que os direitos dos cidadãos foram conquistados, mas não usufruídos por todos os segmentos sociais.
 - Comparar propostas e ações das instituições sociais e políticas, no enfrentamento de problemas de ordem econômico-social.
-